



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL

FELIPE SILVA SALES

**FOGO CRUZADO EM CANUDOS: SERTANEJOS EM TENSÃO ENTRE O
MODERNO E O TRADICIONAL NA ÓTICA DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA**

SÃO FÉLIX – BAHIA

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CULTURAL

FELIPE SILVA SALES

**FOGO CRUZADO EM CANUDOS: SERTANEJOS EM TENSÃO ENTRE O
MODERNO E O TRADICIONAL NA ÓTICA DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA**

Texto apresentado para Defesa de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade de Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural. Área de Concentração: Arqueologia - Linha de Pesquisa: Populações, Ambientes e Culturas
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sarah de Barros Viana Hissa

SÃO FÉLIX – BAHIA

2025

FELIPE SILVA SALES

FOGO CRUZADO EM CANUDOS: SERTANEJOS EM TENSÃO ENTRE O MODERNO E O TRADICIONAL NA ÓTICA DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Texto de Defesa de Mestrado, realizado sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Sarah de Barros Viana Hissa, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural (PPGAP), do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural, na concentração: Arqueologia, linha 1: Populações, ambientes e culturas.

Cachoeira, 04 de agosto de 2025.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Documento assinado digitalmente
gov.br SARAH DE BARROS VIANA HISSA
Data: 04/08/2025 19:44:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr^ª. Sarah de Barros Viana Hissa (Orientadora)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente
gov.br HENRY LUYDY ABRAHAM FERNANDES
Data: 05/08/2025 09:52:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª. Dr. Henry Luydy Abraham Fernandes (Membro Interno)
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Documento assinado digitalmente
gov.br LUIS CLAUDIO PEREIRA SYMANSKI
Data: 05/08/2025 13:11:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luis Cláudio Pereira Symanski (Membro Externo)
Universidade Federal de Minas Gerais

Sr. repórter já que tá me entrevistando, Vá anotando pra botar no seu jornal, Que meu Nordeste tá mudado, Publique isso pra ficar documentado - Que meu Nordeste tá mudado, publique isso pra ficar documentado (...)

“Nordeste Pra Frente”

Compositores: Luiz Gonzaga Do Nascimento / Luiz De Franca Guilherme De Queiroga Filho

AGRADECIMENTOS

Agradecer é bom! Começo assim a parte mais saborosa dessa deliciosa etapa da minha vida. Sim, o mestrado foi uma etapa cansativa, mas deliciosa porque realizei meu sonho como arqueólogo: estudar minha gente, meu povo, os sertanejos, meu sertão, minha memória, minha ancestralidade, tendo o importante palco de Canudos como objeto. Esse palco não só moldou minha região, mas moldou o Brasil. Portanto, meu primeiro agradecimento vai a minha brava gente sertaneja, que luta pelo hoje, pensando no amanhã, mas sempre respeitando o ontem.

Agradeço profundamente ao meu pai (Renildo) e à minha mãe (Cristina), que sempre fizeram tudo por nossa família e são minha base de sustentação. À minha família — minha esposa amada (Bárbara) e meus dois filhos (Joaquim e Bento), razão maior da minha existência, só tenho a dizer uma coisa: a melhor parte é estar com vocês! Expresso também minha gratidão às minhas irmãs (Amanda e Elis), companheiras de jornada e de harmonia/amor familiar que tanto nos nutre. Nada melhor que ser unido aos seus. Meu agradecimento também vai aos avós, tios, primos e amados/queridos sobrinhos.

Ao meu Pai, Oxóssi, o Orixá que me guia, fortalece e sustenta com sua energia sagrada e ancestral, muito obrigado. Sou seu Ogã com muito amor e compromisso! Ao meu padrinho Boiadeiro e ao meu Exu, toda a gratidão pela proteção diária. Ao meu amável Pai de Santo, Geovane Silva, agradeço o carinho e energias positivas. Obrigado a todos os irmãos de santo que seguram a peteca do nosso Axé (Ilê Axé Jitolobi, Araci, Bahia) diariamente.

Não poderia deixar de mencionar, com eterna gratidão, aqueles que me moldaram enquanto arqueólogo e profissional desde 2007. Na UNIVASF: professores Mauro Farias, Vivian Sena, Waldimir Neto e Celito Kesting. Vocês sempre serão meu norte! No MAE/UFBA (e hoje na UFRB), agradeço aos professores Fabiana Comerlato e Carlos Costa, que me deram as primeiras oportunidades de estágio e retomaram as rédeas da minha trajetória acadêmica novamente no PPGAp/UFRB. À minha orientadora no PPGAp/UFRB, professora Sarah Hissa, registro meu

agradecimento especial pelo carinho, paciência e orientação firme, que foram fundamentais para a construção desta dissertação. Ao prof. Luydy Fernandes, agradeço por ser fundamental no meu início de trajetória de mestrado. Sou um pouco de cada um de vocês. Obrigado! Obrigado mesmo. A Arqueologia do Nordeste está em ótimas mãos com essas pessoas. Agradeço às minhas colegas de mestrado, Maria Eduarda Medeiros e Vanessa Dantas, pelas palavras de conforto nos momentos certos. Agradeço também aos demais colegas e demais professores do PPGAp/UFRB ao longo de todo esse curso de mestrado.

Essa dissertação não teria saído sem a expressiva ajuda dos amigos da Uneb: professora Cleonice Vergne (obrigado, obrigado e obrigado, amiga!), Renato Natan e Juliana Ribeiro, além do prof. Luiz Paulo; bem como ao meu querido povo da Univasf: Alessandra Rocha, Shilton Paes e Marlene Costa. Todos vieram a campo e me ajudaram nas análises e atividades. Agradeço a Nina Rosa, que me ajudou muito no início com a construção teórica do texto. Agradeço também ao professor Paulo Zanettini, por ter começado com respeito e bravura esse trabalho em Canudos, assim como por sempre estar disposto a me ouvir e ajudar nesta pesquisa. O senhor sempre será uma referência minha. O agradecimento também vai a Paulo Régis e Ana Clara, de Canudos, pelo apoio nas atividades. A história é minha, é nossa, é de vocês! Obrigado! Agradeço também a Jorge Bastos, de Tucano, por me dar acesso à rara bibliografia de José Dionísio Nóbrega que fornece informações sobre a propriedade das terras em Canudos antes da guerra.

Agradeço a todos os meus clientes, sócios, parceiros e amigos pela paciência durante estes 02 anos de mestrado. Sem vocês, eu não teria a mínima condição de colocar comida na mesa, financiar do bolso essa pesquisa e ainda estudar. Obrigado! Agradecer é um ato de amor e carinho com nossa história e minha trajetória não seria nada sem vocês todos aqui listados.

RESUMO

A dissertação intitulada *Fogo Cruzado em Canudos: Sertanejos em Tensão entre o Moderno e o Tradicional na Ótica da Arqueologia Histórica* tem como objetivo interpretar a cultura material oriunda do Parque Estadual de Canudos (PEC), com ênfase nos fragmentos de louça e cerâmica coletados em campanhas arqueológicas realizadas entre 1986 e 1999. O estudo busca compreender como esses artefatos, presentes em diferentes camadas de ocupação da região, expressam dinâmicas sociais, econômicas e simbólicas, marcadas por tensões entre o tradicional e o moderno no sertão baiano do século XIX.

A partir dos referenciais da Arqueologia Histórica e da Arqueologia Contextual, a pesquisa analisa os vestígios vinculados à antiga Fazenda Velha — espaço anterior ao arraial conselheirista — e aos contextos da Guerra de Canudos (1896-1897), focalizando práticas cotidianas, formas de consumo, produção artesanal e estratégias de apropriação material. A investigação revela a presença de uma população social e culturalmente heterogênea, formada por indígenas, descendentes de escravizados, vaqueiros, pequenos agricultores, conselheiristas e remanescentes das elites fundiárias locais. Essa diversidade se expressa nos repertórios técnicos e estéticos dos objetos analisados, sugerindo múltiplos sentidos e usos para os artefatos domésticos, que vão além da funcionalidade e operam como marcadores identitários e de resistência.

O trabalho também enfrenta os desafios metodológicos impostos pela ausência de documentação sistemática das escavações anteriores, propondo uma abordagem alternativa que articula análise de acervo, revisão documental, levantamento oral e levantamento etnohistórico. A aplicação da fórmula de Stanley South e a leitura crítica da cronologia dos materiais possibilitam datar práticas e ocupações, ao mesmo tempo em que revelam a defasagem entre produção e descarte em contextos periféricos. A partir disso, o sertão de Canudos é reconstituído não como um espaço isolado ou atrasado, mas como um território de circulação, disputa e reinvenção cultural, onde a modernidade é apropriada seletivamente e reconfigurada em meio à precariedade e ao conflito.

Ao lançar luz sobre os modos de vida sertanejos e suas formas materiais de expressão, a dissertação contribui para reavaliar as narrativas sobre Canudos e amplia o papel da Arqueologia Histórica como ferramenta para repensar os silêncios e ausências da historiografia tradicional. Canudos emerge, assim, como símbolo de uma identidade plural e em disputa, cujos vestígios arqueológicos oferecem caminhos para entender os embates estruturais da formação social brasileira.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica oitocentista, Canudos, Modernidade, Tradição e Sertanejos.

ABSTRACT

The dissertation entitled *Fogo Cruzado em Canudos: Sertanejos em Tensão entre o Moderno e o Tradicional na Ótica da Arqueologia Histórica (Crossfire in Canudos: Sertanejos in Tension Between the Modern and the Traditional from the Perspective of Historical Archaeology)* aims to interpret the material culture originating from the Canudos State Park (PEC), with emphasis on pottery and ceramic fragments collected during archaeological campaigns conducted between 1986 and 1999. The study seeks to understand how these artifacts, found in different occupational layers of the region, express social, economic, and symbolic dynamics marked by tensions between tradition and modernity in the 19th-century backlands of Bahia.

Drawing from the theoretical frameworks of Historical Archaeology and Contextual Archaeology, the research analyzes artifacts linked to the old Fazenda Velha — a site predating the Conselheirista settlement — and to the contexts of the War of Canudos (1896–1897), focusing on everyday practices, forms of consumption, artisanal production, and strategies of material appropriation. The investigation reveals the presence of a socially and culturally heterogeneous population, composed of Indigenous peoples, descendants of enslaved individuals, cowherds, small farmers, Conselheiristas, and remnants of the local landed elite. This diversity is expressed in the technical and aesthetic repertoires of the analyzed objects, suggesting multiple meanings and uses that go beyond functionality and operate as markers of identity and resistance.

The work also addresses the methodological challenges posed by the lack of systematic documentation from previous excavations, proposing an alternative approach that integrates collection analysis, documentary review, oral histories, and ethnohistorical research. The application of Stanley South's formula and the critical reading of the material chronology make it possible to date practices and occupations, while also revealing the time gaps between production and disposal in peripheral contexts. As such, the Canudos backlands are reconstructed not as an isolated or backward space, but as a territory of circulation, contestation, and cultural reinvention, where modernity is selectively appropriated and reconfigured amid scarcity and conflict.

By shedding light on the ways of life of the sertanejos and their material expressions, this dissertation contributes to a reinterpretation of Canudos and expands the role of Historical Archaeology as a tool for rethinking the silences and omissions of traditional historiography. Canudos thus emerges as a symbol of a plural and contested identity, whose archaeological vestiges offer valuable insights into the structural struggles shaping Brazilian social formation.

Keywords: 19th century Historical Archeology, Canudos, Modernity, Tradition and Sertanejos.

INDICE DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Mapa do Sertão de Canudos, principais rios e demais municípios citados na dissertação. Elaboração própria com base nos municípios mencionados em <i>Os Sertões</i> de Euclides da Cunha (1902). | 21 |
| Figura 2 – Iconografia histórica de indígena brasileiro do tronco linguístico Macro-Jê (RUGENDAS, ca. 1820) | 24 |
| Figura 3: Representação da Vila do Belo Monte. Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional (2014). | 33 |
| Figura 4: Antônio Conselheiro. Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, RJ, n. 728, p. 4, fev. 1897. | 39 |
| Figura 5 - Representação do Arraial de Canudos vista pela Estrada do Rosário, segundo desenho de Demétrio Urpia, março de 1897. A ilustração apresenta a configuração espacial do arraial no período da Guerra de Canudos, incluindo edificações, ruas, igrejas, áreas de cultivo e pontos estratégicos, acompanhada de legenda identificando locais e eventos relevantes. | 40 |
| Figura 6: Casa dos conselheiristas em 1897. Foto de Flávio de Barros do Acervo Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025). | 42 |
| Figura 7: Vista parcial de Canudos em 1897. Foto de Flávio de Barros do Acervo Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025). | 43 |
| Figura 8: Conselheirista preso rodeado por soldados do 28º Batalhão de Infantaria. 1897. Fotografia de Flávio de Barros. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025). | 47 |
| Figura 9: Fotografia da 3ª expedição a Canudos (1897). Foto: Flávio de Barros/Wikicommons | 48 |
| Figura 10: Fotografia de 1897 - Ataque e incêndio de Canudos. Foto: Flávio de Barros/Wikicommons | 49 |
| Figura 11: Mulheres e crianças prisioneiras em 1897. Foto de Flávio de Barros do Acervo Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025). | 50 |
| Figura 12 – Mapa com a disposição e localização projetada das ocupações em Canudos. Mapa de Felipe Sales, com base em dados do IBGE (2023) e informações orais fornecidas por Paulo Régis de Souza (2025), guia local e descendente de conselheiristas. | 52 |
| Figura 13: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025. | 61 |
| Figura 14: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025. | 61 |
| Figura 15: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025. | 61 |
| Figura 16: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025. | 61 |
| Figura 17: Mapa de ocorrência de vestígios arqueológicos e features presente no livro <i>Arqueologia Histórica de Canudos: estudos preliminares</i> (Zanettini 1996). | 63 |
| Figura 18: Mapa da Fazenda Velha e seus arredores presente no livro <i>Arqueologia Histórica de Canudos: estudos preliminares</i> (Zanettini, 1996). | 64 |
| Figura 19: Fórmula de South (South, 2007). | 89 |
| Figura 20: Fichamento dos livros pela equipe que deu apoio na dissertação –arqueólogo Me. Shilton Paes e arqueóloga Dra. Cleonice Vergne. Foto: Felipe Sales, 2025. | 94 |
| Figura 21: Entrevista com o coordenador do Campus Avançado da UNEB em Canudos, prof. Dr. Luiz Paulo, coordenador do Museu. Ele esteve à frente da 2ª campanha arqueológica em Canudos e da produção dos livros. Foto: Felipe Sales, 2025. | 94 |
| Figura 22: Entrevista com José Roberto Cardoso da Silva e Pedro Oliveira dos Santos. Foto: Shilton Alves, 2025. | 97 |
| Figura 23: Entrevista com Paulo Régis dos Santos, José Roberto Cardoso da Silva e Pedro Oliveira dos Santos. Foto: Shilton Alves, 2025. | 97 |
| Figura 24: Entrevista com Paulo Régis dos Santos no Alto da Favela (PEC). Foto: Shilton Alves, 2025. | 97 |
| Figura 25: Entrevista com Paulo Régis dos Santos no Museu Casa de Vó Isabel (PEC). Foto: Shilton Alves, 2025. | 97 |
| Figura 26: Vistoria de campo. Foto: Shilton Alves, 2025. | 99 |
| Figura 27: Vistoria de campo. Foto: Felipe Sales, 2025. | 99 |
| Figura 28: Vista para o açude e para o local do antigo Arraial/Alto da Favela (PEC), a partir do onto mais próximo atualmente acessível, correspondente à "Margem mais próxima do Arraial" indicada no mapa do Anexo I. Foto: Felipe Sales, 2025. | 100 |
| Figura 29: Estojo de munição encontrado no Alto da Favela (PEC). Trata-se apenas do invólucro metálico onde se insere o propelente, sem o projétil, e não de um cartucho completo. Pelo formato, é compatível com munição | |

| | |
|--|-----|
| destinada a uma culatra com câmara expandida, possivelmente oriunda de fuzis do exército, como modelos Mannlicher ou Mauser, de ação por ferrolho e carregador removível. Foto: Felipe Sales, 2025. | 100 |
| Figura 30: Fragmentos cerâmicos encontrados na Fazenda Velha (manufaturados com torno mecânico). Foto: Felipe Sales, 2025. | 101 |
| Figura 31: Fragmentos cerâmicos encontrados na Fazenda Velha (manufaturados com torno mecânico). Foto: Felipe Sales, 2025. | 101 |
| Figura 32: Fragmento de louça <i>Pearlware</i> decorada – decoração à mão livre, com faixas. Foto: Felipe Sales, 2025. | 101 |
| Figura 33: Fragmento de louça <i>Pearlware</i> decorada – decoração à mão livre, com faixas e frisos. Foto: Felipe Sales, 2025. | 101 |
| Figura 34: Fragmento de louça <i>Creamware</i> não decorada. Foto: Felipe Sales, 2025. | 102 |
| Figura 35: Fragmento de louça <i>Creamware</i> não decorada. Foto: Felipe Sales, 2025. | 102 |
| Figura 36: Fragmento de louça <i>Creamware</i> não decorada e <i>Pearlware</i> decorada à mão livre (faixa e floral). Foto: Felipe Sales, 2025. | 102 |
| Figura 37: Fragmento de louça <i>Pearlware</i> decorada com técnica borrão azul. Foto: Felipe Sales, 2025. | 102 |
| Figura 38: Fragmento de louça <i>Pearlware</i> decorada com técnica esponjada, em cor preto (direira) e não decorada (esquerda). Foto: Felipe Sales, 2025. | 102 |
| Figura 39: Fragmento de louça <i>Pearlware</i> decorada com técnica banhada, em cor verde. Foto: Felipe Sales, 2025. | 102 |
| Figura 40: Fragmentos de <i>grés</i> – garrada de bebida. Foto: Felipe Sales, 2025. | 103 |
| Figura 41: Fragmentos de <i>grés</i> – garrada de bebida. Foto: Felipe Sales, 2025. | 103 |
| Figura 42: Estrutura de alicerces da unidade habitacional da Fazenda Velha. Foto: Felipe Sales, 2025. | 103 |
| Figura 43: Estrutura de alicerces da unidade habitacional da Fazenda Velha a. Foto: Felipe Sales, 2025. | 103 |
| Figura 44: Vista do açude de Cocorobó a partir da Canudos Velha/2° Canudos. Ao fundo está o local onde estava o Arraial Conselheirista. Foto: Felipe Sales, 2025. | 104 |
| Figura 45: Comunidade de Canudos Velha/2° Canudos. Foto: Felipe Sales, 2025. | 104 |
| Figura 46: Vista do açude de Cocorobó a partir margem mais próxima do Arraial Conselheirista – à frente estaria o arraial. Foto: Felipe Sales, 2025. | 105 |
| Figura 47: Vista do açude de Cocorobó a partir margem mais próxima do Arraial Conselheirista – à frente estaria o arraial. Foto: Felipe Sales, 2025. | 105 |
| Figura 48 – Mapa com a disposição e localização de artefatos e alicerces encontrados na Fazenda Velha. Mapa de Felipe Sales, com base em dados do IBGE (2023) informações orais de Paulo Régis de Souza (2025) e resultados de campo. | 106 |
| Figura 49: Gráfico de tipo de esmalte e pasta das louças do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 108 |
| Figura 50: Fragmento de faiança fina <i>Creamware</i> Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 109 |
| Figura 51: Fragmento de faiança fina <i>Creamware</i> . Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 109 |
| Figura 52: Fragmento de louça tipo <i>Ironstone</i> . Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 109 |
| Figura 53: Fragmento de faiança fina <i>Pearlware</i> . Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 109 |
| Figura 54: Fragmento de faiança fina <i>Whiteware</i> . Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 110 |
| Figura 55: Fragmento de faiança fina <i>Whiteware</i> . Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 110 |
| Figura 56: Fragmento de faiança portuguesa. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 110 |
| Figura 57: Fragmento de faiança portuguesa. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 110 |
| Figura 58: Fragmento de base de porcelana. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 112 |
| Figura 59: Fragmento de porcelana. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 112 |
| Figura 60: Fragmento de <i>Ironstone</i> acompanhada de brasão real, indicando produção por fábricas inglesas de Staffordshire (MACHADO, 2004). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 112 |
| Figura 61: Fragmento de louça <i>Ironstone</i> . Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 112 |
| Figura 62: Gráfico de tipo de técnicas decorativas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 114 |
| Figura 63: Fragmento de faiança fina com decoração pintada à mão sobre esmalte/ <i>Transfer Printing</i> (estilo <i>Peasant</i>). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 114 |
| Figura 64: Fragmento faiança fina com decoração Sponge/Esponja. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 114 |
| Figura 65: Fragmento de faiança fina com decoração <i>Transfer Printing</i> /Borrão. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 115 |
| Figura 66: Fragmento de faiança fina com decoração Superfície modificada/relevo e pintada (padrão <i>Shell edge</i>). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 115 |
| Figura 67: Fragmento de faiança fina carimbada. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 115 |
| Figura 68: Fragmento de faiança fina com decoração Superfície modificada com relevo (padrão Trigal). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 115 |
| Figura 69: Fragmento de faiança fina com decoração Banhada. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 115 |
| Figura 70: Fragmento de faiança fina com decoração <i>Transfer Printing</i> . Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 115 |

| | |
|---|-----|
| Figura 71: Gráfico de tipo de motivos decorativos do acervo do PEC. O gráfico em tela exclui os fragmentos definidos como “não se aplica”, uma vez que eram brancos/sem decoração (57,26% do acervo). Fonte: Felipe Sales, 2025. | 117 |
| Figura 72: Fragmento de bojo em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 119 |
| Figura 73: Fragmento de borda em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 119 |
| Figura 74: Fragmento de base em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 119 |
| Figura 75: Fragmento de asa em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 119 |
| Figura 76: Fragmento asa em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 120 |
| Figura 77: Tigela em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 120 |
| Figura 78: Gráfico de formas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 121 |
| Figura 79: Fragmento de faiança fina utilizada para consumo. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 122 |
| Figura 80: Fragmento de faiança fina utilizada para consumo. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 122 |
| Figura 81: Gráfico de função dos artefatos do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 123 |
| Figura 82: Fragmento circular em faiança fina com decoração borrão azul. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 125 |
| Figura 77 Figura 83: Boch, sediada em Mettlach, Alemanha (Godden, 1997). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 126 |
| Figura 84: Fragmento de louça fabricado na J. & G. Meakin, localizada em Hanley, Staffordshire, Inglaterra (Nissinen, 2023). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 126 |
| Figura 85: Fragmento de louça fabricado na fábrica Louça Século, localizada no Rio de Janeiro, Brasil (Queiroz, 2006). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 126 |
| Figura 86: Fragmento de louça Ironstone China, provavelmente fabricada em Staffordshire, Inglaterra, por indústrias como W.H. Grindley (Lima, 2000). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 126 |
| Figura 87: Fragmento de louça “Ironstone China” acompanhada de brasão real, o que indicam louças produzidas por fábricas inglesas de Staffordshire (Machado, 2004). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 126 |
| Figura 88: Fragmento de louça “Ironstone China” acompanhada de brasão real, o que indicam louças produzidas por fábricas inglesas de Staffordshire (Machado, 2004). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 126 |
| Figura 89: Fragmento de louça “SÃO PAULO” e brasão pertence à Fábrica Santa Catarina (F.S.C.), localizada na cidade de São Paulo, Brasil. (Abreu e Souza, 2010). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 127 |
| Figura 90: Fragmento de louça fragmento apresenta marca em azul com inscrição parcialmente legível incluindo “BAHIA”, indicando produção cerâmica regional (Abreu e Souza, 2010). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025. | 127 |
| Figura 91: Gráfico de técnica de manufatura das cerâmicas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 146 |
| Figura 92: Fragmento de bojo, TSE escovado, técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025. | 148 |
| Figura 93: Fragmento de bojo, TSE alisado, técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025. | 148 |
| Figura 94: Fragmento de bojo, TSE escovado técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 149 |
| Figura 95: Fragmento de borda, TSE alisado, técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 149 |
| Figura 96: Fragmento com marcas de fuligem. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 151 |
| Figura 97: Fragmento com marcas de fuligem. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 151 |
| Figura 98: Gráfico de morfologia dos fragmentos cerâmicas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 152 |
| Figura 99: Conjunto de morfologias identificadas: A) Fragmento de bojo; B) Fragmento de borda; C) Fragmento de pescoço; D) base; E) alça; F) perfil completo. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 152 |
| Figura 100: Borda de forninho de cachimbo presente no acervo do PEC. Foto: Aná Clara/Felipe Sales, 2025. | 153 |
| Figura 101: Borda de forninho de cachimbo presente no acervo do PEC. Foto: Aná Clara/Felipe Sales, 2025. | 153 |
| Figura 102: Fragmento com queima redutora. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 154 |
| Figura 103: Gráfico técnica de decoração dos fragmentos cerâmicos do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 155 |
| Figura 104: A) Fragmento de borda com TSE alisado; B) Fragmento de borda com TSE escovado; C) Fragmento de bojo com TSE inciso; D) Fragmento de borda com TSE brunido. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 156 |
| Figura 105: Cerâmicas expostas no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, em canudos/BA - UNEB. Foto: Felipe Sales, 2025. | 157 |
| Figura 106: Cerâmicas expostas no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, em canudos/BA - UNEB. Foto: Felipe Sales, 2025. | 157 |
| Figura 107: Fragmentos de perfis quase completos: A) Vasilha com TSE escovado entre o bojo e a base; B) vasilha com TSE escovado e alisado; C) Vasilha com TSE escovado e presença de fuligem; D) Vasilha com TSE escovado e alisado com presença de fuligem. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025. | 158 |
| Figura 108: Conjunto de fragmentos de bojos com características semelhantes presentes no acervo. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025. | 159 |

| | |
|---|-----|
| Figura 109: Conjunto de fragmentos de bordas com características semelhantes presentes no acervo. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025. | 159 |
| Figura 110: Cerâmicas e corpos em casas de Canudos depois da tomada e incêndio do arraial pelo exército na 4ª expedição. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025)..... | 161 |
| Figura 111: Recorte da fotografia histórica de Canudos que mostra cerâmicas utilitárias. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025)..... | 161 |
| Figura 112: Artefato cerâmico preservado presente no acervo do PEC, que tem padrões técnicos semelhantes ao da foto do Arraial Conselheirista. Foto: Felipe Sales, 2025. | 161 |
| Figura 113: Objetos cerâmicos no Arraial conselheirista pós-conquista (40º Batalhão de Infantaria) pelas tropas republicadas – imagem histórica de Canudos de Flávio de Barro,. 1897. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025)..... | 162 |
| Figura 115: Urna globular – Tradição Aratu. Fonte: Luydy Fernandes, 2017. | 164 |
| Figura 116 – Indígenas Kiriri e suas cerâmicas, do tronco Macro-Jê, durante tomada da fazenda Picos (Rocha Júnior, 1983). | 173 |

INDICE DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1: Relação entre as diferentes ocupações históricas de Canudos, indicando suas denominações alternativas, classificação/fase, período aproximado de ocupação e eventos significativos associados a cada contexto. | 52 |
| Tabela 2: Resultados de análise a partir da Fórmula de South: data média de cada fragmento agrupado por frequência. Fonte: Felipe Sales, 2025. | 133 |
| Tabela 3: Resumo das fases cronológicas propostas a partir da distribuição das datas médias das louças de Canudos (fórmula de South). Fonte: Felipe Sales, 2025. | 135 |

LISTA DE ABREVIações

- BA – Bahia
- CAHL – Centro de Artes, Humanidades e Letras
- CEEC – Centro de Estudos Euclides da Cunha
- DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
- EUA – Estados Unidos da América
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- MAE/UFBA – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia
- Mean Ceramic Date, MCD ou Data Média Geral de Cerâmicas, MCD
- NI – Não Identificado
- PEC – Parque Estadual de Canudos
- PPGAP – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural
- RJ – Rio de Janeiro
- SPI – Serviço de Proteção aos Índios
- TSE – Tratamento de Superfície Externa
- TSI – Tratamento de Superfície Interna
- UFBA – Universidade Federal da Bahia
- UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
- UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
- UNEB – Universidade do Estado da Bahia
- UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 2 | CONTEXTO ETNOHISTÓRICO: DO ABANDONO À GUERRA NO SERTÃO DE CANUDOS..... | 21 |
| 2.1 | OS INDÍGENAS NO SERTÃO DE CANUDOS..... | 23 |
| 2.2 | A PENETRAÇÃO PELOS SERTÕES COM O GADO | 27 |
| 2.3 | A FAZENDA VELHA NO SERTÃO DE CANUDOS | 28 |
| 2.4 | ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA GUERRA: O BRASIL NO FINAL DO SÉCULO XIX..... | 34 |
| 2.5 | ANTÔNIO CONSELHEIRO: UM MESSIAS A CAMINHO DO SERTÃO DE CANUDOS | 37 |
| 2.6 | O ARRAIAL DE CANUDOS CONSELHEIRISTA..... | 39 |
| 2.7 | AS CAMPANHAS BÉLICAS EM CANUDOS..... | 45 |
| 2.8 | O PÓS-GUERRA EM CANUDOS | 49 |
| 2.9 | UMA SÓ REPÚBLICA E DOIS BRASIS: ARRAIAL DE CANUDOS COMO OBSTÁCULO A UM IDEAL DE MODERNIDADE..... | 53 |
| 3 | PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS (PEC) .. | 56 |
| 4 | ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO SERTÃO DE CANUDOS: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA | 67 |
| 4.1 | ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO BRASIL | 67 |
| 4.2 | PÓS-PROCESSUALISMO E ARQUEOLOGIA CONTEXTUAL..... | 72 |
| 4.3 | ESTUDOS DE ARQUEOLOGIA OITOCENTISTA NO BRASIL | 75 |
| 4.4 | CANUDOS: UMA ÓTICA DA ARQUEOLOGIA CONTEXTUAL DESTE CENÁRIO OITOCENTISTA | 79 |
| 5 | METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS E SEU CONTEXTO..... | 87 |
| 5.1 | PROCEDIMENTOS TÉCNICOS APLICADOS NA ANÁLISE DOS ARTEFATOS DE LOUÇA | 87 |
| 5.2 | A FÓRMULA DE SOUTH NOS ARTEFATOS DE LOUÇA | 89 |
| 5.3 | PROCEDIMENTOS TÉCNICOS APLICADOS NA ANÁLISE DOS ARTEFATOS CERÂMICOS | 90 |
| 6 | RESULTADOS DAS ANÁLISES CONTEXTUAIS DOS ARTEFATOS COLETADOS EM CANUDOS..... | 93 |
| 6.1 | RESULTADOS DO LEVANTAMENTO DOCUMENTAL | 93 |
| 6.2 | RESULTADOS DO LEVANTAMENTO HISTÓRICO ORAL..... | 95 |
| 6.3 | RESULTADOS DO LEVANTAMENTO DE CAMPO | 98 |
| 6.4 | RESULTADOS DAS ANÁLISES DAS LOUÇAS..... | 107 |
| 6.5 | CRONOLOGIA RELATIVAS DAS LOUÇAS E RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA FÓRMULA DE SOUTH | 131 |
| 6.6 | RESULTADOS DAS ANÁLISES DAS CERÂMICAS | 145 |

| | | |
|----------|--|------------|
| 6.7 | DISCUSSÃO CONTEXTUAL DOS RESULTADOS..... | 169 |
| 7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 176 |
| 8 | REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 180 |
| | ANEXOS..... | 206 |

1 INTRODUÇÃO

Canudos, um arraial situado no sertão da Bahia, ficou conhecido no final do século XIX como palco de um conflito épico que marcou a história brasileira. A Guerra de Canudos, travada entre 1896 e 1897, foi um embate sangrento que opôs milhares de sertanejos, liderados por Antônio Conselheiro, às tropas do Governo Federal. Mais do que um conflito bélico, a Canudos Conselheirista representou uma amostra da sociedade brasileira da época, revelando as tensões sociais, as contradições políticas e as crenças populares que permeavam o país.

“Quem não entende Canudos, não entende o Brasil”, foi como Ariano Suassuna (2014) descreveu o episódio. Compreender o contexto histórico e cultural de Canudos antes e durante a guerra foi fundamental para desvendar as raízes desse conflito e suas repercussões na sociedade brasileira. Ao mergulharmos no universo de Canudos, nos deparamos com um rico mosaico de elementos que moldaram a vida no sertão. Investigar esses aspectos permitiu traçar um panorama mais completo da sociedade brasileira no final do século XIX, indo além das visões oficiais e desvendando as vozes silenciadas dos sertanejos.

Nesse sentido, a Arqueologia, em especial a Arqueologia Histórica, através da análise de coleções arqueológicas das pesquisas já realizadas na área, teve o potencial de contribuir com os debates sobre Canudos. A materialidade recuperada pôde revelar aspectos da vida cotidiana dos sertanejos, suas práticas culturais, relações de poder e organização social.

Para um contexto prévio da pesquisa, em 1986, com a criação do Parque Estadual de Canudos (PEC), foram iniciados os estudos arqueológicos em Canudos. A segunda fase aconteceu em 1999. Na época, a seca na região fez aflorar as ruínas da Canudos Conselheirista e possibilitou, pela primeira vez, pesquisas nos sítios do

antigo arraial. Os artefatos que foram coletados durante as pesquisas ficaram salvaguardados no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro.

Nas ruínas da sede da antiga Fazenda Velha de Canudos, durante os estudos arqueológicos para o PEC, foram encontrados centenas de artefatos em louça (faiança portuguesa, faiança espanhola, faiança fina, *grés*, porcelana e *ironstone*). Esses artefatos puderam remontar à época anterior ao arraial conselheirista, questão que fez parte dos estudos deste mestrado, como se verá adiante. Esses fragmentos puderam indicar que os antigos moradores da região mantinham relações econômicas com os comerciantes do litoral ao longo de boa parte do século XIX. Propôs-se investigar essa hipótese mais adiante nessa pesquisa. Já em toda a área do PEC, teriam sido identificados centenas de artefatos cerâmicos (incluindo recipientes domésticos como panelas, potes, pratos, tigelas, bem como fragmentos estruturais como telhas e tijolos, todos produzidos em material argiloso cozido) com as mais variadas características, indicando que estes artefatos foram consumidos e utilizados de forma mais ampla, fazendo-se presentes em diferentes contextos do cotidiano.

Sendo assim, fizeram-se algumas perguntas preliminares, que guiaram os estudos: os artefatos de louça e as cerâmicas coletados no PEC se referiam à ocupação no arraial de Canudos por conselheiristas ou estavam associados às primeiras ocupações sertanejas históricas da região? Qual seria a datação relativa dessas ocupações a partir das louças? Estando as louças associadas a períodos anteriores à Guerra de Canudos, o que foi a hipótese inicial, seria possível afirmar que os antigos moradores da região mantinham relações econômicas frequentes com os comerciantes do litoral ao longo do século XIX? O que isso poderá ter representado para os sertanejos da região?

A Guerra de Canudos pôde ser interpretada como uma consequência das tensões entre os sertanejos locais, conectados a um Brasil oitocentista em modernização, e os conselheiristas recém-chegados, apegados a um modo de vida

mais tradicional, considerando que as louças poderiam pertencer à Fazenda Velha ou demais ocupações contemporâneas a ela.

Na Arqueologia Brasileira, os artefatos em louça estabeleceram relações conceituais da incorporação de traços da modernidade do Brasil no século XIX (Abreu e Souza, 2013). Para um senso interpretativo dos dados recolhidos, em uma primeira hipótese, considerou-se que as louças poderiam estar associadas à Fazenda Velha, uma ocupação pecuária anterior ao arraial conselheirista, sendo assim, a Guerra de Canudos pôde ser interpretada como um conflito entre os sertanejos locais, em busca de modernização no século XIX, e os recém-chegados, que preservavam aspectos tradicionais de vida, prezando pela partilha de recursos. Uma outra cabível interpretação dos dados voltou-se para a perspectiva de que, apesar das diferenças que pairavam entre os antigos moradores da Fazenda Velha e os conselheiristas, ambos puderam ser vistos como sertanejos. Considerou-se que, apesar dos seus diferentes valores e modos de vida, eles compartilharam uma identidade que foi moldada pela vivência no sertão. A adaptação frente às adversidades, a preservação e o compartilhamento de uma cultura e de valores, como a própria religiosidade, serviram como pontos de união entre as duas ocupações, que embora vivessem diferentes cenários, dos quais se falou posteriormente, estiveram à frente de uma mesma experiência de vida no sertão; impedindo que as particularidades anulassem o compartilhamento de uma identidade. O ser sertanejo se mostrou além das diferenças, reafirmado pela luta pela sobrevivência e pela busca por uma melhora de vida dentro de um contexto de marginalização e resistência.

Diante dessa dinâmica, este trabalho se propôs a analisar os artefatos em louça e as cerâmicas coletados no PEC para investigar tensões entre o modo de vida tradicional e a modernidade possivelmente presentes no contexto arqueológico e cultural de Canudos. Através da análise desses objetos cotidianos, buscou-se inserir a Arqueologia nos debates históricos e culturais sobre este importante evento para a história do Brasil. Sendo assim, nos capítulos seguintes foram apresentadas as

contextualizações etnológicas, históricas e arqueológicas necessárias para as discussões presentes nesta pesquisa.

2 CONTEXTO ETNOHISTÓRICO: DO ABANDONO À GUERRA NO SERTÃO DE CANUDOS

O Sertão de Canudos, situado no interior da Bahia e inserido no Polígono das Secas e no vale do rio Vaza-Barris, transcende a mera definição geográfica. Mais do que um território delimitado, configura-se como um cenário histórico profundamente marcado pela memória da Guerra de Canudos (1896–1897). Antes do conflito, essa região era amplamente retratada como um espaço inóspito e abandonado, tanto pela ausência de investimentos estatais quanto pela sua marginalização social e econômica (Villa, 2000). Essa percepção de abandono já havia sido ressaltada por Euclides da Cunha (1902) em *Os Sertões*, ao descrever a dureza do meio e a negligência histórica sofrida pelo sertão.



Figura 1 - Mapa do Sertão de Canudos, principais rios e demais municípios citados na dissertação. Elaboração própria com base nos municípios mencionados em *Os Sertões* de Euclides da Cunha (1902).

A Guerra de Canudos não apenas revelou essas condições extremas, mas também marcou profundamente a sociedade brasileira, afetando principalmente as áreas sob influência conselheirista, localizadas entre as bacias do rio Itapicuru e do rio São Francisco (Queiroz, 1997). Assim, Canudos emerge não apenas como palco de um conflito, mas como expressão material de uma longa história de exclusão e resistência no interior do Brasil.

De acordo com filólogos contemporâneos, a origem da palavra “sertão” é alvo de controvérsia. Alguns acreditam que ela deriva do vocábulo latino “*desertanu*”, cuja genealogia ainda não está completamente esclarecida. Para esses estudiosos, “sertão” representa uma região agreste e despovoada, um local remoto distante do litoral, embora não necessariamente árido. Em essência, é a terra e a povoação do interior, o coração do país (Cunha, 1997; Ferreira, 1986; Houaiss, 2001).

O conceito de identidade sertaneja é consequência do conceito territorial e social de sertão. Segundo Lessa (2011), a identidade sertaneja refere-se a uma construção discursiva que se desenvolveu ao longo do tempo, especialmente a partir do século XIX e início do século XX. Essa identidade é caracterizada pela pluralidade dos grupos que habitam as regiões do sertão (cerrado e a caatinga) no interior do Brasil, formada por descendentes de indígenas, de europeus e afrodescendentes. A identidade sertaneja se afirma em contraste com a identidade litorânea, que é vista como hegemônica e etnocêntrica. Essa dicotomia entre sertão e litoral tem sido frequentemente desenvolvida em outras contraposições que abarcam o *civilizado* x primitivo e o *moderno* x *tradicional*, por exemplo (Sena, 2010).

Ainda conforme Lessa (2011), identidade sertaneja é um elemento de resistência cultural ligada à terra e ao Sertão, onde os sertanejos se reconhecem como parte de uma mesma comunidade, independentemente de suas posições sociais. Essa identidade é também um mecanismo de lutas internas, especialmente nas questões relacionadas à terra e à territorialidade.

Nesta seção de dissertação, para além do conceito de sertão e sertanejos acima, discutimos a presença indígena na região de Canudos, a presença de ex-

escravizados afrodescendentes, as primeiras entradas de colonizadores com a exploração de gado no sertão e apresentamos a Fazenda Velha, que foi instalada no viria a ser posteriormente o Arraial de Belo Monte Conselheirista. Buscamos proceder com uma contextualização histórico-cultural, para apresentar a formação da amalgama que compôs as dinâmicas que deram origem aos povos sertanejos em Canudos.

O Sertão de Canudos, palco da Guerra, guarda em seu solo as marcas de ocupações indígenas que remontam ao período pré-colonial. Antes da chegada dos colonizadores europeus, haviam diversos grupos indígenas no norte da Bahia - os Kiriri de Mirandela (Banzaê, BA), os Kaimbé de Massacará (Euclides da Cunha, BA) e os Tuxá de Rodelas, BA (Valden, 2003), todos do tronco linguístico Macro-Jê (Rodrigues, 2000). Eles habitavam esse local árido, adaptando-se às condições climáticas e utilizando os recursos naturais disponíveis.

2.1 Os indígenas no Sertão de Canudos

Na pesquisa de Velden (2003), afirma-se que os *índios* (indígenas) estavam em Canudos durante o conflito e tal fato pode ser atestado por fontes documentais existentes: o diário do Dr. Edgard Henrique Albertazzi, médico da segunda expedição contra Canudos, fala de corpos de conselheiristas tombados “de arco e flecha na mão” (2003 *apud* Calasans, 1963); discursando na Assembléia Legislativa da Bahia em 1894, o deputado Antônio Bahia conta sobre os “índios armados de arco, flecha e besta” junto aos conselheiristas (Discurso do Deputado Antônio Bahia, 1894, p. 107); o Barão de Geremoabo, importante figura regional, em duas cartas (Sampaio, 1999), fala sobre indígenas provenientes de Mirandela na região; o coronel José Américo de Souza Velho, de Massacará, também aponta, em carta a Geremoabo, sobre a existência da “rua dos caboclos” (isto é, dos índios) em Canudos (Carvalho, 1990); e há também um testemunho da presença de população indígena em Canudos registrada numa nota no Jornal de Notícias de Salvador, em julho de 1893 (Reesink, 1997, p. 11).

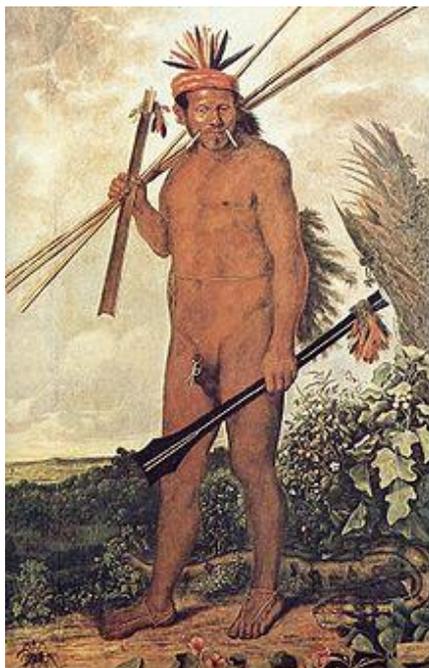


Figura 2 – Iconografia histórica de indígena brasileiro do tronco linguístico Macro-Jê (RUGENDAS, ca. 1820).

No documento intitulado “Arqueologia Histórica de Canudos – estudos preliminares” organizado pela Universidade Estadual da Bahia em 1996 consta que em períodos anteriores à Guerra sabe-se da existência de comunidades indígenas na região citadas pelos viajantes Spix e Martius (1981). Eles apontam que, no século XIX, havia os aracuias, opactiarás, chacriabas, pontás, maçacarás ou xucurus. Pesquisas arqueológicas atestam tal realidade com a presença de pinturas rupestres e "cacos de cerâmica" na região (Ataíde; Zanettini, et al.).

Uma dessas pesquisas é a de Zanettini (2001) que discorre-se sobre a ocupação indígena no Sertão de Canudos por meio de evidências arqueológicas de 11 sítios arqueológicos. Desses sítios foram retirados materiais líticos com densidades variadas e evidências de arte rupestre em local denominado Fazenda Letreiro, com paredão rochoso contendo inscrições do tipo gravura e um pequeno cachimbo de argila em forma de “L”, com decoração plástica formada por pequenas incisões sequenciais e paralelas, identificado pelo morador de Canudos, Sr. João de Régis.

Em relação aos cachimbos, é interessante notar que Euclides da Cunha indicou a origem do nome “Canudos” está relacionada ao

hábito dos indígenas locais de fumarem cachimbos presos a largos canudos de tábua. (Zanettini, 2001, p. 35).

Esses indígenas contemporâneos ao Conselheirista da região, a historiografia consolida a presença de grupos Kiriri em Canudos. Em relação a eles, Oliveira (2017) descreve que no século XVI, as primeiras informações aparecem no Tratado da Terra e da Gente do Brasil, de 1625, do Padre Fernão Cardim. Relatando sobre os, Tapuias, ele afirmou que:

[...] muitos vivem para parte do sertão da Bahia que chamão Guayná, tem língua por si. Outros pelo mesmo sertão, que chamão Taycuyu vivem em casa tem outra língua. Outros no mesmo sertão, que chamão Cariri, tem língua diferente: essas três nações e seus vizinhos são amigos dos portugueses (Cardim, Fernão. Op. Cit. p.199).

Segundo Brito (2023), o caso dos Kiriri é significativo por possuir extenso registro acadêmico, burocrático e etnoepistemológico, além de manter uma forte conexão com o Sertão de Canudos. Desde o final da década de 1940, quando um Posto Indígena do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi estabelecido na cidade de Mirandela (Bandeira, 1972), na região do Sertão de Canudos, este grupo passou a ser conhecido como Kiriri ou Quiriri; são originalmente falantes de um dialeto extinto do Kipeá, o Katembri (Brasileiro, 1996).

Mirandela é o nome popular e secular de um aldeamento indígena da Terra Indígena Kiriri atualmente situada no município de Banzaê, Bahia, situada a 100 quilômetros de Canudos/BA. Essa comunidade indígena guarda em sua memória uma intensa relação com o conflito de Canudos (Velden, 2003). Neste território, existem indígenas provenientes de várias regiões da Bahia, em especial do Sertão de Rodelas e do Sertão de Canudos. Além de Mirandela, há também territórios Kiriris e Tuxá (povos que guardam uma intensa relação cultural) no Norte da Bahia (Barbosa, 2016). Os Aldeamentos Jesuítas em Mirandela são de 1695 e sua expulsão, com o estabelecimento de uma vila, é datado de 1756 (Bandeira, 1972).

A presença indígena é abordada por Brito (2023) também no Arraial de Canudos Conselheirista. De acordo com o relato feito por Pedro Miguel, abordado em Mascarenhas (1997), o arraial era tratado como “uma festa...”, assinalando o

crescimento populacional em torno da Fazenda Velha (chamada à época de Fazenda Velha de Belo Monte). Segundo Mascarenhas (1997), havia uma migração intensa de indígenas da região para o arraial de Canudos. Ele assinala sobre os indígenas:

[...] durante o conflito: Era de Canudos para a aldeia, da aldeia para Canudos, dizia, “lá tá bom”. Dizia que era uma festa... era a alegria maior do mundo. Tinha também a caixa de guerra.... tan, tan,. tan, quando caía um, outro pegava. No quinto ano, o último “rebuliço” foi no meio da rua [cidade]. Ele no meio dos mortos e chega um com um punhal furando para ver quem estava vivo, ele consegue escapar. À noite, pega as armas, entra nos piquetes, os “buracos”, com as armas e aí era só derrubando gente. Os soldados procuravam, mas não viam nada (Mascarenhas, 1997, p. 74).

Nesse contexto, a narrativa veiculada por Pedro Miguel indica que a tribo Kiriri participou das funções consultivas até o fim da guerra, validando o emprego de passagens subterrâneas como tática para aconselhar a resistência na Batalha de Belo Monte. Além disso, é importante destacar a contribuição do uso do tambor de guerra parece estar ligada ao povo indígena Kiriri, um papel crucial considerando a importância da estratégia que essa ferramenta possuiu na batalha (Mascarenhas, 1997).

Para além dos indígenas, o Sertão de Canudos também foi ocupado por colonizadores no contexto das chamadas entradas para os sertões com exploração do gado. Estes eventos são importantes porque refletem um importante cenário histórico na região, com a chegada de novos sujeitos e um novo contexto de uso e ocupação.

No final do século XVII, a presença dos não-índios nos sertões, especialmente nas margens dos rios e áreas adjacentes, intensificou-se, resultando em estreitos relacionamentos e tensões entre os nativos e os recém-chegados, sejam eles indígenas ou não. No Sertão de Canudos, Kiriri, independentemente de estarem com alianças, aldeados ou não, não escaparam da influência dos colonizadores e dos conflitos entre estes e os missionários religiosos.

A expansão do domínio da casa da Torre, tratada a seguir, por mais de uma centena de léguas no sertão gerou sérios conflitos com os índios e religiosos que

mantinham aldeias na região (Oliveira, 2017). Estes conflitos levaram a maioria dos nativos a abandonar seus territórios, especialmente os ribeirinhos que habitavam áreas mais desejadas devido à facilidade de estabelecimento e melhor fixação dos currais. Durante este período, nas margens dos rios, a exemplo da área onde mais tarde seria Canudos, o sentido da colonização para os grandes Capitães mores e curraleiros (criadores de gado que administravam currais e fazendas de criação extensiva) foi se consolidando cada vez mais, forçando a saída, dissolvendo, descaracterizando e ceifando os habitantes originais, os indígenas.

2.2 A penetração pelos Sertões com o gado

De acordo com Capistrano de Abreu (1975), a criação de gado no Brasil teve início durante o governo de Tomé de Souza, que se deu entre os anos de 1549 e 1553: "as primeiras vacas que foram à Bahia levaram-nas de Cabo-Verde e depois de Pernambuco" (Abreu, 1975, p. 80). Esta informação é corroborada por Santos Filho (1956, p. 207), que afirma: "na Bahia, a criação de gado iniciou-se durante o governo de Tomé de Souza, com os primeiros animais vindos das ilhas do arquipélago de Cabo Verde e posteriormente da capitania de Pernambuco, para onde tinham sido trazidos de além-mar pelo donatário". É neste contexto que ganha protagonismo a família Garcia D'ávila (ou a Família da Casa da Torre ou os Ávilas).

Segundo Cascudo (1956), entre os séculos XVI e XVII, "com os Ávilas a 'bandeira do gado' inicia o ciclo, tão decisivo, tão poderoso, tão ilustre quanto as bandeiras paulistas, preando indiada e buscando esmeraldas e prata". O autor também afirma que a grande interiorização pelo gado ocorreu após 1654, ano da expulsão dos holandeses da Capitania de Pernambuco, quando Francisco Dias d'Ávila recebeu uma enorme sesmaria nos sertões (Diniz, 2013). Com isso, a família Garcia D'ávila, nos fins do século XVII, possuía terras duas vezes maiores que o território da Itália.

Garcia d'Ávila foi um administrador colonial português que fundou no século XVI o que se tornaria o maior latifúndio do mundo, sediado na Casa da Torre, Praia do Forte (atual município de Mata do São João), Bahia, que atingiu um total de 800

mil quilômetros quadrados de área. A propriedade estendeu-se até Maranhão e Piauí (Motta, 2011). Costa (2000) afirma que os membros dessa família foram os pioneiros na exploração do gado no sertão da Bahia e levaram ao surgimento de novos povoados e cidades no sertão do estado.

Garcia d'Ávila da Casa da Torres foi citado por Euclides da Cunha em "Os Sertões" de 1902. Ao escrever sobre Canudos, o autor destacou as abusivas concessões de sesmarias doadas a essa única família. Lá, achavam-se povoados muito antigos "acompanhando o S. Francisco até os sertões de Rodelas e Cabrobó avançaram logo no século XVII as missões no lento caminhar que continuaria até o nosso tempo" (Motta, 2011).

Após setenta anos da Independência do Brasil, o sertão ainda não havia passado por grandes transformações. As leis de sucessão e a falta de incentivos para grandes propriedades gradualmente levaram a uma diversificação nos padrões de posse de terras. A maioria das terras na região permanecia sob o controle dos herdeiros do clã e descendentes dos Garcia D'Ávila. Durante o século XIX, a política imperial resultou na disponibilização de mais terras para venda nas regiões do tabuleiro e do sertão. No entanto, o acesso à água continuava rigidamente controlado pelos antigos proprietários. Apesar disso, dado o tamanho das propriedades, a vigilância sobre a terra era ineficaz e a posse direta era constantemente sujeita a mudanças ao longo do tempo (Zanettini *et al.*, 2002).

A região já era, portanto, um ambiente rural habitado, marcado pela dominação do sistema de propriedade privada hereditária e pela exclusão social. Foi dentro desse contexto histórico que Antônio Conselheiro emergiu na região de Canudos, ocupando um local chamado de Fazenda Velha, em 1883, dando início ao capítulo mais conhecido de sua história: o arraial de Canudos e o subsequente conflito (1886-1887).

2.3 A Fazenda Velha no Sertão de Canudos

De acordo com Ventura (2002), o Arraial de Canudos Conselheirista foi estabelecido em uma área conhecida como Belo Monte, na região chamada de Sertão

de Canudos, pelo líder religioso Antônio Conselheiro. Facó (1972) escreveu sobre o local:

A grande concentração de pobres do campo que de novembro de 1896 a outubro de 1897 sustentou nos sertões da Bahia a grande luta armada conhecida sob a denominação de Guerra de Canudos, começou a formar-se naquele aldeamento em 1893. Constituiu-se sobre os escombros de uma velha fazenda em ruínas, como deveriam ser à época muitas outras pelo vasto interior do Brasil, particularmente no Nordeste. (Facó, 1972, p. 76).

Conforme Paula (1974), a região local fazia limites entre as Freguesias do Santíssimo Coração de Jesus de Monte Santo e Santíssima Trindade de Massacará. Segundo as informações orais recolhidas entre moradores da área por Paula (1974), essa propriedade pertencia inicialmente a descendentes da Casa Torre, que a adquiriram a partir do regime de sesmaria. No entanto, no século XIX, Cícero Dantas Martins, o Barão de Jeremoabo (1838–1903), que não era descendente direto da linhagem de Garcia d'Ávila, nem membro da Casa da Torre, assume a responsabilidade pelas terras por via sucessória indireta, resultante de aquisições, alianças e apropriações fundiárias posteriores à decadência da Casa (Calmon, 1959).

Segundo Dantas (2000), o Barão de Jeremoabo acumulou vastas extensões de terra na região, sendo proprietário de mais de 50 fazendas distribuídas pela Bahia e por Sergipe. Sua influência estendia-se por diversos municípios entre os rios Itapicuru e São Francisco, incluindo as terras da antiga Fazenda Canudos. No entanto, há relatos que indicam que a posse da fazenda, à época da ocupação por Antônio Conselheiro, poderia estar nas mãos de uma parente do Barão, hipótese que aparece mais como uma tradição oral, mas está registrada em trabalhos como o de DaMatta (1980) e discutida em veículos como a *Folha de S. Paulo* (Barros, 2000).

O pesquisador José Dionísio Nóbrega (2010), no livro *Euclides da Cunha e o sertão de Canudos: ensaio sobre o povoamento da região*, publicou informações relevantes sobre a Fazenda Velha e o arraial de Canudos. Segundo ele, as terras são mencionadas inicialmente nos documentos do tomo dos bens patrimoniais da Casa da Torre, de outubro de 1815, quando a fazenda foi arrendada para D. Mariana

Francisca, esposa de Francisco Félix de Carvalho, capitão-mor de Jeremoabo, pais do Barão de Jeremoabo. Posteriormente, por volta de 1879, a propriedade foi adquirida por Dr. Fiel José de Carvalho e Oliveira, primo e cunhado do Barão. Essa ligação familiar sugere que, em determinados períodos, a Fazenda Velha pode ter sido habitada por membros da própria família ou por parentes próximos — possivelmente descendentes diretos ou colaterais do Barão de Jeremoabo —, ainda que não se possa descartar a presença de moradores permanentes ou temporários, como vaqueiros responsáveis pela lida com o gado e trabalhadores agregados às atividades da fazenda.

Na Fazenda Velha, pesquisas de Paulo Zanettini (2002) identificaram vestígios de duas casas sobrepostas, indicando ao menos duas ocupações distintas: uma com chão de terra batida e outra com piso de lajotas de barro. Esse dado reforça a hipótese de que a propriedade tenha passado por diferentes perfis de ocupantes antes do abandono, incluindo desde proprietários ou seus representantes diretos até trabalhadores rurais que residiam no local por períodos específicos. A expressiva quantidade de fragmentos de louças inglesas, francesas e holandesas aponta para uma ocupação de certo prestígio no século XIX — possivelmente vinculada à família proprietária —, mas também aponta para curtos períodos em que a função habitacional poderia ter se associado mais a um caráter operacional, como residência de vaqueiros ou capatazes.

No período conselheirista, a área próxima à Fazenda Velha foi ocupada por pessoas de baixo poder aquisitivo, incluindo ex-pessoas escravizadas, indígenas e outros grupos marginalizados (Maia, 1999). Assim, a história de ocupação da propriedade reflete um ciclo de usos e funções variados, alternando entre núcleo de administração pecuária e espaço simbólico de pertencimento a uma rede de poder regional, até se tornar ponto estratégico para a instalação da comunidade de Belo Monte por Antônio Conselheiro.

No local, havia a criação e exploração pecuária extensiva de animais de grande porte para comercialização. O gado era geralmente criado solto pela caatinga,

fazendo desse local o seu meio de pastagem e reprodução. No entanto, há relatos de que no momento da chegada dos conselheiristas a Fazenda Velha estava abandonada (Calasans, 1984). Sendo assim, foi logo abaixo da sede desta fazenda que Conselheiro fundou a “sua” Belo Monte (Cunha, 1985). A respeito deste local, destaca-se a informação:

Canudos foi propriedade e território gonçalvista, da família do Barão de Geremoabo (com quem Antônio manteve relacionamento próximo), opositor do então governador Luiz Viana, conforme detectou o geólogo Glauco Nascimento, integrante da equipe, ao buscar elementos para a reconstituição da concepção geopolítica jagunça (Zanettini & Gonzalez, 2023).

Essa fazenda, era caracterizada por uma construção inicialmente feita por pau a pique e por possuir uma vasta criação de gado. Após a Proclamação da República, no final da década de 1890, a Fazenda Velha de Canudos foi abandonada (Cunha, 1985). Segundo Euclides da Cunha, era "Canudos, velha fazenda de gado a beira do Vaza-Barris, em 1890, uma tapera de cerca de cinquenta capuabas de pau a pique" (1945, p. 135). Ou seja, o local era uma unidade habitacional conhecida como “Fazenda Velha” e nas adjacências havia outras menores (Ventura, 2002). Todas elas seriam utilizadas para exploração extensiva de gado e demais animais.

Segundo a tradição recolhida no meio de velhos moradores da área, as terras da fazenda pertenceram à gente da Casa da Torre, que as obtivera de sesmaria. Em 1856, possuíam quinhões de terras no lugar denominado Canudos, segundo o registro efetuado perante o vigário da freguesia de São João Batista de Jeremoabo, padre Joaquim Inácio de Vasconcelos, os senhores Lázaro Pereira Leal, Sebastião José Quadros e Vitorino José de Santana. Canudos, então, limitava-se ao nascente com a fazenda Cocorobó, ao norte com a Canabrava, para o poente com a Barra e para o sul com Rosário” (Calasans, 1997, p. 2).

Na Fazenda Velha, as pesquisas de Paulo Zanettini (2002) revelaram que existiam vestígios de duas casas sobrepostas. Assim, tudo indica que este local teria recebido duas ocupações distintas: a primeira manifestada pela presença de um chão de terra batida e a segunda caracterizada pela presença de um piso de lajotas de barro. Portanto, a constatou-se que, quando Antônio Conselheiro chegou à Fazenda Velha, a propriedade já havia abrigado outros habitantes e foi por eles abandonada.

Nas fazendas, teriam sido evidenciada uma grande quantidade de fragmentos de louças que eram de origem inglesa, francesa e holandesa, indicando assim, que a referida casa que foi usada como sede da fazenda teria sido ocupada no decorrer do século XIX, ou no século XVIII (UNEB/CEEC, 2002).

No período Conselheirista, o local foi ocupado por pessoas de baixo poder aquisitivo da região, ex-pessoas escravizadas, indígenas e toda a sorte de pessoas (Maia, 1999). Nos estudos realizados por Baiardi & Santos (2023), destaca-se que ao chegar à fazenda, Antônio Conselheiro teria se deparado com a situação de carência na região. Na Fazenda Velha não havia sequer um habitante, e as instalações, incluindo a casa grande da sede e a capelinha, estavam em ruínas. O entorno não apresentava lavouras, mas pequenos ruminantes, como cabras, que vagavam solitários, afastados dos rebanhos e dos apriscos. Para operar a transformação necessária, Conselheiro contava com seus seguidores, que se destacavam por serem ordeiros, trabalhadores e numerosos.

O desenvolvimento da região exigiu que os líderes da comunidade expandissem suas atividades produtivas, aproveitando o conhecimento tradicional acumulado ao longo de séculos de convivência com a seca pelos sertanejos. Eles também precisaram se adaptar a uma situação complexa, na qual a escassez de água se combina, em grande parte do Semiárido, com solos rasos (Baiardi, 2016).

Nessa perspectiva, a comunidade, influenciada por laços religiosos, crenças e valores transmitidos por Antônio Conselheiro, demonstrava uma forte propensão à cooperação e solidariedade. Essa coesão social favoreceu a transformação do projeto de Conselheiro, onde todos trabalhavam, produziam e compartilhavam recursos conforme as necessidades. Além disso, nas proximidades, havia minérios como salitre e enxofre, posteriormente utilizados na fabricação de pólvora. Essa abundância de recursos era conhecida como “sal da terra” e supria os inúmeros curtumes ao longo das margens do rio Vaza-Barris (Baiardi & Santos, 2023). Na imagem abaixo um desenho da paisagem da Vila de Belo Monte Conselheirista:

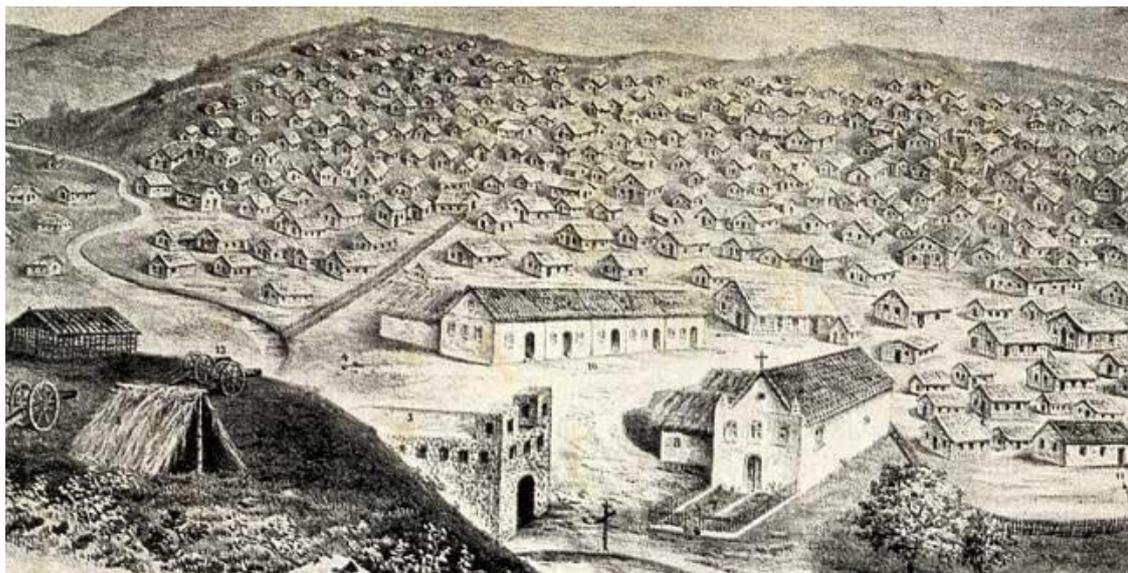


Figura 3: Representação da Vila do Belo Monte. Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional (2014).

Segundo Adoue (2011), a chegada de Antônio Conselheiro e seus seguidores foi um marco para a região. No Belo Monte, eles construíram uma Igreja Nova, instalaram cerca de 5.200 casas de pau a pique, com 25 mil pessoas, e ampliaram a exploração pecuária já tradicional na região. O arraial messiânico formou-se com sertanejos resultados da amalgama cultural que compunha os sertões. Como um povo plural, eles eram descendentes de europeus, ex-escravizados e indígenas, que viviam da relação direta com a terra daquele sertão. Esse cenário resultou no conhecido evento bélico entre as autoridades militares brasileiras e os seguidores de Antônio Conselheiro, que apresentamos no próximo capítulo.

A Guerra de Canudos é um dos capítulos mais marcantes e polêmicos da história brasileira do final do século XIX. O conflito, que ocorreu entre 1896 e 1897, ocorreu no sertão e envolveu sertanejos do nordeste brasileiro liderados pelo religioso Antônio Conselheiro. Esta guerra foi travada contra as forças militares do governo republicano recém-instaurado, tornando-se um símbolo da resistência popular e da violência estatal. Para entender melhor este episódio histórico do sertão nordestino, faz-se necessário apresentá-lo por partes. Primeiro nos inteiremos dos antecedentes históricos; depois da figura que centralizou o evento, Antônio Conselheiro; e o núcleo populacional formado pelos seus seguidores, o “Arraial de Belo Monte ou Canudos”

Conselheirista. Ainda é necessário entender a dicotomia que envolve o movimento liderado por Conselheiro e a recém instaurada República. Neste capítulo ainda são apresentadas as campanhas bélicas em Canudos e o pós-guerra.

2.4 Antecedentes históricos da Guerra: o Brasil no final do século XIX

A Guerra de Canudos não foi um evento isolado e suas raízes se entrelaçam com as complexas realidades do Brasil no final do século XIX, um período marcado por profundas desigualdades sociais, tensões políticas e uma República ainda em fase de consolidação.

Para defensores republicanos, a implantação do novo sistema político foi vista como um ato libertador que moldaria uma nação moderna e igualitária, responsável pela ordem e pelo progresso (Costa & Ruggi, 2012). Os ideais da República foram influenciados por princípios positivistas, que enfatizavam – de forma errônea – o dever dos intelectuais de “civilizar” e promover a igualdade na nação (Salomão, 2017).

Esses princípios foram disseminados por meio de instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que teve papel crucial na popularização das ideias científicas no Brasil do século XIX (Carvalho, 2021). A *elite intelectual e militar* da época guiava-se por noções científicas aceitas na época, incluindo teorias raciais baseadas em interpretações equivocadas da teoria da evolução Charles Darwin e do Iluminismo. Essa elite oitocentista se guiava por essas noções e as utilizava de justificativa para divisões sociais, políticas e raciais. A integração dessas teorias no pensamento social foi fundamental para consolidar uma sociedade estratificada cuja legitimação das estruturas de poder vinha através da ciência. Dessa forma, a sociedade brasileira era interpretada (Macedo, 2016) de modo a transformar o imagético dos sertanejos de Canudos em indivíduos perigosos, retrógrados e carecidos de civilização (Costa & Ruggi, 2012).

Neste período, o país se via desestabilizado em função da crise da economia escravista cafeeira brasileira, resultante da Guerra Civil norte-americana (1861-1865), e da reorganização da economia-mundo capitalista durante a chamada Grande

Depressão (1873-1896). A Guerra de Secessão nos Estados Unidos interrompeu temporariamente a exportação de algodão do sul dos EUA, fazendo com que o Brasil ampliasse sua produção para suprir a demanda europeia. Esse boom agrícola provocou expansão e posterior saturação no uso da mão de obra escravizada, contribuindo para a crise do modelo escravista e a decadência da economia cafeeira dependente desse sistema. A Grande Depressão, por outro lado, foi uma longa crise econômica internacional que reduziu os preços das *commodities* no mercado mundial, incluindo o café brasileiro. Com a queda nos lucros das exportações, agravou-se a crise do modelo escravista e aumentou a pressão por reformas na estrutura produtiva e social do país.

Nesta época, o Brasil também viu discussões que buscavam a necessidade de modernização das forças produtivas e da sociedade nacional, uma vez que, dentre outros motivos, a Lei Áurea havia sido promulgada em 1888 (Prado, 2009). Segundo Silva & Bezerra (2018), mesmo com a Lei Áurea e a proclamação da abolição da escravidão no Brasil, não surgiram políticas públicas de integração social para os ex-escravizados. Sem terras, oportunidades ou perspectivas de futuro, muitos se viram, marginalizados e empobrecidos. Essa situação era particularmente grave no interior do país, onde a concentração de terras e a falta de acesso a recursos básicos eram ainda mais acentuadas (Menezes, 2009 *apud* Silva & Bezerra, 2018).

Após a abolição da escravatura, muitos ex-escravizados, na esperança de obter um pedaço de terra, se uniram ao movimento liderado por Antônio Conselheiro. Acredita-se que muitos se estabeleceram às margens do rio Vaza Barris, mas não há registros documentais que comprovem essa afirmação; a crença se baseia em relatos orais (Calazans, 1997 *apud* Silva & Bezerra, 2018). Vidal e Carvalho (2013) destacam que a presença de ex-escravizados em Canudos é um tema pouco abordado na historiografia, mas ela está presente na memória dos canudenses,

demonstrando a necessidade de maiores abordagens com relação aos diferentes grupos sociais que compunham o arraial.

Os povos indígenas também enfrentavam a continuidade do intenso processo de espoliação de suas terras e identidades. A legislação indigenista oficial insistia em negar a essas comunidades no sertão baiano a condição de indígenas, retirando seus direitos particulares e extinguindo as terras dos aldeamentos (Carneiro da Cunha, 1992). Portanto, é conhecido que a situação social, política e econômica do Sertão de Canudos no final do século XIX carecia de atenção estatal (Villa, 1995).

Os curtumes e toda a indústria de couro estava em declínio e integra um processo prolongado e doloroso de exclusão da região seca nordestina. Desde o final do século XVII, o sertão tinha se transformado em vastas áreas de pastagem, com relações restritas de acesso à terra, que mesmo a legislação de terras de 1850 não conseguiu modificar (Hermann, 1997). Conforme observado por Teixeira da Silva (1997), as fazendas de gado formavam a paisagem da região.

Motta (2011) fala que apesar dos acontecimentos que marcaram a entrada de Canudos na história nacional ter ocorrido entre os anos de 1896 e 1897, a trajetória desta tragédia anunciou-se 20 anos antes, na grande seca de 1877-79. Este foi um período de intensa mobilidade populacional nos sertões nordestinos.

Com base na pesquisa de Camargo *et al.* (2007), destaca-se que a instauração do novo regime republicano no Brasil não estava em sintonia com as injustiças presentes no interior distante do país. Nestes locais havia a presença de grandes latifundiários e pelo fenômeno do "coronelismo", onde cerca de 60% das propriedades rurais estavam concentradas nas mãos de poucos coronéis, que detinham amplos poderes sobre os camponeses marginalizados. Neste quadro social, emergiram *agitações sociais*, como a de Canudos (Costa & Ruggi, 2012). Diante da evidente falta de amparo por parte do novo regime republicano às populações rurais, surge a figura

de Antônio Conselheiro como uma resposta a essas condições adversas no Nordeste do Brasil.

2.5 Antônio Conselheiro: um messias a caminho do Sertão de Canudos

Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu na vila de Quixeramobim, no Ceará, em 1828. Seu pai era um comerciante respeitável e proprietário de algumas casas na vila. Ainda jovem, foi matriculado pelo seu pai na escola do professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, onde estudou português, francês e latim. Aos vinte e sete anos, seu pai faleceu, deixando-o órfão e responsável por suas irmãs, além de assumir a direção do negócio da família devido às dívidas (Hoornaert, 1997).

Antônio Maciel se casou na matriz de Santo Antônio de Quixeramobim em 1857. Naquele mesmo ano, encerrou o negócio familiar e começou a lecionar português, aritmética e geografia em uma fazenda próxima. Antônio tentou a sorte em outras cidades do Ceará: Tamboril e depois em Campo Grande e Ipu, onde novamente trabalhou como caixeiro, até que o dono fechou o estabelecimento, deixando-o desempregado (Macedo, 1969 *apud* Sales, 2023).

Segundo Euclides da Cunha, foi em Ipu/CE que Antônio Vicente Mendes Maciel viu sua vida mudar drasticamente, quando sua esposa fugiu com João da Mata, um soldado da força pública da província. A partir daí, a vida dele tomou um rumo diferente. A partir daí ele começou a percorrer diversos municípios do centro e sul da província, até se tornar um vendedor ambulante (Sales, 2023).

De acordo com Ataliba Nogueira (1978), especula-se que por ele precisar encontrar uma maneira estável de ganhar a vida, decidiu iniciar a construção de cemitérios e igrejas em algumas localidades. Nessa fase, Antônio já era conhecido como Conselheiro. Ele exerceu a mesma atividade em diversas regiões, demonstrando competência e sucesso.

Euclides da Cunha (2023) elogiou as igrejas que ele construiu como "sempre elegantes", destacando a bela igreja do Bom Jesus em Canudos. Além disso, ele também era responsável pela construção de açudes. Aos poucos, Antônio Vicente

Mendes Maciel passou a ser um líder respeitado, ajudando e aconselhando as pessoas em suas dificuldades. Ele acolhia especialmente as vítimas de injustiças políticas e fiscais. Com o tempo, ele formou um grupo de seguidores dedicados, trabalhando juntos na construção de cemitérios e igrejas (cf. Nogueira, 1978; Calasans, 1988).

A presença de Antônio Conselheiro foi notada em muitos municípios, especialmente porque ele liderou um grande grupo em Canudos. Por este motivo, sua ascensão despertou oposição de autoridades civis e religiosas, principalmente daqueles que não entendiam ou temiam seu trabalho (Wanderlei, 2020).

Os conflitos começaram a surgir quando autoridades e padres se sentiram ameaçados por sua influência (Wanderlei, 2020). Um incidente significativo ocorreu em Itapicuru de Cima, na Bahia, onde ele foi preso (1897) sob acusações infundadas de assassinato. Conselheiro foi solto por falta de provas. Essa perseguição continuou mesmo após a Proclamação da República, e ele seguiu suas andanças (Novais Filho, 2020).

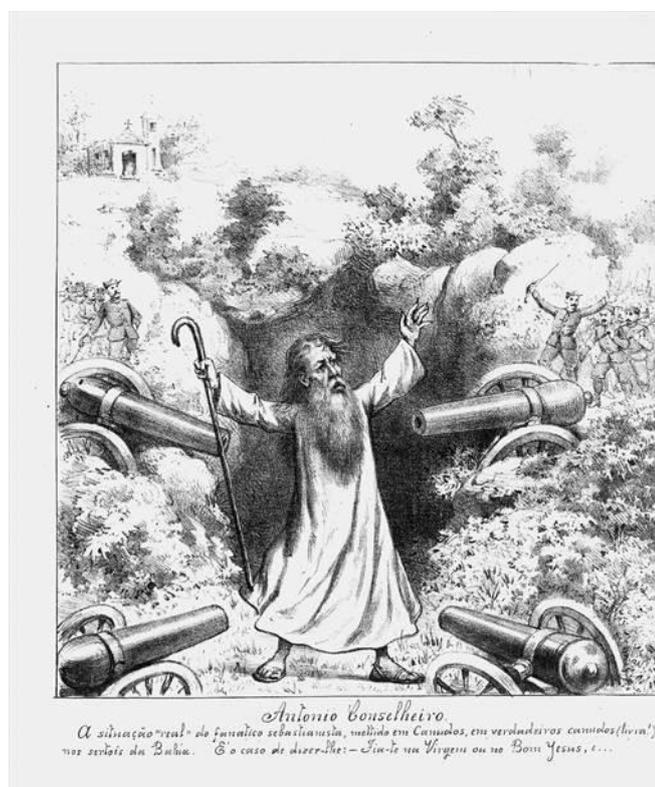


Figura 4: Antônio Conselheiro. Revista Ilustrada, Rio de Janeiro, RJ, n. 728, p. 4, fev. 1897.

O líder religioso cearense Antônio Conselheiro, acompanhado de seus seguidores, após longas andanças pelo sertão nordestino, chegou à região de Canudos em 1883, estabelecendo-se nas proximidades da antiga Fazenda Velha. Ao local, eles deram o nome de Belo Monte. O povoado começou a atrair milhares de pessoas, entre sertanejos, escravos recém-libertos e indígenas. Era considerado uma “utopia cristã”. Seus habitantes eram autossuficientes, com roças e rebanhos coletivos (Ventura, 1997).

2.6 O Arraial de Canudos Conselheirista

A primeira ilustração do antigo arraial de Santo Antônio dos Canudos foi feita por Demétrio Urpia, então juiz preparador de Tucano, vila sertaneja baiana. Para fazer o seu desenho, intitulado “Arraial dos Canudos, visto pela Estrada do Rosário”, o magistrado baseou-se em informações de oficiais da expedição Moreira César, derrotada pelos conselheiristas no início de março de 1897. Na época da Guerra, o desenho de Demétrio Urpia foi comercializado e hoje uma das cópias pode ser consultada no acervo do Núcleo Sertão da Universidade Federal da Bahia.

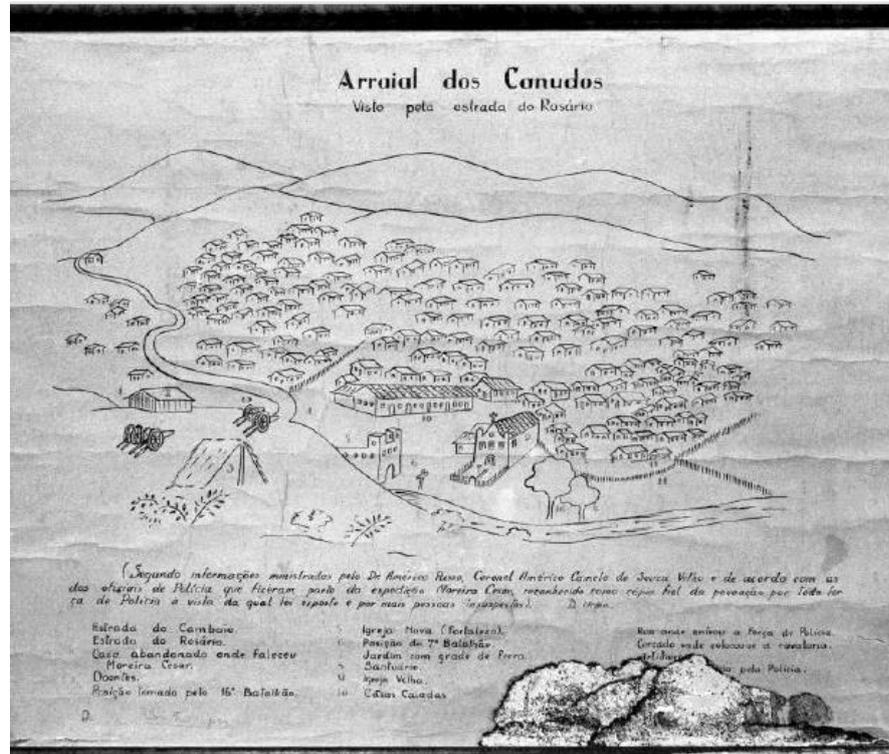


Figura 5 - Representação do Arraial de Canudos vista pela Estrada do Rosário, segundo desenho de Demétrio Urpia, março de 1897. A ilustração apresenta a configuração espacial do arraial no período da Guerra de Canudos, incluindo edificações, ruas, igrejas, áreas de cultivo e pontos estratégicos, acompanhada de legenda identificando locais e eventos relevantes.

Segundo a legenda manuscrita no desenho de Demétrio Urpia, elaborada a partir de informações coletadas com o Dr. Américo Russo, o Coronel Anthero Canela de Souza Neto e oficiais da Polícia que participaram da expedição Marins Cruz, a vista do Arraial pela Estrada do Rosário inclui referências a pontos estratégicos e edificações relevantes. Entre eles, destacam-se: a retirada dos Cambués; a estrada do Rosário; a casa abandonada onde faleceu o Dr. Pires; o “Domínio”; a posição tomada pelo 16º Batalhão; a Igreja Nova, utilizada como fortaleza; a posição do 7º Batalhão; o jardim com grade de ferro; as casas velhas; as casas caídas; a rua maior, que dá acesso à Praça da Igreja; o curral onde estava a cavalaria; e a rua que termina junto à Polícia. Tais elementos permitem compreender a organização espacial do

arraial e a importância de determinados pontos no contexto das operações militares durante a Guerra de Canudos.

Conforme Calasans (2002) o crescimento populacional de Canudos possuía as seguintes variantes:

1) os primitivos moradores do arraial; 2) os seguidores de Antônio Conselheiro com ele chegados; 3) as levas de sertanejos, procedentes de vários municípios, que se transportaram para o Belo Monte entre 1893 e 1896; 4) homens e mulheres que, iniciada a guerra, quiseram ir para o lado do Conselheiro no intuito de defendê-lo e com ele sofreram as terríveis agruras daqueles momentos difíceis (Calasans, 2002, p. 76).

Além disso, Matos (2022) discorre que Antônio Conselheiro era um pregador autodidata da doutrina cristã e atraía muitos fiéis seguidores. Segundo Bergo (2024), durante essa época, sua comunidade foi bem recebida pelo clero local (que permitiu a pregação) e pelos proprietários de terras, que se lucraram com os novos moradores.

Nogueira (1978) relata que Conselheiro e os seguidores construíram casas simples de pau-a-pique, que eram comuns no sertão. Calasans (2002), aponta que Canudos funcionou como um interposto comercial por ter várias estradas, obrigando os viajantes a fazerem uma parada noturna lá, o que levou ao surgimento de ferreiros e artesãos que produziam ferraduras de animais, assim como beneficiou o comércio local.



Figura 6: Casa dos conselheiristas em 1897. Foto de Flávio de Barros do Acervo Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).

Além disso, começaram a lavrar a terra, plantar e trabalhar na limpeza dos pastos para criarem gados, caprinos e cavalos. Assim, Canudos tornou-se um centro de produção de couro, com a venda para a região e Salvador, capital da Bahia. A

exportação internacional do couro de cabra chegou a ser um dos itens mais importantes da economia baiana (Chiavenato, 2008).



Figura 7: Vista parcial de Canudos em 1897. Foto de Flávio de Barros do Acervo Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).

Com o crescimento de Canudos, foi necessária a adesão de princípios orientadores liderados por Conselheiro e seus confidentes mais confiáveis. A fim de manter uma estrutura social organizada, diretrizes foram formuladas para incentivar os esforços de trabalho, alocar terras, promover práticas agrícolas supervisionadas, suprimir comportamentos ilícitos e excluir indivíduos indesejáveis das interações comunitárias (Matos, 2022).

Calasans (2002) destacou que os habitantes de Canudos contribuíam para a administração do arraial. Os terrenos eram distribuídos pelo Conselheiro para a construção de residências, sem realizar nenhuma transação comercial durante a

transferência. De acordo com Bergo (2024), a produção advinda do campo era dividida entre todos os habitantes de Canudos e tudo era estruturalmente organizado.

Segundo Nogueira (1978), o médico e deputado baiano César Zama enfatizou que Canudos era uma população mais numerosa da Bahia depois da capital Salvador. Lá sempre chegavam novos moradores, sendo necessário um esforço diário para abrigá-los (Matos, 2022). Isso é evidenciado ainda por Cunha (2007), que discorre sobre a chegada de diversas caravanas de fiéis vindo do Piauí, Ceará, Pernambuco e Sergipe:

Vinham de todos os pontos, carregando os haveres todos; e, transpostas as últimas voltas do caminho, quando divisavam o campanário humilde da antiga Capela, caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. Estava atingido o termo da romagem. Estavam salvos da pavorosa hecatombe, que vaticinavam as profecias do evangelizador. Pisavam, afinal, a terra da promessa — Canã sagrada, que o Bom Jesus isolara do resto do mundo por uma cintura de serras... Chegavam, estropiados da jornada longa, mas felizes (Cunha, 2007, p. 219).

No arraial havia, por exemplo, a proibição do consumo de bebida alcóolica. Segundo Cunha (2007) o consumo de água ardente era delito sério e conta que:

[...] alguns tropeiros inexpertos, vindos do Juazeiro, foram ter a Canudos, levando alguns barris do líquido inconcesso. Atraía-os o engodo de lucro inevitável. Levavam a eterna cúmplice das horas ociosas dos matutos. Ao chegarem, porém, tiveram, depois de descarregarem na praça a carga valiosa, desagradável surpresa. Viram, ali mesmo, abertos os barris, a machado, e inutilizado o contrabando sacrílego. E volveram rápidos, desapontados, tendo às mãos, ao invés do ganho apetecido, o ardor de muitas dúzias de palmatoadas, amargos bolos com que os presenteara aquela gente ingrata. (Cunha, 2007, p. 225).

Matos (2022) enfatiza que Canudos se esforçou para encontrar uma solução além da jurisdição do Estado para as questões sociais que afetam a população sertaneja. Isso foi feito sem reconhecer ou contestar a legitimidade administração republicana. Além disso, eles mantiveram laços diplomáticos com a Igreja Católica, principalmente devido à presença consistente de um clérigo de Cumbe. As principais

funções do clérigo incluíam conduzir missas, administrar batismos e oficializar casamentos. Mas essa realidade aos poucos foi mudando.

O arraial de Canudos conselheirista começou a ser visto como uma ameaça pelos coronéis latifundiários locais e pelos governos baiano e brasileiro à medida em que crescia. Os sertanejos que se juntaram ao arraial, atraídos pela promessa de Antônio Conselheiro de um mundo melhor, eram vistos como um perigo para a ordem social vigente (Wanderlei, 2020). Foi decorrente deste contexto que desencadearam as primeiras tensões entre os canudenses conselheiristas e o poder vigente.

2.7 As campanhas bélicas em Canudos

Conforme Bergo (2024) as interações governamentais com a vila conhecida como Canudos se tornaram cada vez mais complexas. As autoridades começaram a ver os residentes no campo como fanáticos devotos e perigosos apoiadores da monarquia. Já em 1895, conflitos localizados e pequenos confrontos ocorreram na área. Posteriormente, ocorreu o envolvimento do Estado da Bahia. Sendo assim, Antônio Conselheiro foi identificado como o verdadeiro “anticristo”, que orquestrou um ataque a um contingente policial composto por um tenente e 30 soldados, vencendo-os no confronto.

É sabido ainda que os mediadores religiosos também se engajaram em uma tentativa malsucedida de promover a paz. O arcebispo da Bahia enviou dois capuchinhos italianos e o clérigo da cidade de Cumbe para tratar do assunto. Ao retornar a Salvador, um dos capuchinhos redigiu um relatório propondo interferência governamental, alegando que os canudenses não estavam dispostos a cumprir obrigações fiscais ou seguir as diretrizes da Igreja Católica oficial (Bergo, 2024).

Nas palavras de Sales (2009), para a 1ª Expedição contra Canudos, foi solicitada a força policial de Salvador ao governador Luís Viana em 7 de novembro de 1896, sob o comando do tenente Manuel da Silva Pires Ferreira e composta por apenas 100 soldados. Eles entram em combate com os conselheiros devido aos rumores de sua incursão na cidade de Juazeiro. Tudo ocorrera por conta de madeiras

compradas, pagas e não entregues aos Conselheiristas (para a 2ª igreja). Após sua chegada a Juazeiro e sem enfrentar nenhum ataque dos canudenses, Pires Ferreira optou por aproveitar a oportunidade para lançar uma ofensiva contra Arraial de Canudos. Foi esse fracasso que impulsionou a 2ª expedição.

Bergo (2024) conta que esse conflito atraiu o interesse da imprensa, com reportagens destacando as supostas afiliações monarquistas e católicas dos canudenses, bem como seu suposto apoio de entidades internacionais e envolvimento em atividades subversivas destinadas a derrubar a República em favor do restabelecimento de uma monarquia escravista. Posteriormente informados da ameaça iminente representada pelas forças governamentais, os indivíduos armados reforçaram as defesas de seu acampamento em Canudos.

Em 26 de novembro, aconteceu a 2ª Expedição rumo a Canudos, sob o comando do major Febrônio de Brito. De acordo com Bergo (2024) o contingente militar viajou de trem de Salvador para Queimados, de onde partiu para Monte Santo. Durante o período de 16 a 18 de janeiro do ano de 1897, os combates foram realizados em Mulungu (envolvendo contato com os insurgentes) e em Cambaio (como parte de uma manobra ofensiva). Um contra-ataque que se seguiu ocorreu em Tabuleirinho. Combinadas por provisões e armamentos insuficientes, as operações militares não tiveram sucesso, levando a uma retirada estratégica em 19 de janeiro em direção a Monte Santo.

Surgiram intrigas políticas relacionadas à autonomia jurisdicional da Bahia e à postura adotada pelo Distrito Militar, que percebeu a situação como um desafio à honra do Exército, comprometendo a integridade institucional. Na capital do país, o governo federal, influenciado pela pressão dos defensores da facção “florianista” que viam Canudos como uma perigosa fortaleza dos sentimentos monarquistas, iniciou medidas repressivas (Bergo, 2024).

De acordo com Sales (2009) a 3ª Expedição Contra os Canudos foi planejada no Rio de Janeiro pelo presidente da República, Manuel Vitorino Pereira. Após sua operação na bexiga em outubro de 1896, Prudente de Moraes foi deposto do poder em

10 de novembro do mesmo ano. Essa expedição foi comandada pelo coronel Antônio Moreira César, que era famoso pela sua brutalidade e pelo assassinato de prisioneiros.

Conforme Bergo (2024), o grupamento partiu de Salvador para Queimadas em 7 de fevereiro de 1897, com por 1. 300 homens de quatro batalhões de infantaria, 200 policiais militares, um esquadrão de cavalaria e uma bateria de artilharia. Além disso, foi incluído dois engenheiros militares e ambulâncias. A presença de armas usadas, munição limitada e logística inadequada levaram a um resultado malsucedido nas batalhas em Pitombas, Angico e Fazenda Velha.



Figura 8: Conselheirista preso rodeado por soldados do 28º Batalhão de Infantaria. 1897. Fotografia de Flávio de Barros. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).

Por volta das 10h de 03 de março de 1897, as tropas líderes haviam avançado a uma distância de 800 m de Canudos após os preparativos da artilharia. Esta unidade avançou em unísono por um vão de 400m. Posteriormente, às 11 horas, a situação piorou, culminando em uma calamidade significativa. Moreira César sofreu ferimentos graves, morreu e houve uma retirada desordenada das tropas (Bergo, 2024).

A derrota da 3ª Expedição gerou comoção e revolta de militares, político e civis, reforçando a necessidade de salvar a República. Em 1897 Prudente de Moraes retoma a Presidência da República e inicia a reparação da 4ª Expedição contra Canudos. Segundo Sales (2009) o General Artur Oscar de Andrade Guimarães foi escolhido para comandar a 4ª Expedição. Ele somou a cerca de 9 mil homens, 04 generais e 100 toneladas de munições, além disso, um fotógrafo que uniu-se para registrar a expedição.



Figura 9: Fotografia da 3ª expedição a Canudos (1897). Foto: Flávio de Barros/Wikicommons

Em outubro de 1897, uma quarta investida, mais bem equipada e numerosa, finalmente conseguiu derrotar os sertanejos. Antônio Conselheiro morreu no combate, e o arraial foi destruído. A Guerra de Canudos foi um episódio trágico da história brasileira. O massacre dos sertanejos que defendiam seus direitos e seu modo de vida foi uma demonstração do autoritarismo da elite brasileira e da violência do estado. Em 1967 toda essa história ficou submersa com a finalização da construção da Barragem de Cocorobó sobre o arraial de Canudos.



Figura 10: Fotografia de 1897 - Ataque e incêndio de Canudos. Foto: Flávio de Barros/Wikicommons

2.8 O pós-guerra em Canudos

As tropas do governo federal, após a vitória em Canudos, empreenderam uma campanha de repressão aos seguidores de Antônio Conselheiro. Muitos foram perseguidos, presos e até mesmo mortos. O governo também promoveu uma campanha de desmoralização, buscando apagar a memória de Canudos e de seu líder. Após a brutalidade da Guerra de Canudos, o sertão baiano viveu um período de reconstrução e transformação. No local do antigo arraial, ergueu-se um novo Canudos, habitado por remanescentes que buscavam recomeçar suas vidas (Brito, 2023).

Segundo Ventura (2002) após a extensa destruição do Arraial de Belo Monte (1° Canudos ou Arraial Conselheirista), que acomodou cerca de 5.200 residências e aproximadamente 20.000 indivíduos, devido a quatro expedições militares do Exército Brasileiro, outra Canudos surgiu nas proximidades das ruínas da Canudos original. Essa comunidade recém-criada é conhecida como 2° Canudos. Ela foi povoada por habitantes que desejavam permanecer conectados ao local, bem como por ex-moradores do arraial de Conselheiro que haviam sido evacuados durante o conflito.

Ficava situado de forma espaçada e difusa numa área que englobava o que hoje é a comunidade rural chamada de “Canudos Velha” (3° Canudos) e o Arraial Conselheirista (1° Canudos).



Figura 11: Mulheres e crianças prisioneiras em 1897. Foto de Flávio de Barros do Acervo Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).

Um marco importante nesse processo foi a construção do açude de Cocorobó. Conforme Ventura (2002) em 1969, parte dos residentes da 2° Canudos foram realocados para as partes mais altas do terreno e formaram a 3° Canudos/Canudos Velha. Outra parte foi realocada para a "Nova Canudos" (4° Canudos), que atualmente é a sede do município, situada a 10km deste território.

Ainda segundo Ventura (2002), o relato histórico da barragem de Cocorobó se inicia em meados de 1940. Durante uma visita à vila de Canudos, o presidente Getúlio Vargas prometeu a construção da barragem de Cocorobó, iniciada em 1952 sob os auspícios do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca). Posteriormente, em 1969, após fortes chuvas, a barragem foi completamente preenchida, provocando a inundação que submergiu toda a 1ª Canudos (Canudos Conselheirista), parte do recém-estabelecido assentamento da 2ª Canudos e o florescimento da 3ª Canudos (Canudos Velha). Sendo assim, os remanescentes da

Canudos Conselheirista enfrentaram sua segunda e última obliteração. No **Anexo I** deste trabalho nós apresentamos um mapa com a ilustração desta dinâmica, que não envolve mais que um raio de 2km. Um mapa semelhante também é apresentado na figura abaixo:

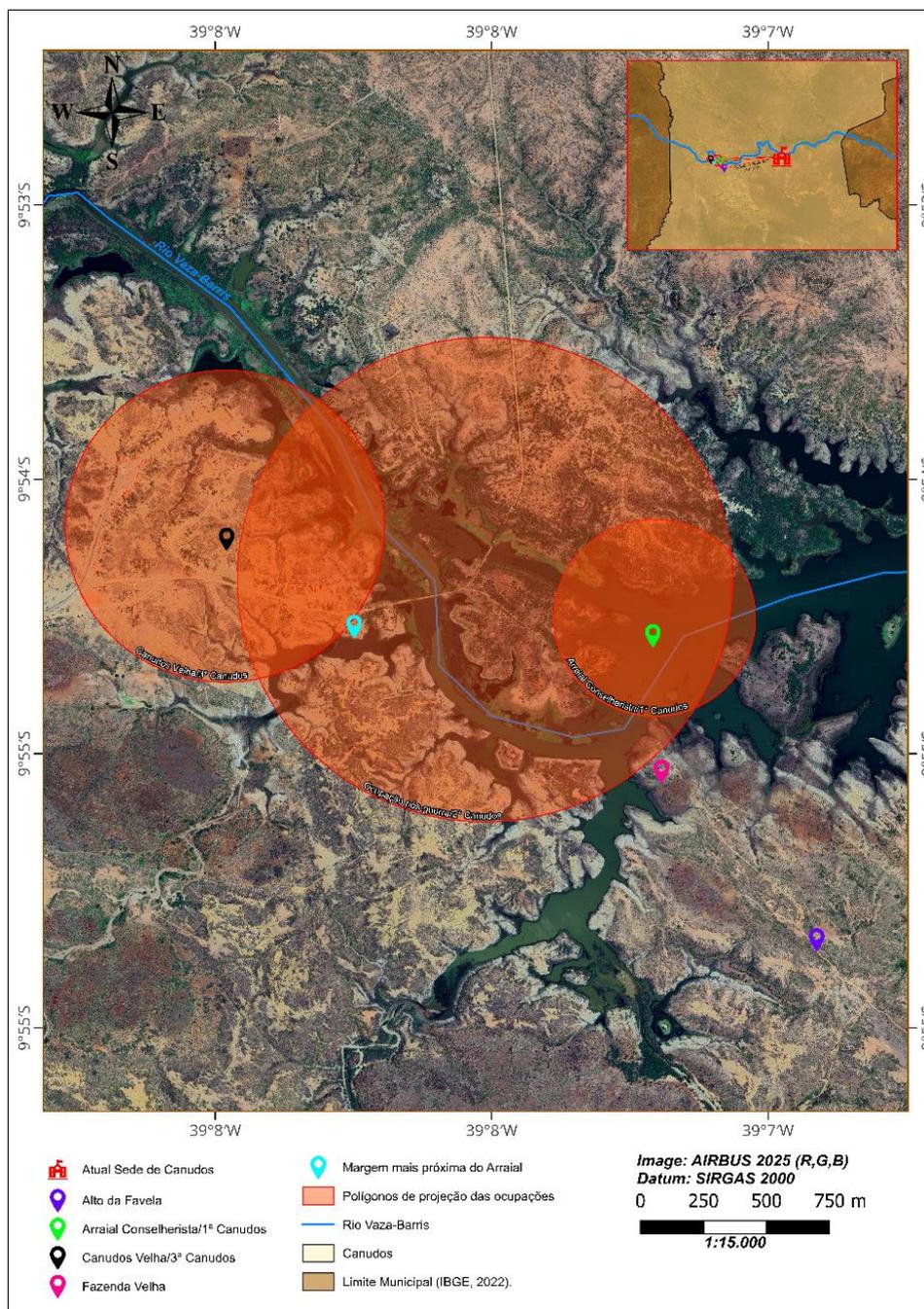


Figura 12 – Mapa com a disposição e localização projetada das ocupações em Canudos. Mapa de Felipe Sales, com base em dados do IBGE (2023) e informações orais fornecidas por Paulo Régis de Souza (2025), guia local e descendente de conselheiristas.

Para entender a relação entre as ocupações em Canudos, apresentamos o seguinte quadro abaixo:

Tabela 1: Relação entre as diferentes ocupações históricas de Canudos, indicando suas denominações alternativas, classificação/fase, período aproximado de ocupação e eventos significativos associados a cada contexto.

| Local | Outros nomes / denominações | Classificação / fase | Período de ocupação (aprox.) | Eventos significativos |
|--|---|---|--|--|
| Fazenda Velha (Fazenda Velha de Belo Monte) | Fazenda Velha, Fazenda Velha de Belo Monte | Ocupação Pré-Conselheirista / base de fundação do arraial | Séc. XVIII até 1883 (fazendeiros); 1883–1897 (Conselheiro) | Ocupação de fazendeiros de gado; arrendamento a Mariana Francisca e família do Barão de Jeremoabo; compra por Fiel José de Carvalho; local onde Antônio Conselheiro instala o arraial de Belo Monte. |
| Arraial do Belo Monte / Santo Antônio de Canudos | Arraial do Belo Monte, Arraial Conselheirista, Belo Monte, Santo Antônio de Canudos | 1ª Canudos | 1883–1897 | Fundação do povoado por Antônio Conselheiro; crescimento rápido; Guerra de Canudos (1896–1897); destruição pelo Exército. |
| Segunda Canudos (Novo Canudos / Canudos pós-conselheirista) | Novo Canudos, Canudos pós-conselheirista, Reocupação do arraial | 2ª Canudos | 1897–1969 | Reocupação por ex-conselheiristas após a guerra; povoamento difuso entre os locais da 1ª e futura 3ª Canudos; comunidade rural até a inundação parcial pelo açude de Cocorobó. |
| Terceira Canudos (Canudos Velha) | Canudos Velha, Velha Canudos | 3ª Canudos | 1969–década de 1980 | Instalação de novo núcleo em terreno mais alto após a inundação; sobrevivência de moradores; local de memória histórica. |
| Quarta Canudos (atual sede de Canudos) | Nova Canudos, 4ª Canudos, Canudos atual, sede do município | 4ª Canudos | Década de 1980–presente | Construção da nova sede municipal a ~13 km das áreas anteriores; reorganização administrativa; localidade urbana atual |
| Alto da Favela (PEC) | Alto da Favela | Não numerado; ponto de referência | Contemporâneo | Ponto elevado próximo ao Parque Estadual de Canudos; margem mais próxima do antigo Arraial; área de pesquisa arqueológica e visitação |

Em 1911, o povoado de Nova Canudos (afastado 10km da 1ª, 2ª e 3ª Canudos) foi elevado à categoria de cidade, consolidando sua posição como centro urbano regional. O desenvolvimento da agricultura, a chegada de novos moradores e a abertura de escolas e comércio impulsionaram o crescimento da cidade.

É importante destacar que, no contexto pós-conflito — marcado pela devastação do Arraial Conselheirista de Belo Monte e pelo genocídio cometido contra seus habitantes —, inicia-se um segundo ciclo textual sobre Canudos, inaugurado com a publicação de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902. Por quase meio século, as interpretações sobre o episódio foram dominadas pela visão dos vencedores e pelo cânone euclidiano.

Esse ciclo, no entanto, foi rompido com o surgimento de uma nova perspectiva textual, tanto na imprensa de massa quanto nas pesquisas acadêmicas, que passou a incorporar a voz dos sertanejos sobreviventes ao genocídio, resgatando suas memórias e experiências (Brito, 2023). É nesse novo cenário interpretativo que se inserem as pesquisas arqueológicas de campo em Canudos e, também, esta dissertação de mestrado, que compreende o conflito como resultado de um contexto de tensão entre dois projetos de país.

2.9 Uma só República e dois Brasis: Arraial de Canudos como obstáculo a um ideal de modernidade

O arraial de Canudos pode ser visto como um desafio à ordem republicana e aos interesses dos latifundiários, pois representava uma resistência à opressão e uma alternativa à estrutura socioeconômica. A comunidade, com sua organização coletivista, onde as lavouras e os rebanhos pertenciam a todos, era uma ameaça ao modelo de desenvolvimento e modernização que excluía a maioria da população rural pobre. Nas palavras de Davis Ribeiro Sena, Antônio Conselheiro fundou um “Estado Revolucionário dentro do Estado Legal” (2002, p. 381). Este fato tornava o povoamento de Canudos *inconveniente*. Aquele povo se situava numa “posição incômoda em face da lei da Igreja e do Estado” (Melo, 1979-1980, p. 23).

Euclides da Cunha (1902), delineou essa dualidade a partir Guerra de Canudos, retratando-a como uma cidade iletrada, permeada por fanatismos e superstições transmitidas oralmente. O autor construiu um modelo interpretativo que descreveu as relações e conflitos como entre uma cultura letrada e urbana (República) e uma cultura oral sertaneja, caracterizada por mitos messiânicos e pela tradição

católica (Conselheiristas). Essa abordagem procurou depreciar o "outro", sujeito de seu discurso e oponente de suas visões políticas republicanas (Ventura, 1997).

Para além da narrativa da guerra em si, Euclides da Cunha elaborou uma ideia sobre o Brasil, concebendo sua história como impulsionada pelo confronto entre diferentes etnias e culturas. Nesse sentido, o autor recorreu à teoria do sociólogo austríaco Ludwig Gumplowicz (1838-1909), que postulava que a história era conduzida pela luta entre raças, culminando no inevitável esmagamento dos grupos mais fracos pelos mais fortes (Vianna, 2016). Diante do avanço da cultura estrangeira, Euclides da Cunha em seu livro, proclamando: "Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos" (Cunha, 2023, p. 145).

Canudos pode ser vista como exemplo clássico da tensão entre o Brasil que buscava se modernizar e o Brasil tradicional e rural. De um lado, havia o governo republicano, que representava um Brasil em busca de modernização, influenciado pelas ideias de progresso e desenvolvimento urbano-industrial. Do outro, estava o arraial de Canudos, liderado por Antônio Conselheiro, que atraía populações marginalizadas do Nordeste, representando um Brasil tradicional, com fortes raízes rurais e religiosas. Correntes teóricas como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o socialdarwinismo ganharam forças de difusão no Brasil durante este período. A intenção era mudar a imagem internacional do país, associando-o à modernização, e não mais à selva (Schwarcz, 1993). Mas Canudos foi um percalço e por isso precisou ser controlada.

A Guerra de Canudos é, portanto, um símbolo da luta entre dois Brasis: um que almejava se inserir no contexto das nações modernas e industrializadas (dos habitantes da Fazenda Velha e seus contemporâneos); e outro que resistia, mantendo-se fiel a um modo de vida mais simples e comunitário, profundamente enraizado na cultura rural brasileira (conselheiristas). Sendo assim, este trabalho se debruçará a partir dos capítulos seguintes sobre os resultados das pesquisas

arqueológicas em Canudos e também da proposta teórica e metodológica da pesquisa (Arqueologia Histórica).

3 PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO PARQUE ESTADUAL DE CANUDOS (PEC)

A Arqueologia da Guerra e do Conflito emerge como uma subárea promissora da Arqueologia Histórica, dedicada ao estudo das materialidades geradas por episódios de violência ao longo da história. Segundo Lino (2022), a Arqueologia do Conflito e da Guerra deve ser compreendida como o estudo da “materialidade criada em razão de atos de violência, partindo de conflitos isolados até episódios bélicos de longa duração”, incluindo, além de guerras convencionais, repressões políticas, ditaduras e movimentos de resistência (LINO, 2022, p. 122). A materialidade revelada em Canudos — desde estruturas de trincheiras até vestígios de uso doméstico como fragmentos de louça — é um exemplo claro dessa abordagem, pois articula elementos do cotidiano e da guerra.

Lino (2022) destaca que essa abordagem permite analisar não apenas os eventos bélicos em si, mas também suas repercussões nas paisagens culturais, desde a pré-história até a contemporaneidade. A "paisagem arqueológica de conflitos" é definida como "toda a materialidade criada em razão de atos de violência, partindo de conflitos isolados até episódios bélicos de longa duração" (Lino, 2022, p. 3). Essa perspectiva inclui desde campos de batalha até estruturas pós-conflito, como cemitérios e monumentos.

A abordagem interdisciplinar é fundamental para a Arqueologia do Conflito. Como destacam Funari e Oliveira (2008, p. 143), a análise da cultura material permite explorar "conflitos no passado e na sua interpretação", especialmente em sociedades marcadas por tensões sociais. A relação entre artefatos cotidianos e as dinâmicas econômicas podem elucidar sobre aspectos sociais importantes dos contextos estudados. Essa perspectiva dialoga com a proposta de Carman (2013), que defende o estudo integrado das paisagens de conflito, considerando não apenas os locais de batalha, mas também acampamentos, estruturas de retaguarda e espaços de memória.

Importante destacar que o caso de Canudos integra um conjunto mais amplo de pesquisas arqueológicas sobre conflitos internos no Brasil. Outro exemplo expressivo é a Guerra do Contestado (1912–1916), tema extensamente estudado por Jaisson Teixeira Lino e James Symonds (2021), que apontam como a cultura material — fragmentos de armas, louças, estruturas de madeira, trincheiras — pode revelar tanto a violência do conflito quanto a resistência simbólica e espiritual da população cabocla (Lino; Symonds, 2021, p. 7).

Portanto, as pesquisas arqueológicas no Sertão de Canudos e região revelaram descobertas que contribuem para uma compreensão mais profunda da história da Guerra de Canudos e do contexto social em que ela se inseriu. Zanettini *et al.* (1996) fala da importância da arqueologia na compreensão do conflito de Canudos e na reconstrução da história de grupos marginalizados. O autor ressalta a necessidade de desafiar as narrativas históricas estabelecidas e de utilizar a arqueologia como uma ferramenta para acessar o conhecimento sobre temas ausentes em outras fontes.

Com a criação do PEC em 1986, foram iniciados os estudos arqueológicos em Canudos. Esse trabalho, pioneiro em nosso país, teve a coordenação geral de Yara Dulce Bandeira de Ataíde e foi executado pelo arqueólogo Paulo Eduardo Zanettini, antropólogos Heloísa Helena Kuser e João César Reis Cabral, e geólogo Jorge Glauco Costa Nascimento.

Nessa primeira fase de 1986, foram coletados inúmeros artefatos da guerra, material lítico, fragmentos de louças e cerâmicas, material vítreo dos acampamentos e hospitais militares, além de material orgânico como couro e ossos humanos e de fauna. A bibliografia disponível sobre estes resultados não contém listagem de quantidade de artefatos. Os sítios estudados foram a Fazenda Velha, antiga sede da Fazenda Canudos, Fazenda Macambira, atual Arrojado, Vale da Morte e a Fazenda Trabubu.

A segunda fase ocorreu em 1999 e os trabalhos arqueológicos aconteceram na seca na região que fez aflorar as ruínas da Canudos conselheirista e da cidadela

reconstruída no início do século XX pelos sobreviventes da Guerra. Essas novas investigações foram impulsionadas pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC), sob a direção de Luiz Paulo Almeida Neiva, e coordenadas pelos arqueólogos Paulo Eduardo Zanettini e Erika M. Robrahn-González. Os trabalhos tiveram apoio em pesquisa histórica dos professores Renato Ferraz, Manoel Neto e José Carlos da Costa Pinheiro. Os resultados foram publicados no livro *Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos* (UNEB/CEEC, 2002).

O Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro é o guardião dos estudos arqueológicos empreendidos no cenário da Guerra de Canudos (1896-1897) e estes artefatos estão sob a responsabilidade da arqueóloga Maria Cleonice Vergne, no Laboratório do Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro. No entanto, não há dados primários sobre essas escavações arqueológicas ou mesmo sobre a procedência efetiva de cada artefato coletado.

Os únicos documentos oficiais sobre essas pesquisas são 02 publicações: a primeira delas, intitulada *Arqueologia Histórica de Canudos: Estudos Preliminares* (Zanettini *et al.*, 1996), resume os primeiros esforços de mapeamento arqueológico da área, com destaque para a apresentação resumida de vestígios materiais relacionados ao conflito de 1896-1897 e às ocupações anteriores. A segunda, intitulada *Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos* (UNEB/CEEC, 2002), apresenta um resumo dos resultados de duas etapas de pesquisa: a Etapa I contempla o reconhecimento arqueológico da região; a Etapa II resume o Salvamento Arqueológico Emergencial do Arraial de Canudos, realizado após o rebaixamento do Açude de Cocorobó, incluindo escavações, entrevistas e ações de reconstituição de estruturas associadas à Guerra de Canudos.

Sendo assim, a pesquisa arqueológica em Canudos enfrenta o desafio da perda significativa de informações contextuais dos materiais coletados. A falta de documentação adequada sobre os resultados primários das escavações nas duas fases compromete a interpretação precisa dos artefatos e suas relações com o ambiente original. A ausência de dados primários limita a análise do contexto

arqueológico, mas a preservação dos artefatos permite continuar a exploração teórica e metodológica de sua importância histórica. Ademais, as referidas publicações servem como um norte a ser seguido na busca pela interpretação do acervo.

Os demais trabalhos publicados sobre as pesquisas arqueológicas em Canudos derivam dos dois produtos iniciais produzidos no âmbito dos primeiros levantamentos. No Laboratório de Pesquisa Arqueológica de Canudos, atualmente, não existem documentos originais referentes a essas pesquisas, tais como listagens de artefatos, georreferenciamento, mapas temáticos de distribuição dos achados, fichas de campo e cadernos de anotações.

A ausência desses registros compromete a análise contextual dos materiais. Como destaca Trigger (2006, p. 15), "a análise dos dados primários é fundamental para a construção de interpretações robustas sobre o passado e para a compreensão das relações sociais, econômicas e culturais que existiam em um determinado local". A falta de dados de procedência contextual pode ser atribuída, em parte, à incipiência ou mesmo à ausência de normas consolidadas de gestão do patrimônio arqueológico no Brasil durante a década de 1990, o que impactou significativamente a sistematização das informações de campo (Caldarelli & Cândido, 2017).

A inexistência de registros sistemáticos da localização precisa dos artefatos, bem como das características dos contextos arqueológicos em que foram encontrados, impede a reconstrução acurada da paisagem cultural do arraial e da dinâmica espacial dos objetos nos diferentes setores do sítio. Como alerta Drewett (1999 apud Domingo et al., 2015), a ausência de informações contextuais limita a capacidade de interpretar adequadamente a função, o significado e a trajetória dos materiais arqueológicos.

Diante desse cenário, a falta de dados primários configura-se como uma limitação técnica para o aprofundamento dos estudos, mas não a torna intransponível. A superação dessa lacuna exige a adoção de métodos, técnicas e abordagens teóricas multifacetadas que permitam inferências mais qualificadas a partir do que se preservou. Afinal, os artefatos ainda existem, constituindo um acervo protegido por lei

e que se mantém preservado em laboratório. Trata-se da única coleção arqueológica em laboratório referente a um dos principais episódios da história brasileira.

Nos últimos anos, foi procedido um novo tombamento dos artefatos arqueológicos identificados em Canudos-BA. Segundo estes tombamentos, há no acervo 1638 (um mil, seiscentos e trinta e oito) artefatos cerâmicos, 674 (seiscentos e setenta e quatro) artefatos em louça, além de vidros, tijolos, telhas, metais, diversos (material orgânico) e lítico. Para a pesquisa em tela, serão desmandos esforços para análise dos artefatos em louça e cerâmica. Conforme poderá ser visto nos capítulos de análise de louça e cerâmicas dessa dissertação, esses quantitativos listados foram encontrados praticamente em sua totalidade (foram identificados e analisados 1.591 fragmentos cerâmicos; e foram identificados e analisados 690 fragmentos de louça).

A seleção destes tipos de artefatos para essa pesquisa resulta da seguinte justificativa: artefatos como tijolos e telhas são materiais construtivos e agregam poucas informações para discussões sobre aspectos do modo de vida doméstico. Artefatos como metais e vidros no contexto de Canudos estão associados à Guerra.

Segundo Zanettini *et al.* (1996), as evidências de material vítreo coletados na pesquisa estão associadas ao contexto do Vale da Morte e ao Hospital do Sangue, que são locais do PEC intimamente relacionados aos conflitos bélicos. Inclusive, no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, os artefatos em vidro são apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Este fator levou à decisão de que esta pesquisa não consideraria os artefatos em vidro presentes no espólio para as análises, uma vez que tais artefatos poderiam se tratar de um contexto divergente do objetivo dessa dissertação, que é o cotidiano.



Figura 13: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 14: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 15: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 16: Artefatos em vidro exposto no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, apresentados como diretamente associados ao contexto militar e ao Hospital do Sangue. Foto: Felipe Sales, 2025.

Os “diversos” (material orgânico) são couro ou materiais ósseos que não foram selecionados por esta pesquisa por não acrescentarem diretamente aos questionamentos pretendidos. Os materiais líticos referem-se a baladeira (armamentos) e a períodos de ocupação pré-coloniais da região.

A respeito dos fragmentos em louça, Zanettini *et al.* (1996) dizem que foram recolhidos durante a pesquisa: pratos rasos e fundos tigelas, xícaras, além de pequenas vasilhas. A concentração maior de louças decoradas estava na EH-39 (sítio

Fazenda Velha). Além destas, o relatório também aponta que houve a coleta de louça na Encosta do Alto do Mário (que fica próximo à Fazenda Velha). O trabalho também cita a coleta de louça no acampamento militar do Vale da Morte.

Segundo este livro, foram coletados fragmentos cerâmicos do tipo neo-brasileira no PEC nos sítios denominados estruturas habitacionais: EH-39, EH-41 (estrutura do século XX) e EH-1, mas não há informações de onde seja este último sítio. O autor não conceitua as cerâmicas neo-brasileiras, mas consideramos aqui como cerâmicas de produção local/regional, produzida com técnicas de torno mecânico (Dias Jr., 1988). “A cerâmica de tradição neo-brasileira constitui-se parcela importante do arsenal de vida cotidiana do homem sertanejo até o momento presente” (Zanettini *et al.* 1996, p. 70).

Segundo o livro *Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos* (UNEB/CEEC, 2002), as cerâmicas coletadas nas pesquisas realizadas no Parque Estadual de Canudos (PEC) foram encontradas em diferentes pontos do PEC, especialmente nas áreas de antigas habitações, associadas à Guerra de Canudos e ao cotidiano sertanejo da região. Mas a procedência seria principalmente a área do Arraial Conselheirista (denominada concentração A – área de densa presença arqueológica). Para as louças, segundo o trabalho, a procedência foi principalmente a Fazenda Velha (denominada EH39) e outras unidades habitacionais de fazendas de gado contemporâneas a ela que existiram na área do PEC.

Ademais, as informações orais que foram repassadas à atual responsável pelo acervo, Cleonice Verge, é que de as cerâmicas foram coletadas em toda a área do PEC e que podem estar associadas a diversos contextos arqueológicos, inclusive pré-coloniais. Portanto, as informações primárias ou secundárias a respeito das cerâmicas coletadas neste trabalho são poucas e muitas não oficiais.

No relatório da atividade de campo do qual tratamos anteriormente, há apenas 02 mapas temáticos sem a profundidade de dados necessária para a interpretação arqueológico. É certo, conforme afirmado por Domingo *et al.* (2015), que durante a documentação de qualquer tipo de um sítio, você deve prestar especial atenção a dois

aspectos fundamentais: recolher informações sobre o conteúdo e sobre a forma e distribuição espacial de os restos mortais, e descrever o seu estado de conservação e quaisquer outras informações relevantes para gestão posterior.

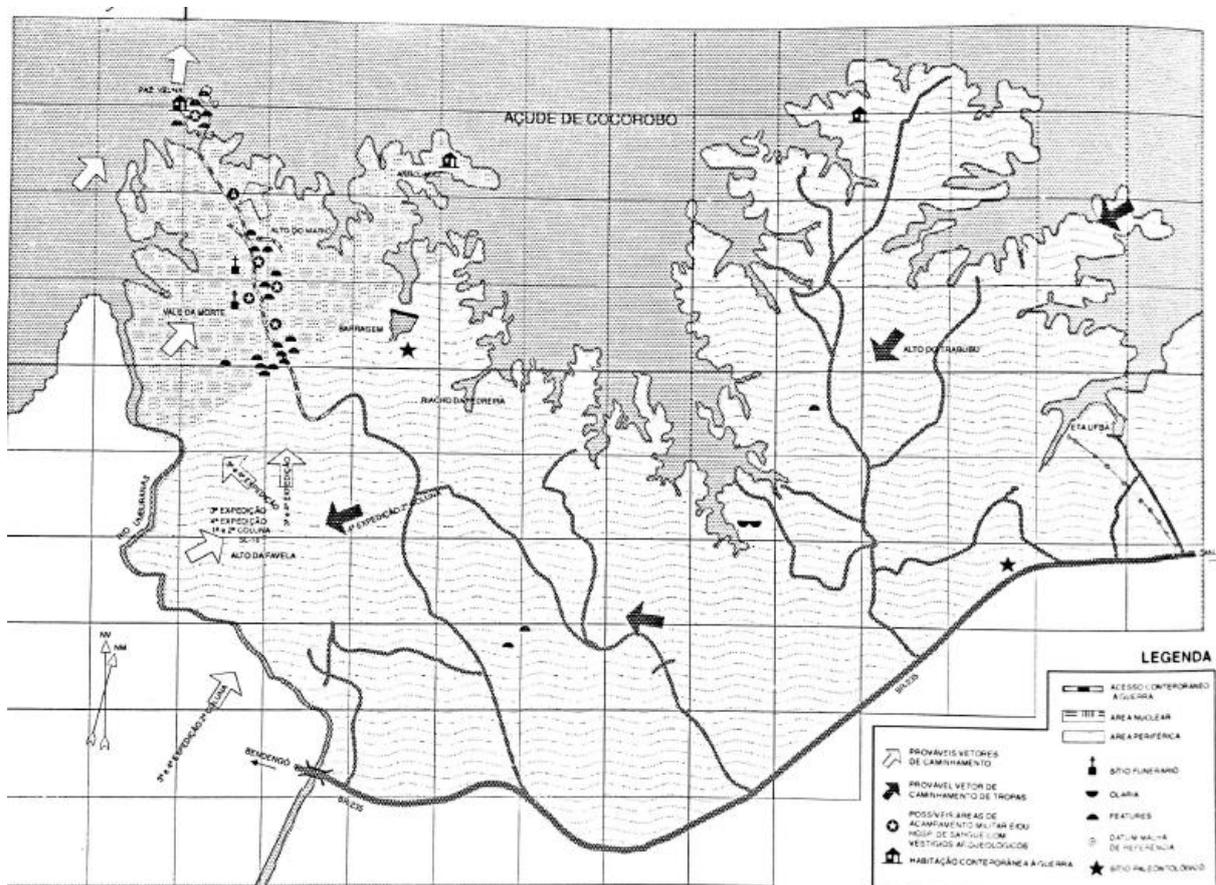


Figura 17: Mapa de ocorrência de vestígios arqueológicos e features presente no livro Arqueologia Histórica de Canudos: estudos preliminares (Zanettini 1996).

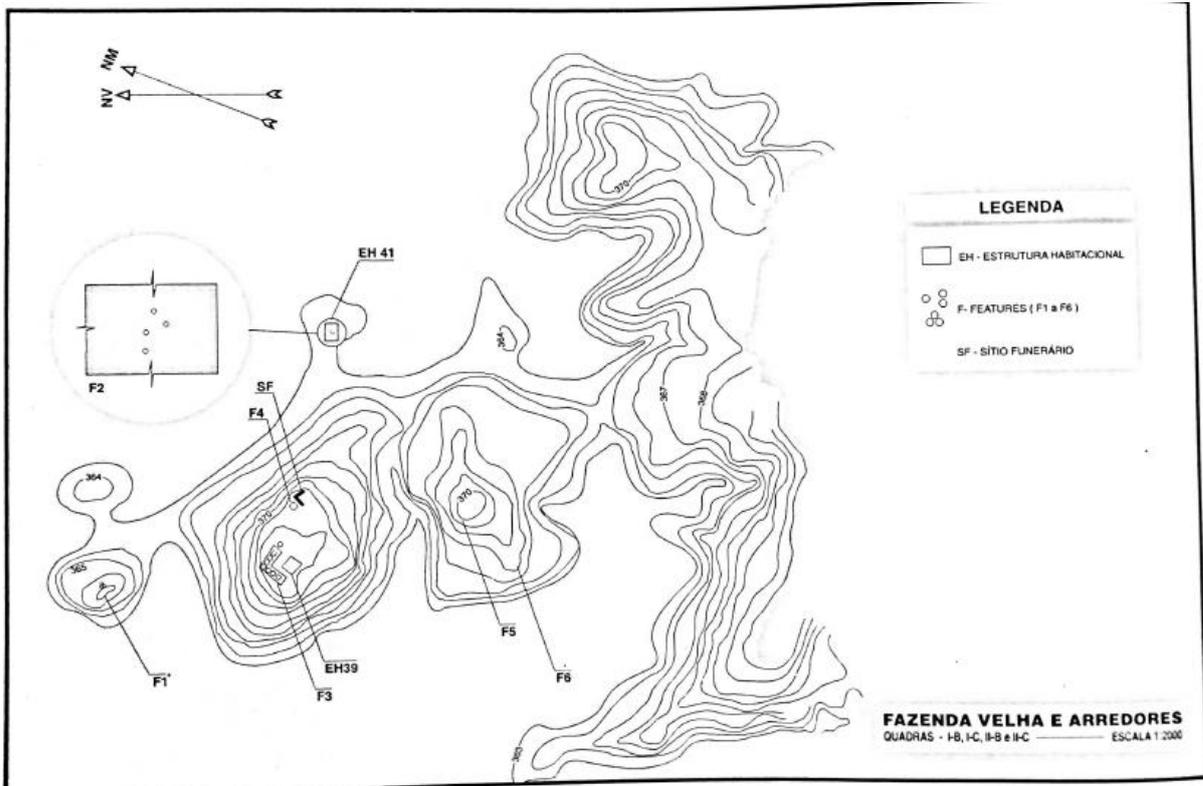


Figura 18: Mapa da Fazenda Velha e seus arredores presente no livro Arqueologia Histórica de Canudos: estudos preliminares (Zanettini, 1996).

É notório que regras mínimas de registro arqueológico durante os trabalhos de campo, caso tenham sido seguidas, não foram suficientes para garantir a preservação dos dados e informações relativas às campanhas arqueológicas em Canudos, uma vez que esses registros não se encontram disponíveis na instituição que atualmente guarda o acervo. Essa lacuna, entretanto, deve ser compreendida à luz do contexto cronológico em que as pesquisas foram realizadas.

Os pesquisadores envolvidos nesses trabalhos, entre eles profissionais capacitados e respeitados como Paulo Zanettini, atuaram em um período em que as práticas de gestão e conservação de dados arqueológicos ainda não estavam plenamente consolidadas no Brasil. Desde então, passaram-se muitos anos até que o acervo voltasse a ser objeto de interesse acadêmico por outros pesquisadores.

Em consulta direta com o arqueólogo Paulo Zanettini, foi informado que os documentos originais das escavações não se encontram mais sob sua guarda, e que todo o material disponível sobre a pesquisa foi devidamente publicado (Zanettini, informação verbal, 2023). Assim, o estudo de Canudos a partir da materialidade arqueológica já coletada implica, necessariamente, visitar e reinterpretar um trabalho consolidado: trata-se de realizar uma arqueologia das coleções, dos registros disponíveis, ou, como sugere o professor e arqueólogo Dr. Carlos Alberto Costa (PPGAP/UFRB) (informação verbal, 2023), "*uma arqueologia da própria arqueologia*".

Como argumenta Zapatero (2014), a publicação é o ato que consagra a escavação como conhecimento, e as obras de Zanettini (1996; 2002) iluminam e concedem validade científica ao acervo arqueológico de Canudos. Dessa forma, ainda que a ausência de dados primários represente um desafio metodológico, as publicações existentes servem como suporte fundamental para a compreensão do contexto material investigado nesta pesquisa.

Os artefatos arqueológicos de Canudos remontam a uma das páginas mais importantes da história do Brasil e da Bahia. A cultura material, enquanto fonte de investigação, oferece valiosas informações sobre o cotidiano humano, permitindo compreender práticas sociais, escolhas técnicas, padrões econômicos e aspectos simbólicos das sociedades ao longo da história (Miller, 2013). O estudo da materialidade revela não apenas os modos de vida, mas também as relações sociais e os processos históricos que moldaram as comunidades.

Contudo, nem sempre é possível contar com informações primárias ou secundárias diretas sobre os artefatos. Em situações como esta, onde a documentação de campo é escassa ou inexistente, é necessário reconhecer as limitações impostas e adotar estratégias metodológicas que potencializem a análise da cultura material disponível. Apesar da carência de registros contextuais, estes bens arqueológicos preservam significados e narrativas que, quando devidamente interpretados, continuam a oferecer contribuições relevantes para a compreensão do passado.

Dessa forma, os próximos capítulos desta dissertação apresentarão as fundamentações teóricas e as propostas metodológicas delineadas para superar essas limitações, visando a construção de interpretações consistentes e a obtenção dos resultados esperados a partir dos questionamentos levantados.

4 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO SERTÃO DE CANUDOS: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS DA PESQUISA

4.1 Arqueologia histórica no Brasil

Woodward e Setzler, no mundo anglo-saxão nas décadas de 1930 e 1940, foram os primeiros a usar a expressão arqueologia histórica (Lima, 2002). De acordo com Lima (1989), essa expressão deu origem a alternativas de pesquisa, incluindo a Arqueologia de Sítios Históricos e a Arqueologia do Período Colonial, entre outros ramos. A definição mais apropriada, conforme Schuyler (1978) e citada por Lima (1987), coloca a arqueologia histórica como o estudo da manifestação material da expansão da cultura europeia sobre o mundo não-europeu, começando no século XV e terminando com a industrialização ou na atualidade, dependendo das condições locais (Oliveira, 2017).

Conforme Herberts (2009), não existe uma definição única para a arqueologia histórica que englobe todas as possibilidades de pesquisa e que seja aceita por unanimidade entre todos os arqueólogos. A delimitação do campo de estudo e a abrangência da Arqueologia Histórica Brasileira estão em constante debate e discussão, assim como ocorre em todo campo de pesquisa em desenvolvimento.

Lima (1993) aponta que, no Brasil, apenas no início dos anos 1960 que a arqueologia histórica emergiu como um campo de pesquisa formalmente reconhecido. As investigações eram conduzidas por arqueólogos pré-historiadores em sítios históricos e, nessa época, a disciplina foi fortalecida pelos dispositivos da recém-criada Lei n. 3.924 (de proteção do patrimônio arqueológico).

Para entender a trajetória da arqueologia histórica no Brasil, é essencial conhecer história da teoria arqueológica no país, uma vez que ambas estão intrinsecamente ligadas (Ghenó & Machado, 2013, p 163). Esta relação é

indissociável, pois “os marcos teóricos da Arqueologia Histórica são, como não poderia deixar de ser, os marcos teóricos da Arqueologia” (LIMA, 2002, p. 7).

Conforme apontado por Symanski (2009), as primeiras pesquisas em sítios arqueológicos históricos no Brasil ocorreram sob a ótica de uma abordagem histórico-cultural, com as pesquisas desenvolvidas no sul do país sobre as missões jesuítas em 1960. Foram realizados trabalhos comparativos, sobretudo com cerâmicas de vilas espanholas e sítios missionários do Paraná (Chmyz, 1964) e do Rio Grande do Sul (Brochado, 1969). No Nordeste, com Albuquerque (1969), foram desenvolvidas pesquisas de contato euro-indígena e escavações em fortificações e igrejas de Pernambuco. Essas pesquisas apresentavam resultados puramente descritivos, com o estabelecimento de cronologias regionais e proposições espaço-temporais.

Intimamente ligados à ideologia predominante nas esferas patrimoniais, caracterizada por uma compreensão elitista da excelência arquitetônica, os estudos arqueológicos desta época enfatizaram principalmente os segmentos históricos dominantes e suas edificações (Najjar, 2001). Conforme observado por Lima (1993), durante esse período houve um interesse notável pela arquitetura colonial com foco de pesquisa na exploração de igrejas, conventos, missões, fortificações, mansões e estruturas similares. Portanto, as críticas a esse momento teórico da arqueologia histórica são que não se pode haver uma submissão direta da Arqueologia em relação História tradicional (Azevedo Neto; Souza, 2010) e que a limitação dos objetivos histórico-culturais resultava em trabalhos puramente descritivos (Symanski, 2019).

Um novo enfoque teórico surge nos anos 1960 e “teve como objetivo central tornar a arqueologia uma disciplina científica” (Gaspar, 2003, p. 276). A Nova Arqueologia (Arqueologia Processual), capitaneada por Lewis Binford (1962), chega ao Brasil em 1980. Com ela, os pesquisadores passaram a entender que “a Arqueologia deveria ser Antropológica em termos de objetivos e perspectivas” (Orser, 2002, p. 32). Na Arqueologia Processual “[...] o objetivo básico dos arqueólogos deveria ser explicar as mudanças das culturas arqueológicas em termo de processos culturais” (Trigger, 2004, p. 286), que podem ser mensurados através de fórmulas

estatísticas, sendo as culturas percebidas por meio de regularidades e generalizações.

No Brasil, trabalhos como o de Zanettini (1986) e Lima *et al.* (1989) expõem essa mudança de perspectiva teórica e metodológica na arqueologia história. Estes trabalhos não se limitam ao olhar processualista, mas ilustram uma mudança significativa dos objetivos, na medida em que buscam a significância social da variabilidade de faianças, faianças finas e porcelanas em sítios domésticos. Esses estudos não estavam preocupados somente com a identificação e descrição desses artefatos, mas também com a análise comparativa inter-sítios, visando verificar como esses materiais refletiam a variabilidade do *status* socioeconômico dos ocupantes desses sítios.

Segundo Symanski (2009), embora essas abordagens priorizem os fatores socioculturais, elas tendem a reduzir a importância do caráter adaptativo da cultura em relação ao ambiente. Ainda assim, permanece essencial a realização de uma investigação com orientação científica, pautada no uso de métodos estatísticos tanto na coleta quanto na análise dos dados. Essa análise baseia-se, sobretudo, nas fórmulas desenvolvidas por Stanley South (1972) para estimar a datação média das ocupações a partir dos artefatos encontrados.

As críticas ao processualismo surgem com arqueólogos pós-processualistas. Para Gaspar (2003, p. 277), “uma avaliação das premissas teórico-metodológicas difundidas pela Arqueologia Processual deixa claro que elas não são adequadas para dar conta de processos de interação e conflito cultural que marcaram o período histórico no Brasil”. O Brasil é complexo e heterogêneo. Tentar compreendê-lo com padrões e generalizações é uma atividade ineficiente.

O pós-processualismo surgiu durante a década de 1980 na Inglaterra, a partir das contribuições de Ian Hodder (1986), Michael Shanks e Christopher Tilley (1987). Representa um afastamento do processualismo ao incorporar ideias de teóricos sociais como Karl Marx, Giddens, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, bem como estruturas teóricas como a hermenêutica e a fenomenologia. O ponto central da

abordagem pós-processualista é incorporação de problemas sobre o “porquê”, “para quem” ou “com que finalidade” com base na cultura material e os indivíduos a elas associadas (Costa, 2013).

Quando na literatura arqueológica se lê a expressão “os pós-processualistas”, o que também ocorre com os demais enfoques teóricos, espera-se encontrar um grupo de pesquisadores com posicionamentos específicos, defendendo direcionamentos teóricos unificados, o que, de fato, não acontece. Na prática, os termos relacionam-se a várias escolas de pensamento que comungam alguns aspectos teóricos e divergem e outros. Especificamente, [...] “o termo pós-processual enquadra uma grande diversidade de pontos de vista e tradições” (Johnson, 2000, p. 134). Dessa forma, a partir do final da década de 1980, o que se percebe é uma multiplicidade de pressupostos teóricos que acarretaram num crescente pluralismo interpretativo na Arqueologia.

Na Arqueologia Histórica, o pós-processualismo chega ao Brasil nos anos 1990, especialmente sob a influência das ideias da Arqueologia Contextual defendidas por Ian Hodder, que, dentre outras propostas, ressalta que [...] “a arqueologia deveria restabelecer seus laços tradicionais com a história (Orser, 1992, p. 74). Ainda, “esses arqueólogos recuperaram o interesse por abordar o estudo da ação individual e a diversidade sociocultural em contextos históricos e geográficos específicos” (Trigger, 1900 *apud* Salerno; Zarankin, 2007).

Arqueólogos pós-processuais criticam a ideia de uma verdade única e objetiva na arqueologia e defendem o reconhecimento de múltiplas verdades e interpretações (Nicholas & Kramer, 2002). Enfatizam o papel da ideologia, do simbolismo e dos significados culturais na formação de comportamentos humanos passados e da cultura material, defendendo uma compreensão do passado que vá além das explicações funcionais (Peixoto, 2009). Além disso, a abordagem pós-processual encoraja os arqueólogos a se envolverem com comunidades locais e grupos

indígenas, reconhecendo suas perspectivas e conhecimentos como contribuições valiosas para as interpretações arqueológicas (Shepard, 2015).

Desta forma, a Arqueologia Histórica brasileira vem se consolidando, desde os anos 1980, como um campo interdisciplinar que busca compreender as relações entre cultura material, escrita e oralidade nas sociedades que passaram por processos de colonização e marginalização. Mais do que um ramo da arqueologia aplicada a contextos modernos, ela representa um instrumento crítico de análise social. Como destaca Funari (1999), “a arqueologia histórica no Brasil se orienta por uma postura ética e política voltada à valorização dos grupos subalternos e à crítica das versões oficiais da história” (Funari, 1999, p. 35).

Essa vertente tem revelado a pluralidade de experiências dos povos indígenas, afrodescendentes, camponeses e sertanejos, revelando sua agência histórica por meio da cultura material. Canudos, nesse sentido, emerge como um território exemplar dessa abordagem, pois oferece um conjunto material que desafia os discursos dominantes do final do século XIX e contribui para uma releitura da modernização brasileira sob a ótica dos vencidos.

Nas últimas décadas, a Arqueologia da Guerra e do Conflito tem se consolidado como vertente crítica da Arqueologia Histórica, alinhada às abordagens pós-processualistas. Estes trabalhos emergem no Brasil a partir dos anos 2000, e incorporam às discussões elementos simbólicos, territoriais e afetivos deixados pelos conflitos. Canudos — como é tratado neste trabalho — integra esse escopo, oferecendo um rico conjunto material que estimula reflexões sobre a violência de Estado e a resistência popular. A consolidação desse campo no país dialoga com experiências internacionais (Carman, 2003; Lino, 2022), mas também assume características próprias ao articular-se com memórias sociais, desigualdades estruturais e processos de silenciamento histórico. Um exemplo destes trabalhos é a

Guerra do Contestado (1912–1916), tema extensamente estudado por Jaisson Teixeira Lino e James Symonds (2021).

As influências do pós-processualismo na arqueologia brasileira se fazem sentir principalmente nas abordagens que priorizam o simbolismo, a subjetividade e a agência dos sujeitos históricos. Ian Hodder (1986) propôs que os artefatos devem ser compreendidos em seus contextos sociais específicos, defendendo que “os significados dos objetos não são intrínsecos, mas construídos em meio às relações sociais e simbólicas” (Hodder, 1986, p. 67). Essa adaptada na arqueologia brasileira por autores como Souza (2013) e Funari (2003), que apontam para a necessidade de interpretações sensíveis à diversidade cultural e às práticas locais. No contexto de Canudos, adotar um enfoque pós-processualista da Arqueologia Contextual, significa considerar que os objetos recuperados não são apenas indicadores funcionais, mas portadores de valores simbólicos, crenças e práticas que refletem os modos de vida e resistência dos sertanejos.

4.2 Pós-processualismo e Arqueologia Contextual

A Arqueologia Contextual enfatiza a importância de entender os objetos arqueológicos dentro do seu contexto social, histórico e simbólico. Essa perspectiva busca avançar para além das tendências positivistas da arqueologia processual, defendendo uma postura mais reflexiva e interpretativa (Shepherd, 2015). Para Hodder, o que importa não é apenas a função utilitária de um artefato, mas também o significado que ele tinha para as pessoas que o utilizavam (Renfrew, 1994). Johnson (2000) observou que as abordagens pós-processuais são frequentemente referidas como Arqueologia Contextual, indicando a estreita associação entre os dois conceitos (Pellini, 2015).

Na Arqueologia Contextual, o arqueólogo não é visto como um observador neutro, mas sim como alguém que participa de um processo de interpretação do passado. Hodder defende a necessidade de reflexividade por parte do arqueólogo, levando em conta seus próprios vieses e perspectivas. Hodder propõe a ideia do "emaranhado humano-coisas" (ou "*entanglement*"), que enfatiza a relação dinâmica e

interdependente entre humanos e objetos materiais. Os objetos não são apenas passivos, mas influenciam e são influenciados pelas ações e ideias humanas.

Hodder (1994) introduziu o conceito de Arqueologia Contextual, enfatizando o estudo de dados contextuais para compreender os tipos de significados analisados à luz de uma teoria geral. A análise do contexto é considerada um elemento central e definidor da disciplina arqueológica, exigindo a compreensão das especificidades do objeto de estudo e sua relação com outros contextos. Hodder ressaltou que a arqueologia Pós-processual possui, ao menos, três princípios que a separam da Arqueologia Processual (Orser, 1992). Esses pressupostos (1- a materialidade é carregada de significado simbólico; 2- o conhecimento arqueológico é interpretativo; e 3- deve ser considerada a agência dos indivíduos), além de serem percebidos como princípios básicos de sua proposta, são utilizados na maioria das pesquisas seguindo o enfoque pós-processual.

Trigger (2011) explica que, para Hodder, a cultura material não é um mero reflexo da adaptação ecológica ou da organização sociopolítica. Ela é ativa nas relações entre grupos e pode ser usada para disfarçar ou refletir as relações sociais. Além disso, o arqueólogo aceitar a participação do indivíduo como agente ativo na cultura e deve tentar incluir processos relativos ao cognitivo ou ao pensamento dos atores nas análises. Por fim, o arqueólogo deve perceber que as variáveis e as transformações sociais podem ser percebidas em termos de processos históricos.

Symanski (2009) destaca que as ideias de Hodder passaram a ser muito utilizadas na Arqueologia Histórica brasileira a partir da década de 1990. No entanto, do ponto de vista metodológico, elas foram se aprimorando ao longo do tempo. Os trabalhos estavam pautados perspectivas críticas e simbólicas, explorando temáticas diversificadas, como comportamento de consumo e relações de poder, dentre outros. Ainda segundo o autor, “o que essas abordagens têm em comum é a preocupação em entender os contextos locais em função de uma perspectiva macro, considerando as relações desses contextos com as forças mais amplas que moldaram o mundo

moderno. Essas abordagens podem ser rotuladas como as arqueologias do capitalismo” (Symanski, 2009, p.9).

Sob essa ótica pós-processual, a Arqueologia Histórica brasileira tem sido encarada em muitas pesquisas atuais como o estudo da formação do Mundo Moderno. Essa “[...] formação é postulada como um processo de transformação que envolveu diferentes aspectos da vida cotidiana” (Zaranki; Senatore, 2002, p. 6). Ainda segundo Zarankin e Senatore (2002):

Esse modelo teórico e suas variantes são utilizados habitualmente para explicar a formação da sociedade moderna, aceitando sua aplicabilidade em diferentes contextos geográficos. No entanto, assumir que os significados das práticas sociais e suas mudanças diferem de contexto para contexto implica em explicar as mudanças, enfatizando as particularidades de contextos locais (Zarankin & Senatore, 2000, p. 7).

Para muitas dessas pesquisas, assim como neste presente trabalho, a Arqueologia Histórica é vista como [...] o estudo arqueológico dos aspectos materiais, em termos históricos, culturais e sociais concretos, dos efeitos do mercantilismo e do capitalismo que foi trazido da Europa em fins do século XV e que continua em ação ainda hoje. (Orser, 1992, p. 22). Sendo assim, interessa para presente pesquisa utilizar a abordagem pós-processual, ou contextual, enfatizando a subjetividade das interpretações arqueológicas e a importância de compreender o passado a partir de múltiplas perspectivas.

A arqueologia do mundo moderno ou do capitalismo foca no estudo da formação do cotidiano contemporâneo ao longo os últimos séculos e valoriza atitude mais crítica do arqueólogo na análise do passado (Costa, 2013). No Brasil, trabalhos neste cenário tiveram, principalmente, como objetivo a análise de contextos históricos oitocentistas, ou seja, do século XIX (Salerno *et al.*, 2021). Muitos destes trabalhos tiveram como objetivo investigar um Brasil com profundas mudanças a partir da chegada da Família Real (1807) e após a Abertura dos Portos (1808). Neste período, o país viu a chegada de novas pessoas, objetos e ideais de vida da modernidade europeia, que trouxe reflexos nos ambientes urbanos e rurais. Esse novo interesse

resultou em estudos relacionados à incorporação de discursos e práticas do capitalismo no Brasil, mas tendo em vista particularidades dos contextos.

4.3 Estudos de Arqueologia Oitocentista no Brasil

O decreto assinado pelo regente português Dom João VI, em 28 de janeiro de 1808, que abriu os portos do Brasil às nações amigas, marcou uma virada significativa no cenário econômico, social e político da colônia. Essa decisão, tomada no contexto da fuga da Família Real Portuguesa para o Brasil durante as Guerras Napoleônicas, visava estimular o comércio direto com o Brasil e eliminar a exigência de que todas as mercadorias passassem pela alfândega portuguesa (Rodrigues & Craig, 2018). As implicações econômicas desse decreto foram profundas, pois pôs fim a séculos de prática imperial e permitiu o comércio direto com nações amigas, impactando particularmente setores como o comércio de algodão em bruto (Krichtal, 2013).

A abertura dos portos brasileiros em 1808 teve um impacto rápido e transformador. Em apenas nove meses após o decreto, o Rio de Janeiro provavelmente recebeu cerca de cem comerciantes estrangeiros, evidenciando o rápido influxo de presença estrangeira e novas oportunidades de comércio (Ridings, 1985). Esse aumento de estrangeiros, viabilizado pela abertura dos portos, causou mudanças significativas no tecido social e na trajetória futura do Império Português (Silva, 2015). A chegada de toda a corte real portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, deu início a um processo de “civilização” que remodelou a dinâmica política, social e cultural da capital brasileira e da colônia como um todo (Castro, 2019). Esse movimento não apenas alterou o cenário político, mas também teve profundas implicações culturais, moldando a identidade e as percepções da nação brasileira (Silva, 2015).

Tania Andrade Lima (1996) produziu o trabalho “Humores e Odores: Ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX”, que trata dos resultados de

uma investigação com a cultura material revela a emergência de um modo de vida burguês no Rio de Janeiro oitocentista.

No Rio de Janeiro, a introdução de conceitos de modernidade no cotidiano das elites cariocas durante o final do século XIX e início do século XX marcou uma mudança significativa no estilo de vida e nas práticas culturais. Essa transformação foi evidenciada pela adoção de porcelanas finas importadas, móveis ditos sofisticados e outros artefatos industrializados, refletindo uma clara adoção de um estilo de vida europeizado. A incorporação desses elementos modernos à esfera doméstica das famílias de elite no Rio de Janeiro não significou apenas uma exibição material de riqueza e *status*, mas também representou uma mudança cultural mais ampla no sentido de abraçar a estética e os valores europeus.

O desejo das elites de emular os estilos de vida e os padrões de vida europeus foi alimentado por um crescente senso de cosmopolitismo e um desejo de distanciamento dos costumes e práticas tradicionais brasileiras. A importação de porcelana fina e outros artefatos descritos como “refinados” da Europa serviu como símbolos tangíveis de requinte e sofisticação, permitindo que as elites mostrassem seu status social e capital cultural para seus pares e para a sociedade em geral (Lima, 1995).

Não é à toa que, no âmbito da arqueologia, muitos pesquisadores atuantes principalmente nas regiões Sul e Sudeste deram ênfase a essa materialidade de status. Um exemplo disso é o artigo "Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista" (2003) apresenta uma investigação sobre quatro sítios arqueológicos históricos em Porto Alegre, Brasil, focando nas práticas cotidianas relacionadas às refeições, consumo de chá e descarte de lixo. A autora, Fernanda Tocchetto (2003), busca interpretar essas práticas à luz da construção da modernidade brasileira no século dezenove, considerando

influências locais, nacionais e internacionais, especialmente da Europa moderna e capitalista.

Outro trabalho que assinalo é a "Pesquisa arqueológica na Casa da Hera – Vassouras / RJ" de Camilla Agostini e Rosana Najjar (2007). Esse artigo descreve as atividades de um projeto de pesquisa arqueológica conduzido pela 6ª SR IPHAN na Casa da Hera, em Vassouras/RJ, uma chácara ocupada por uma família abastada no século XIX. Durante as escavações, foi identificado um depósito de lixo da mesma época, revelando aspectos do cotidiano da família Teixeira Leite. A análise do consumo de chá e café destacou a relação dessas práticas com o universo feminino na ocupação da chácara. A pesquisa visou compreender o modo de descarte de refugos domésticos e a arquitetura da chácara, explorando as fronteiras sociais e políticas.

A pesquisa de Peixoto (2009) trata sobre "A Louça e os Modos de Vida Urbanos na Pelotas Oitocentista" que objetivou caracterizar o comportamento de consumo da sociedade pelotense no século XIX (1830-1900) através da análise de louças recuperadas da área central da cidade utilizando a análise de amostras de louças identificadas quanto à forma e função, utilizando o Catálogo de Faiança Fina da Residência Conselheiro como referência documental.

As pesquisadoras Tania Andrade Lima e Sarah Hissa (2019) também se debruçam sobre a materialidade oitocentista com a análise de cachimbos de caulim encontrados nas escavações do Cais do Valongo/Cais da Imperatriz, no Rio de Janeiro. Esses cachimbos, datados principalmente do século XIX, revelam a influência da economia global na região portuária da cidade. A presença de cachimbos franceses sugere práticas comerciais internacionais na época.

Os exemplos citados explicitaram a tendência de investigação arqueológica da *europeização* do Brasil, associada à *ideia de modernidade*. Em contraste, pesquisas no Sertão demonstram a persistência de características mais tradicionais no cotidiano.

A produção e o uso de cerâmicas, por exemplo, podem indicar a continuidade de saberes e fazeres ancestrais.

Um dos pioneiros no tema no sertão, foi o trabalho de Symanski (2012) analisou unidades domésticas no sertão do Ceará. Foram analisadas a variabilidade e as variações da cultura material sertaneja, para as quais foram postuladas reflexões sobre as relações econômicas estabelecidas com o comércio local, regional e global.

O trabalho de Amaral (2012) analisou populações oleiras do sertão de Pernambuco. Luiz Antonio Pacheco de Queiroz (2015), no trabalho de mestrado intitulado “Água fria é no pote do Cariri Cearense”, através da etnoarqueologia e arqueologia histórica, busca a compreensão das mudanças culturais relacionadas ao uso dos potes cerâmicos, em face do avanço da economia mundial sobre modos de saber e fazer tradicionais no semiárido nordestino (Queiroz, 2015).

O trabalho de Souza (2021), analisou o sítio Culumins em Caicó/RN tendo em vista a compreensão dos aspectos relacionados a economia e a sociedade sertaneja no Seridó colonial, desde o final do século XVIII e ao longo do XIX. O trabalho de na Joaquina da Cruz Oliveira (2022), analisou a influência das práticas alimentares da nova cozinha no cotidiano dos habitantes da Fazenda Prazeres - Bertolândia, Piauí. Souza (2024) também realizou uma análise no sítio arqueológico Oiticica 17 onde propôs uma investigação sobre a entrada de faianças finas pela ribeira do rio Piranhas, no Seridó e na inserção desses artefatos no mercado local.

Nestes trabalhos sobre contextos oitocentistas, a dualidade entre modernidade e tradição se vê refletida em vários aspectos e revela a complexa formação social brasileira do século XIX. Neste período, o país vivenciava um processo de modernização gradual e desigual, marcado pela coexistência e convergências de diferentes culturas e modos de vida.

Sendo assim, a análise de artefatos arqueológicos recuperados em Canudos, através de uma pesquisa direcionada, também pode fornecer pistas valiosas sobre essa dicotomia entre aspectos modernos e tradicionais do Brasil oitocentista. Por

exemplo, o contraste entre objetos de uso cotidiano no arraial de Canudos e em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo pode revelar as diferenças socioeconômicas e culturais entre os dois Brasis.

A presença de artefatos industrializados em Canudos, mesmo que em menor quantidade, pode indicar a gradual penetração da modernidade no Sertão, mesmo em um contexto de forte resistência cultural. Da mesma forma, a análise de cerâmicas e outros objetos de produção local pode revelar a persistência de tradições e costumes próprios do sertão, em contraposição à cultura urbana em ascensão.

4.4 Canudos: uma ótica da Arqueologia Contextual deste cenário oitocentista

A Guerra de Canudos pode ser interpretada dentro da perspectiva de “choque” entre dois “Brasis”: o tradicional e rural, representado pelos sertanejos liderados por Antônio Conselheiro e o Brasil que se propunha à modernização, alinhado à República oligárquica. Como já apresentado ao longo dos últimos capítulos, essa dualidade se manifestava em diversos aspectos da vida social, desde a religiosidade até a organização política, e pode ser percebida na cultura material. Não obstante, para uma discussão mais profunda sobre o tema, é necessário conceituar os termos *modernidade* e *tradicional* nas análises sociais.

De acordo com Weber (2014), a modernidade é caracterizada pela predominância da ação social racional sobre outros tipos de ação, especialmente a ação racional orientada para fins, que está intrinsecamente ligada à compreensão de interesses. Nesse contexto, a modernidade é frequentemente associada à racionalização, que, segundo Thiry-Cherques (2009, p. 902), “significa a redução à racionalidade de todos os aspectos da vida social”. Esse processo é caracterizado por elementos como “a substituição automática dos costumes antigos; a adaptação deliberada do trabalho e da vida em termos de interesses imediatos [...] a

racionalização consciente dos valores últimos, dos costumes, dos valores afetivos e o ceticismo moral” (Thiry-Cherques, 2009, p. 903).

Conforme Helal (2015), a teoria sociológica da modernização argumenta que, com a industrialização das sociedades, os elementos tradicionais relacionados à origem social perderiam sua relevância. A modernidade, então, se caracterizaria pela racionalização, promovendo uma valorização das conquistas individuais.

Partindo desses pressupostos, é importante ressaltar que, ao se concretizar essa abordagem teórica, o tradicional é compreendido como tudo aquilo que se aproxima do "não racional", sustentando-se pela manutenção de costumes (familiares, comunitários ou de classe), crenças e afeições (Santos & Helal, 2017). Nesse sentido, a ação tradicional, segundo Weber (2014, p. 15), “é orientada pelo costume arraigado, muitas vezes não passando de uma ‘reação surda a estímulos habituais que decorre na direção da atitude arraigada’”. Essa definição possibilita compreender como determinadas práticas sociais persistem no tempo, mesmo diante de mudanças estruturais profundas.

Santos & Heleal (2017) utilizando o trabalho de Beck (2011) buscam elementos para compreender estes novos contornos da modernidade na contemporaneidade. Beck (2011) delimita que é possível observar na contemporaneidade, especialmente nos países ocidentais "centrais", uma nova configuração social baseada na reflexão sobre a modernidade, conhecida como modernidade reflexiva ou modernidade tardia.

Conforme Santos & Heleal (2017), essa modernidade sugerida por Beck (2011) surge da transição da lógica da distribuição de riqueza da sociedade socioindustrial para a distribuição dos riscos produzidos por essa mesma sociedade. Esses riscos são compreendidos como problemas decorrentes do desenvolvimento técnico-econômico, abrangendo tanto o meio ambiente quanto as garantias sociais, entre outros aspectos.

Apesar de reconhecermos que a modernidade e sua forma reflexiva são fenômenos em certa medida globais, uma vez que afetam diversos países,

percebemos que as análises de Weber (2005, 2014) e Beck (2011) foram realizadas em países "centrais", nos quais esses fenômenos são amplamente evidentes. Por outro lado, nos países denominados "periféricos", a modernização ocorreu de maneira distinta. Conforme apontado por Canclini (2013), no contexto latino-americano, não se manifestou uma modernização completa comparável à europeia (Santos & Heleal, 2017). Isso se deve à ausência de uma industrialização consolidada, à falta de uma tecnificação generalizada na produção agrícola e à inexistência de uma estrutura sociopolítica fundamentada na racionalidade formal, como discutido por Weber (2014).

Principalmente no contexto da América Latina, a modernidade é vista, de acordo com Canclini (2013), como uma máscara elaborada pelas elites e pelo aparato estatal para preservar estruturas de poder antiquadas, conferindo-lhe principalmente uma dimensão política (Santos & Heleal, 2017). Conforme argumenta Sena (2013), a materialidade cotidiana em contextos periféricos pode revelar estratégias de resistência e reinvenção simbólica, onde objetos aparentemente banais adquirem novas funções e sentidos na construção da identidade social.

Canclini (2013) reconhece que as camadas populares também podem combinar elementos modernos e tradicionais. Estes entrecruzamentos entre elementos modernos e tradicionais são entendidos por Canclini (2013) como hibridações. Complementando essa perspectiva, Sena (2013) destaca que, em contextos periféricos como o sertão nordestino, a cultura material torna-se um dos principais veículos dessas mudanças. A autora argumenta que objetos cotidianos, muitas vezes negligenciados pela historiografia tradicional, revelam processos de apropriação seletiva e reinvenção cultural, nos quais os sujeitos sociais atribuem novos significados a bens materiais em meio a condições de escassez e resistência.

Neste ponto de reflexão, cabe aproximar as ideias às propostas de Pierre Bourdieu (2007), sobretudo no que se refere ao modo como os grupos sociais subalternos se apropriam de elementos culturais dominantes. Para o autor, o consumo material (especialmente em contextos de desigualdade estrutural) não se limita à

função ou à estética, mas cumpre também o papel de marcar distinções sociais simbólicas. Mesmo em situações de restrição econômica, os indivíduos incorporam práticas e objetos que os conectam a universos culturais valorizados, operando por meio do que Bourdieu chama de capital simbólico e gosto de necessidade (Bourdieu, 2007), como também discutido em contextos sertanejos nordestinos por Medeiros (2025).

Assim, os sertanejos de Canudos podem ser interpretados não como sujeitos passivos à modernidade, mas como agentes que combinaram disposições tradicionais com práticas e objetos oriundos do mundo moderno, ressignificando-os dentro de um *habitus* próprio. Essa leitura permite compreender a presença de certos bens industrializados, como as louças, não como simples resquícios do mercado, mas como elementos estratégicos de afirmação cultural e distinção simbólica em meio à marginalização política e territorial. Essa perspectiva sociológica complementa, assim, a abordagem arqueológica contextual, ao evidenciar as estruturas invisíveis de gosto, desejo e pertencimento social operantes na cultura material.

Nesse contexto, emerge também uma dimensão identitária mais profunda, marcada pela heterogeneidade dos sujeitos sociais que conformaram o Arraial de Canudos. Diante da complexidade social observada no sertão, é pertinente considerar o conceito de etnogênese como ferramenta analítica na abordagem arqueológica proposta. Segundo João Pacheco de Oliveira (1998), a etnogênese refere-se a processos históricos e políticos pelos quais grupos sociais constroem ou reconstróem suas identidades coletivas, especialmente em contextos de dominação colonial e territorialização. John Monteiro (2001) complementa essa perspectiva ao destacar que a etnogênese envolve a articulação de elementos culturais diversos, resultando em novas configurações identitárias que desafiam categorias étnicas rígidas. No caso de Canudos, a interação entre indígenas, afrodescendentes e sertanejos luso-brasileiros — sob condições de marginalização e resistência — pode ser interpretada como um processo etnogênico, no qual a cultura material desempenha papel central na expressão e negociação dessas identidades emergentes.

Souza (2000) discute a modernização brasileira, destacando sua natureza essencialmente seletiva. Segundo o autor, é somente no século XIX, mais precisamente em 1808, com a europeização do Brasil, que a ideia de modernidade se estabelece como princípio ideologicamente dominante na sociedade brasileira (Santos & Heleal, 2017).

Essa perspectiva dialoga com muitos estudos arqueológicos históricos oitocentistas na América do Sul e Brasil. Segundo Zarankin e Senatore (2002), no capítulo “Leituras da sociedade moderna: Cultura material, discursos e práticas”, essa abordagem foi foco de inúmeras pesquisas nos anos 1990 e 2000. Grande parte dessas pesquisas propõe-se a relacionar a cultura material com contextos e dados históricos, discursos e práticas, construindo uma possibilidade interpretativa sobre o objeto de estudo, inserido em uma realidade específica, mas em sintonia com um processo mais amplo, em nível nacional e internacional, que foi a formação do mundo moderno a partir da expansão europeia e da consolidação do sistema capitalista.

Portanto, dentro de um cenário oitocentista, o contexto cultural e arqueológico Canudos viu seu apogeu com a chegada de inúmeros cidadãos conselheiristas na década de 1890, é conhecido nacionalmente pelo conflito bélico entre sertanejos e a República oligárquica. Mas um aspecto social ainda mais profundo pode estar por trás deste evento e foi desenhado por décadas nas entranhas do sertão: a tensão entre dois brasis, um moderno e outro tradicional. Essa dinâmica, conforme exposto até aqui, é observada em vários contextos arqueológicos no Brasil e reflete a expansão do mundo moderno e do sistema capitalista pelo país.

Assim, ao se aplicar a Arqueologia Contextual à análise da materialidade de Canudos, é possível interpretar os artefatos — especialmente as louças e cerâmicas — como elementos que expressam disputas simbólicas, estratégias identitárias e formas de resistência. Embora os registros materiais remetam ao cotidiano, eles também estão inseridos em um cenário de conflito histórico mais amplo, conforme já discutido no capítulo anterior. Tal perspectiva dialógica permite que a cultura material seja lida como interface entre estruturas sociais, memórias de violência e agências.

Nesse sentido, as análises sobre os impactos da guerra na construção simbólica destes contextos como propõem Lino e Symonds (2021), iluminam a complexidade das tramas culturais reveladas pelos vestígios de Canudos.

Sendo assim, a partir da Arqueologia Contextual proposta inicialmente por Ian Hodder (1986), assim como a partir de reflexões de Zarankin & Senatore (2002) e Orser (1992) e Symanski (2009), espera-se aqui entender como se configuraram os aspectos culturais daquelas comunidades que viveram um momento crucial na história brasileira, marcado pela disputa de projetos de nação e por características identitárias particulares.

Para iniciar a interpretação da materialidade identificada em Canudos, a partir das bases da Arqueologia Contextual, será possível conceber os artefatos a serem analisados como um fragmento de texto. Como uma analogia, o “com-texto” (Branchelli, 2007, p. 3) reflete nesta pesquisa a ideia de que os artefatos devem ser lidos e interpretados pelo arqueólogo. Para esta pesquisa, a cultura é também um meio de estruturar e, portanto, de entender a interação dos parceiros no todo complexo social.

Como sugerem os pós-processualistas, não foi o meio que determinou a aderência da população ao território de Canudos, mas a cultura, a motivação simbólica e a liberdade individual de se opor às regras vigente, seguindo propósitos de uma consciência prática e não de uma causa funcionalista.

Utilizando as bases da arqueologia contextual, a análise dos artefatos arqueológicos de Canudos (louças e cerâmicas) pode refletir o conflito de poderes, a negociação social e um contexto histórico específico. Como já discutido por Symanski (2002), a escolha e o uso de louças não se restringem apenas a aspectos funcionais ou econômicos, mas envolvem processos de autoexpressão e construção de identidades sociais. Em regiões periféricas, como Canudos, esses objetos podem ter servido como marcadores de distinção, de pertencimento comunitário e até mesmo como ferramentas de resistência simbólica frente à marginalização sofrida por parte do Estado e das elites urbanas. Assim, ao analisarmos as louças encontradas no PEC,

é fundamental considerar seus possíveis significados para os grupos sertanejos que as utilizaram, indo além das leituras economicistas e incorporando uma perspectiva interpretativa que abarca os usos sociais e simbólicos desses artefatos.

Conforme Oliveira (2017), a amplificação discursiva da arqueologia esbarra-se com a necessidade de classificar, quantificar e identificar as múltiplas dimensões dos artefatos recuperados nas escavações. Para além da materialidade interessa “abraçar uma infinidade de perspectivas e vozes” (Hodder, 1992, p. 86). Sendo assim, entende-se que a Arqueologia Contextual de Ian Hodder oferece ferramentas valiosas para a pesquisa Arqueológica Histórica no Sertão de Canudos em um período oitocentista, especialmente no que se refere à análise da materialidade do cotidiano e à superação das lacunas deixadas por trabalhos anteriores.

Essa lacuna reside, como já exposto, no fato de que não há informações precisas de procedência/origem pontual da coleção arqueológica a ser analisada. Essa dificuldade é comum em diversos acervos provenientes de projetos antigos, como aponta Comerlato (2007), ao propor a criação de protocolos específicos para abordagem de acervos com ausência de dados de campo, baseando-se na documentação remanescente e na leitura contextual dos materiais. Segundo Zanettini (1996), as incipientes informações constam presentes de forma diluída nos dois livros sobre a arqueologia histórica em Canudos e sobre os trabalhos realizados no PEC, conforme já apontado anteriormente.

Sendo assim, entendemos que a materialidade a ser analisada (louças e cerâmicas) pode ampliar o conhecimento para além das fontes históricas escritas sobre Canudos, mas essas mesmas fontes históricas e demais estratégias de construção de contextos, podem nos fornecer uma melhor compreensão sobre a essa cultura material. Propõe-se aqui uma pesquisa com interação de resultados contextuais para a construção de conhecimento de Arqueologia Histórica.

Metodologias como o Levantamento Histórico Oral com pesquisadores envolvidos na pesquisa anterior, auxiliares da pesquisa ou moradores locais podem contribuir de maneira valiosa para preencher lacunas dos trabalhos arqueológicos

realizados no PEC em 1986 e 1999. Ao analisar os objetos em conjunto com outros documentos, entrevistas e demais fontes, podemos construir uma visão ímpar da vida em Canudos. Outra opção metodológica que poderá resultar em informações importantes sobre o tema investigado é a realização de visitas a campo para análise dos sítios arqueológicos que originaram a cultura material analisada.

A Arqueologia Contextual, desta forma, valoriza a pesquisa oral e o engajamento com comunidades locais. Através do diálogo com os descendentes dos combatentes e moradores de Canudos, podemos obter informações valiosas sobre a guerra e o cotidiano da época.

Diante dessa valorização da escuta local e da interpretação contextual da cultura material, torna-se imprescindível estabelecer critérios técnicos e metodológicos que orientem a análise dos artefatos arqueológicos. A partir dessa perspectiva, o próximo capítulo apresenta os procedimentos aplicados à investigação dos materiais de louça e cerâmica do acervo do PEC, explicitando as estratégias de categorização, registro e interpretação utilizadas nesta pesquisa, com vistas a compreender não apenas a materialidade em si, mas as práticas sociais a elas associadas.

5 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS ARTEFATOS ARQUEOLÓGICOS E SEU CONTEXTO

A análise dos artefatos (louças e cerâmicas) coletados e armazenados na reserva técnica do Museu Arqueológico e Memorial Antônio Conselheiro, em Canudos-BA, foi conduzida com base em procedimentos técnicos padronizados na arqueologia, visando à caracterização morfológica, tecnológica e funcional do material.

5.1 Procedimentos técnicos aplicados na análise dos artefatos de louça

A planilha de análise trouxe informações prévias sobre a procedência arqueológica dos fragmentos, com opções de seleção: Fazenda Velha–FV, Arraial, Possivelmente FV, Possivelmente Arraial, Outra Fazenda, Outro e Não identificado–NI.

As louças foram tratadas aqui como uma categoria genérica e ampla, conforme proposta por Pileggi (1958). Foi realizada a identificação e separação dos fragmentos por categorias de produto “tipo/esmalte” (faiança fina, faiança portuguesa, grés e porcelana – produtos identificados no espólio analisado). A sequência operacional de análise dos artefatos em louça seguiu as diretrizes de Caldarelli (2012). A identificação, análise e interpretação dos artefatos em louça foram conduzidas com base em Zanettini (1986), Araújo & Carvalho (1993), Pereira (2008), Miller (2009), Abreu (2016), Rocha (2018) e Tochetto et al. (2001) para as faianças finas; em Pileggi (1958), Brancante (1981), Albuquerque (1991; 2001), Casimiro (2010), Calado (2003) para as faianças portuguesas; e em Schávelzon (2001), Santos (2005), Carvalho (2003; 2008), Arrocá Faccio & Di Baco (2013) para os artefatos em grés e porcelana.

As faianças finas, segundo Zanettini et al. (1996), representaram o maior percentual no conjunto analisado. Por isso, foi realizada a separação dos fragmentos com base na variedade dos tipos de esmalte aplicados sobre o fragmento cerâmico e na coloração da pasta. Nessa divisão, foram consideradas as terminologias:

creamware, *pearlware* e *whiteware*. As faianças portuguesas, grés e porcelanas não foram subdivididas por tipo de esmalte.

Em seguida, procedeu-se à subdivisão morfológica dos fragmentos, com a categorização de bases, bordas, alças, peças inteiras, bojos e não identificados. Essa etapa orientou a busca pela identificação, quando possível, das formas (prato, xícara, malga, tigela, jarro, pote, terrina, bule, copo, pires, vaso, travessa, bandeja, garrafa, não identificado e outro) e funções (servir, consumir, armazenar, decorar, transportar, não identificado e outro) originalmente associadas aos objetos.

Posteriormente, foram realizadas as análises das possíveis técnicas de decoração (não decorada/simples, pintado à mão sob o esmalte, pintado à mão sob o esmalte, carimbada, *spatter*/salpicado, *sponge*/esponja, *transfer printing*, moldado, carretilha, pintada à mão e carimbada, banhada, superfície modificada/relevo e pintada, borrão azul, não identificada ou outro) e dos motivos decorativos (florais com largas pinceladas, chineses, pastoral, vistas exóticas, floral padrão, floral central, clássico, romântico, borrado, *shell edged*/sem relevo, *shell edged*/com relevo, arranhão, contas, estilo camponês, estilo *sprig*, anular, xadrez, trigal, pontilhado, folhas, *sponge*, linhas/arco, fitomorfo, linhas e pontilhado, outro e não identificado), bem como de suas cores. Também foi considerada a combinação entre técnicas e motivos nas análises.

Na sequência, realizaram-se análises funcionais e cronológicas dos objetos, incluindo identificação de marcas de fabricante, estimativas de cronologia relativa e indícios de marcas de uso ou modificações. A partir da identificação das técnicas decorativas e motivos, com base em referências bibliográficas, foi possível inferir aspectos como o período de produção, a variável de custo e outras informações pertinentes.

Considerou-se ainda, conforme proposto por Costa e Fernandes (2020), que os artefatos de louça deveriam atender a critérios mínimos de integridade para serem analisados individualmente. Dessa forma, fragmentos sem decoração, com morfologia

não identificada e tamanho inferior a 02 centímetros foram agrupados em um campo de análise específico, com descrição geral de quantitativo e tipo/esmalte.

5.2 A fórmula de South nos artefatos de louça

A fórmula de datação média de louças proposta por Stanley South foi utilizada como ferramenta para a datação dos contextos históricos associados ao acervo arqueológico analisado, especialmente no que diz respeito aos artefatos em louça encontrados no PEC. Desenvolvida originalmente para sítios históricos do século XVIII (South, 1978), a fórmula foi criada no auge da chamada “New Archaeology”, período em que os métodos quantitativos e as abordagens matemáticas para análise do material arqueológico eram fortemente valorizados (Araújo & Carvalho, 1993).

A aplicação da fórmula permitiu estimar a data média de ocupação dos contextos arqueológicos a partir da frequência relativa dos diferentes tipos de louças identificados (South, 2007). No Brasil, conforme destaca Lima (1989), esse método vem sendo aplicado principalmente em análises de sítios do século XIX, a partir de conjuntos de louças. A fórmula pode ser visualizada a seguir:

$$Y = \frac{\sum_{i=1}^n x_i \cdot f_i}{\sum_{i=1}^n f_i}$$

Figura 19: Fórmula de South (South, 2007).

A equação utilizada foi:

- Y: data média das louças;
- xi: data média de manufatura de cada tipo de louça;
- fi: frequência de cada tipo de louça;

- n: número total de tipos distintos de louça na amostra.

De acordo com Deetz (1977, apud Tocchetto et al., 2001), a data mais antiga de fabricação registrada entre os artefatos deve ser considerada como o início cronológico do contexto, enquanto a mais recente indica o limite superior da ocupação ou uso daquele material.

A utilização da fórmula permitiu calcular uma média ponderada das datas de fabricação dos diferentes tipos de cerâmica presentes no acervo. Cada tipo, com seu respectivo período de produção conhecido, teve sua frequência considerada para compor a estimativa cronológica geral. Essa abordagem possibilitou uma melhor definição das fases de ocupação e uso do espaço, auxiliando na reconstrução histórica das dinâmicas socioculturais associadas aos grupos que habitaram a região (Araújo & Carvalho, 1993).

Com isso, os resultados obtidos foram fundamentais para o estabelecimento de quadros crono-tipológicos e para a comparação dos dados analisados com estudos similares. A cronologia proposta a partir da aplicação da fórmula de South contribuiu diretamente para a compreensão dos recortes temporais das ocupações no sertão de Canudos, dialogando com os objetivos centrais desta pesquisa arqueológica.

5.3 Procedimentos técnicos aplicados na análise dos artefatos cerâmicos

A planilha de análise trouxe informações preliminares sobre a possível procedência arqueológica dos fragmentos e foram definidos critérios mínimos para a análise tecnológica dos artefatos: fragmentos sem decoração e/ou com morfologia não identificável, e com dimensões inferiores a 02 centímetros, foram registrados em campo de análise específico, com descrição geral do quantitativo e da técnica de manufatura. Essa planilha encontra-se disponível nos anexos.

Os artefatos em cerâmica foram compreendidos a partir das definições clássicas de Chmyz (1976) e Pillegi (1958), que os descrevem como objetos oriundos da queima do barro. Essa categoria genérica frequentemente se confunde com as louças, porém distingue-se pela ausência de esmalte nas cerâmicas.

A análise foi direcionada aos artefatos relacionados ao cotidiano doméstico. A sequência operacional para a análise das louças cerâmicas seguiu as diretrizes metodológicas propostas por Caldarelli (2012) e Nascimento & Luna (1994). A identificação, análise e interpretação dos fragmentos cerâmicos tiveram como base as contribuições de Brancante (1981), Brochado (1984), La Salvia & Brochado (1988), Chmyz (1976), Rice (1987), Shepard (1956) e Cruz & Correia (2007).

Foram consideradas quatro técnicas de manufatura no conjunto analisado: acordelamento (superposição de roletes), modelagem manual (a mão livre), torneamento (uso de torno mecânico) e uma categoria mista (roletes/modelagem), que combinava duas dessas técnicas. Os fragmentos foram agrupados com base em atributos associados a essas técnicas. A permanência de técnicas tradicionais como o acordelamento e a queima em fornos abertos, também registrada por Sena (2007) no semiárido pernambucano, reforçou a hipótese de continuidades culturais em contextos de transformação.

Em seguida, os fragmentos foram classificados morfologicamente em categorias como base, borda, bojo, alça, tampa, objeto inteiro, não identificado e outros. A partir dessa classificação, inferiram-se formas (prato, jarro, pote, tigela, cântaro, urna funerária, panela, assador, travessa, malga etc.) e funções prováveis (armazenamento de alimentos, líquidos, preparo, serviço, uso funerário, decorativo ou não identificado).

Na etapa seguinte, foram analisados os tipos de queima observados nos fragmentos. Consideraram-se cinco padrões: oxidante (coloração alaranjada), redutora (tons de cinza e preto), núcleo (oxidante no interior e redutora no exterior), redutora externa e oxidante interna, e redutora interna com oxidante externa.

Também foi realizada a análise dos antiplásticos, com as categorias: mineral, orgânico, caco de cerâmica, outro e não identificado. Os aspectos decorativos foram examinados conforme técnica, localização, tipo, cor da decoração/tratamento externo e cor da peça (Chmyz, 1976; Rice, 1987; Shepard, 1956; Brochado, 1984; La Salvia & Brochado, 1988; Nascimento & Luna, 1994; Cruz & Correia, 2007; Caldarelli, 2012).

A análise macroscópica do conjunto cerâmico foi orientada por critérios formais e tecnológicos similares aos utilizados em pesquisas sobre cerâmica utilitária sertaneja. Como ressalta Evaristo (2025), atributos como técnicas de produção, tratamento de superfície e marcas de uso são fundamentais para a identificação de estilos tecnológicos e padrões de uso associados à identidade cultural sertaneja.

6 RESULTADOS DAS ANÁLISES CONTEXTUAIS DOS ARTEFATOS COLETADOS EM CANUDOS

A análise aqui empreendida parte de um conjunto de materiais arqueológicos cuja documentação é limitada, exigindo, portanto, a adoção de estratégias que valorizem os indícios presentes nos próprios objetos ou em seus contextos. Costa (2007) propõe, para situações semelhantes, a construção de instrumentos documentais complementares que auxiliem na interpretação de acervos com lacunas de proveniência, permitindo que se reconstruam narrativas a partir da leitura crítica da própria materialidade. A planilha apresentada no **Anexo II** contém os resultados das análises de louças e cerâmicas desta pesquisa.

6.1 Resultados do levantamento documental

Com o objetivo de aprofundar a contextualização histórica e arqueológica do acervo (cerâmicas e louças) analisado neste trabalho, foi realizada uma etapa específica de levantamento documental referente às pesquisas já desenvolvidas no Parque Estadual de Canudos (PEC). Tal levantamento buscou identificar publicações, relatórios técnicos, documentos internos e outras fontes que pudessem esclarecer a natureza, a proveniência e os contextos arqueológicos dos materiais atualmente depositados no acervo do parque.

A busca foi direcionada à identificação de diferentes categorias documentais, classificadas como fontes primárias (cadernos de campo, fichas de escavação e relatórios técnicos), secundárias (livros, artigos científicos e capítulos de obras coletivas) e terciárias (referências indiretas ou citações em trabalhos de terceiros). Também foram retomados contatos com arqueólogos envolvidos nas pesquisas em Canudos, em especial aqueles vinculados ao Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), além da coordenação do Laboratório de Arqueologia de Canudos, para confirmar a existência ou ausência de bibliografia relacionada.

Apesar do esforço empreendido, conforme já exposto, foi possível localizar apenas duas publicações diretamente vinculadas às escavações arqueológicas realizadas no PEC: os livros *Arqueologia Histórica de Canudos: Estudos Preliminares* (Zanettini *et al.*, 1996) e *Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos* (UNEB/CEEC, 2002). Ambos os volumes foram produzidos no contexto das etapas iniciais de implantação do parque, abrangendo diagnósticos arqueológicos, levantamentos de campo e ações de salvamento emergencial em áreas de intensa ocupação histórica.



Figura 20: Fichamento dos livros pela equipe que deu apoio na dissertação –arqueólogo Me. Shilton Paes e arqueóloga Dra. Cleonice Vergne. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 21: Entrevista com o coordenador do Campus Avançado da UNEB em Canudos, prof. Dr. Luiz Paulo, coordenador do Museu. Ele esteve à frente da 2ª campanha arqueológica em Canudos e da produção dos livros. Foto: Felipe Sales, 2025.

Essas duas obras representam, até o momento, as únicas fontes secundárias sistematizadas sobre as escavações realizadas no Parque Estadual de Canudos (PEC), sendo, por isso, essenciais para a compreensão do contexto de procedência dos artefatos (cerâmicas e louças) analisados nesta pesquisa. Segundo o professor Dr. Luiz Paulo, coordenador do Campus Avançado da UNEB em Canudos, diretor do Museu Antônio Conselheiro e responsável por efetivar a segunda campanha arqueológica no local, bem como pela organização das referidas publicações, os livros foram concebidos com o propósito de reunir, sistematizar e preservar os resultados das pesquisas anteriores, garantindo sua acessibilidade e continuidade acadêmica.

Além de apresentarem um panorama dos procedimentos metodológicos adotados, as publicações também possibilitam o mapeamento dos principais locais de coleta dos materiais arqueológicos e sua inserção nos processos históricos e culturais do sertão baiano no final do século XIX. Como já destacado em outras seções deste trabalho, o registro arqueológico desempenha um papel fundamental como elo entre o passado e o presente, sendo sua correta interpretação dependente do cruzamento com o maior número possível de fontes documentais. Nesse contexto, mesmo diante da escassez de registros consolidados, o levantamento realizado mostrou-se crucial para validar criticamente as informações disponíveis e fortalecer a abordagem analítica adotada nesta dissertação.

6.2 Resultados do levantamento histórico oral

O levantamento de História Oral desenvolvido no âmbito desta dissertação teve como objetivo registrar percepções, memórias e interpretações sobre a procedência e o contexto das louças e cerâmicas arqueológicas recuperadas no Parque Estadual de Canudos (PEC). A abordagem metodológica adotada foi a de História Oral Temática, conforme orientações da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), a partir da oficina “*Como realizar entrevista/História Oral?*” (Dayse; Kalil, 2010), e segundo as proposições de Meihy (1996), que destaca o valor da história oral para o estudo de fenômenos sociais e culturais mesmo em contextos arqueológicos.

Nesta modalidade, o foco das entrevistas foi delimitado pelos temas: “Arqueologia”, “Pesquisas arqueológicas no PEC” e “Arqueologia, materialidade e Canudos”. A coleta foi realizada com três perfis distintos de informantes: (i) pesquisadores envolvidos com as campanhas arqueológicas no PEC, (ii) trabalhadores que atuaram como auxiliares nas campanhas de campo, e (iii) moradores locais, especialmente daqueles com vínculos familiares ou espaciais com a região da Fazenda Velha e do antigo Arraial.

As entrevistas foram conduzidas de forma semiestruturada, com roteiros temáticos e espaço para relatos livres. O objetivo foi obter tanto dados objetivos

quanto narrativas pessoais que permitissem compreender o imaginário local e o conhecimento empírico sobre a procedência dos materiais arqueológicos. Todas as entrevistas foram registradas por escrito, com autorização prévia dos entrevistados. As informações foram posteriormente analisadas e comparadas com os dados já levantados em fontes documentais e bibliográficas.

O levantamento oral confirmou e complementou dados previamente obtidos nas fontes secundárias. Foram entrevistados:

- Prof^a Dra. Cleonice Vergne – coordenadora do Laboratório de Arqueologia de Canudos;
- Dr. Paulo Zanettini – arqueólogo responsável pelas escavações iniciais;
- Prof. Dr. Luiz Paulo Almeida Neiva – coordenador do Campus Avançado da UNEB em Canudos;
- Senhor Pedro Oliveira dos Santos - 81 anos, lavrador, filho de conselheirista e auxiliar de campo nas escavações do PEC;
- Senhor José Roberto Cardoso da Silva - 54 anos, nascido na Fazenda Macambira. Ele acompanhou as escavações do PEC;
- Senhor Paulo Régis dos Santos - 37 anos, guia local e bisneto de conselheirista, profundo conhecedor dos detalhes e histórias do PEC, além de ter parentes que trabalharam nas escavações.



Figura 22: Entrevista com José Roberto Cardoso da Silva e Pedro Oliveira dos Santos. Foto: Shilton Alves, 2025.



Figura 23: Entrevista com Paulo Régis dos Santos, José Roberto Cardoso da Silva e Pedro Oliveira dos Santos. Foto: Shilton Alves, 2025.



Figura 24: Entrevista com Paulo Régis dos Santos no Alto da Favela (PEC). Foto: Shilton Alves, 2025.



Figura 25: Entrevista com Paulo Régis dos Santos no Museu Casa de Vó Isabel (PEC). Foto: Shilton Alves, 2025.

Tanto os pesquisadores quanto os trabalhadores locais convergiram em afirmar que a maior parte das louças encontradas nas escavações arqueológicas do PEC é proveniente de antigas fazendas, com destaque para a Fazenda Velha, cuja ocupação é anterior ao período conselheirista. Já as cerâmicas utilitárias foram atribuídas majoritariamente ao contexto do arraial de Canudos, sendo associadas ao cotidiano dos conselheiristas.

O senhor Pedro Oliveira dos Santos, filho de Paulo Régis — uma importante figura histórica local para as pesquisas de José Calasans — relatou que trabalhou nas escavações e que os achados se dividiam entre louças originárias das fazendas e

cerâmicas associadas ao assentamento conselheirista. A informação semelhante foi confirmada por José Roberto Cardoso da Silva, nascido em uma das antigas propriedades rurais da região. O guia local Paulo Régis dos Santos, por sua vez, acrescentou um dado relevante: segundo sua experiência ao caminhar pela área do PEC nos períodos de seca do Açude de Cocorobó, fragmentos cerâmicos ainda podem ser encontrados na região do antigo arraial, enquanto fragmentos de louças são mais frequentes nas proximidades da Fazenda Velha ou na Canudos Velha.

As informações obtidas por meio dessas entrevistas reforçam as interpretações arqueológicas que apontam para a circulação de louças importadas em ambientes rurais anteriores à formação do arraial, bem como o uso de cerâmicas locais e utilitárias entre os conselheiristas.

O levantamento de história oral, portanto, cumpriu um papel essencial na triangulação de informações documentais, arqueológicas e sociais. O cruzamento entre os depoimentos dos pesquisadores e os relatos dos trabalhadores e moradores locais permitiu validar e aprofundar a compreensão sobre a procedência contextual das louças e cerâmicas analisadas nesta dissertação. A escuta desses sujeitos históricos mostrou-se estratégica para uma abordagem mais humanizada e situada da cultura material sertaneja, contribuindo diretamente para a análise arqueológica dos vestígios do Arraial de Canudos.

6.3 Resultados do levantamento de campo

Após a realização das etapas de levantamento documental e levantamento oral, foi executada a etapa de levantamento de campo, conforme previsto na metodologia inicial desta pesquisa. A atividade teve como objetivo permitir o contato direto com áreas associadas à procedência e circulação dos materiais arqueológicos analisados do Parque Estadual de Canudos (PEC). A intenção foi verificar *in loco* a ocorrência de artefatos semelhantes aos do acervo do PEC, reconhecer estruturas

associadas aos contextos históricos da região e integrar os dados espaciais às informações obtidas nas demais etapas da pesquisa.

A atividade foi conduzida utilizando a metodologia de prospecção intensiva por caminhamento sistemático em transectos, conforme proposto por Renfrew e Bahn (2016) e adaptado a partir das orientações de Domingo *et al.* (2015). Os transectos foram aplicados em linhas imaginárias de aproximadamente 2 metros de largura (1 metro para cada lado), permitindo uma cobertura visual eficiente do terreno. Foram priorizadas áreas de interesse arqueológico e histórico, delimitadas com base nas fontes bibliográficas, testemunhos orais e registros técnicos anteriores. Participaram do levantamento o pesquisador responsável e arqueólogos de apoio. Não foram realizadas quaisquer coletas ou retiradas de artefatos arqueológicos do seu contexto original.



Figura 26: Vistoria de campo. Foto: Shilton Alves, 2025.

Figura 27: Vistoria de campo. Foto: Felipe Sales, 2025.

O levantamento de campo foi realizado nas seguintes áreas:

1. Alto da Favela – Sul do Arraial Conselheirista (coordenadas 24 L 487038.00 m E/8903786.00 m S):

Local de destaque estratégico durante a Guerra de Canudos, especialmente durante a 3 e a 4ª campanhas militares, por se tratar de um ponto elevado com vista panorâmica para o sul da antiga localização do arraial conselheirista (atual Açude de

Cocorobó), hoje submerso. No local foi identificado um artefato metálico/cartucho de munição, mas não foram encontrados fragmentos cerâmicos ou louças aparentes.



Figura 28: Vista para o açude e para o local do antigo Arraial/Alto da Favela (PEC), a partir do ponto mais próximo atualmente acessível, correspondente à "Margem mais próxima do Arraial" indicada no mapa do Anexo I. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 29: Estojo de munição encontrado no Alto da Favela (PEC). Trata-se apenas do invólucro metálico onde se insere o propelente, sem o projétil, e não de um cartucho completo. Pelo formato, é compatível com munição destinada a uma culatra com câmara expandida, possivelmente oriunda de fuzis do exército, como modelos Mannlicher ou Mauser, de ação por ferrolho e carregador removível. Foto: Felipe Sales, 2025.

2. Fazenda Velha – Sul do Arraial (coordenadas 24 L 486422.00 m E/8904465.00 m S):

Situada a sul do açude e a sul do arraial, este é um importante cenário do contexto de Canudos. A prospecção nesta área revelou um conjunto significativo de evidências materiais. Foram encontrados fragmentos de louças (*Pearlware* e *Creamware*), grés e cerâmica utilitária (manufaturada em torno mecânico). Da unidade habitacional, há apenas a estrutura de alicerce da antiga sede da Fazenda Velha. A cerâmica lá identificada apresentou características distintas da cerâmica analisada no laboratório do PEC (cerâmica produzida com torno, que não há no acervo do PEC), sugerindo que a cerâmica do acervo não é proveniente da Fazenda Velha, mas sim do contexto do arraial conselheirista. As louças encontradas neste local são semelhantes àqueles presentes no acervo do PEC. Estes dados reforçam a hipótese

de que as louças seriam associadas às antigas fazendas da região (como a Fazenda Velha), enquanto as cerâmicas se referem predominantemente à ocupação popular conselheirista.



Figura 30: Fragmentos cerâmicos encontrados na Fazenda Velha (manufaturados com torno mecânico). Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 31: Fragmentos cerâmicos encontrados na Fazenda Velha (manufaturados com torno mecânico). Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 32: Fragmento de louça *Pearlware* decorada – decoração à mão livre, com faixas. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 33: Fragmento de louça *Pearlware* decorada – decoração à mão livre, com faixas e frisos. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 34: Fragmento de louça *Creamware* não decorada. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 35: Fragmento de louça *Creamware* não decorada. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 36: Fragmento de louça *Creamware* não decorada e *Pearlware* decorada à mão livre (faixa e floral). Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 37: Fragmento de louça *Pearlware* decorada com técnica borrão azul. Foto: Felipe Sales, 2025.

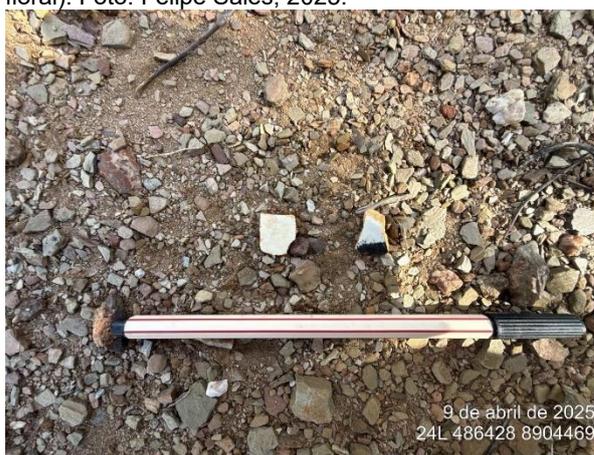


Figura 38: Fragmento de louça *Pearlware* decorada com técnica esponjada, em cor preto (direita) e não decorada (esquerda). Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 39: Fragmento de louça *Pearlware* decorada com técnica banhada, em cor verde. Foto: Felipe Sales, 2025.

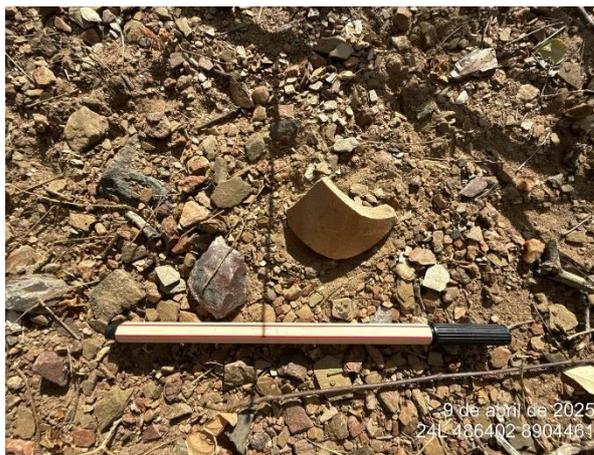


Figura 40: Fragmentos de *grés* – garrada de bebida.
Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 41: Fragmentos de *grés* – garrada de bebida.
Foto: Felipe Sales, 2025.

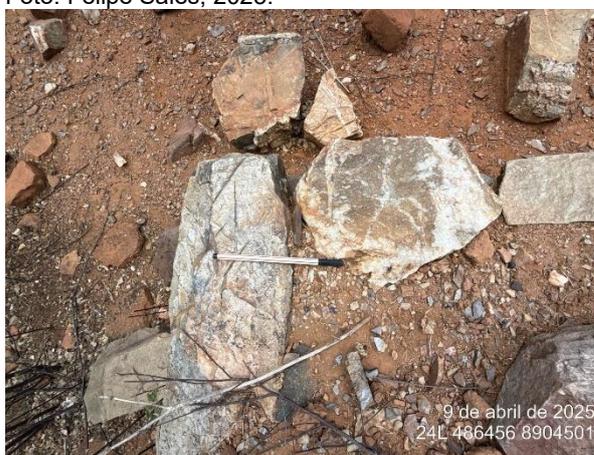


Figura 42: Estrutura de alicerces da unidade habitacional da Fazenda Velha. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 43: Estrutura de alicerces da unidade habitacional da Fazenda Velha a. Foto: Felipe Sales, 2025.

3. Canudos Velha (Pós-Guerra) – Oeste do Arraial Conselheirista (coordenadas 24 L 484316.00 m E/8905667.00 m S):

A 1° Canudos foi o próprio arraial conselheirista submerso. A 2° Canudos foi o local ocupado após o conflito, que era composto por residências espaçadas entre a 1° e o atual local da 3° Canudos. Em 1951, com a instalação do Açude de Cocorobó, a 2° Canudos teve as residências mais próximas ao arraial deslocadas para mais próximo de onde atualmente é a 3° Canudos. Esses deslocamentos foram para as cotas altimétricas mais altas do local, com distâncias que não passam de 1 a 2km de raio. Sendo assim, todo esse cenário de 1°, 2° e 3° Canudos se passam em um raio

de, no máximo, 3km. A 4° Canudos é a atual sede do município, que fica a 10km a leste desta área.

A Canudos Velha (3° Canudos), onde se estabeleceram os sobreviventes conselheiristas que também eram oriundos da 2° Canudos (Canudos pós-conselheiro e parcialmente inundada pelo açude) e da 1° Canudos (Canudos Conselheirista), foi visitada por essa atividade. Ela guarda significativas marcas da reocupação do território por ex-conselheiristas e foi importante para compreender o processo de deslocamento e reinscrição territorial da comunidade remanescente da guerra. No local, não teriam sido coletados vestígios arqueológicos.



Figura 44: Vista do açude de Cocorobó a partir da Canudos Velha/2° Canudos. Ao fundo está o local onde estava o Arraial Conselheirista. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 45: Comunidade de Canudos Velha/2° Canudos. Foto: Felipe Sales, 2025.

4. Margens do Sul do Açude de Cocorobó – Oeste do Arraial Conselheirista (coordenadas 24 L 485203.00 m E/8905048.00 m S):

A equipe também percorreu as margens acessíveis do açude, nas áreas mais próximas da localização do antigo arraial. Nessa região, não foram encontrados fragmentos de cerâmica ou louça, o que pode ser atribuído à submersão prolongada e à dinâmica erosiva da área alagada. Segundo João Régis, guia local, o arraial estava

há 1km do local, sentido leste. O açude estava no momento de cheia no período desta pesquisa de campo.



Figura 46: Vista do açude de Cocorobó a partir margem mais próxima do Arraial Conselheirista – à frente estaria o arraial. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 47: Vista do açude de Cocorobó a partir margem mais próxima do Arraial Conselheirista – à frente estaria o arraial. Foto: Felipe Sales, 2025.

Sendo assim, o levantamento de campo validou a metodologia proposta inicialmente, tendo contribuído para a diferenciação entre os contextos de procedência das louças e das cerâmicas:

- **As louças podem ser associadas às fazendas anteriores ao arraial**, sobretudo à Fazenda Velha, uma vez que há fragmentos com as mesmas pastas, técnicas decorativas e motivos na Fazenda Velha e no acervo do PEC; e
- **As cerâmicas analisadas no acervo do PEC são mais compatíveis com contextos populares e são diferentes das cerâmicas atualmente encontradas na área da Fazenda Velha**, sendo provavelmente oriundas de contextos diferentes.

O mapa do **Anexo I** ilustra a localização destas áreas citadas neste capítulo. Ele contém a disposição e localização projetada das ocupações em Canudos, com base em dados do IBGE (2023) e informações orais de Paulo Régis de Souza (2025). No

entanto, abaixo apresentamos um mapa com a localização dos artefatos e do alicerce na Fazenda Velha.

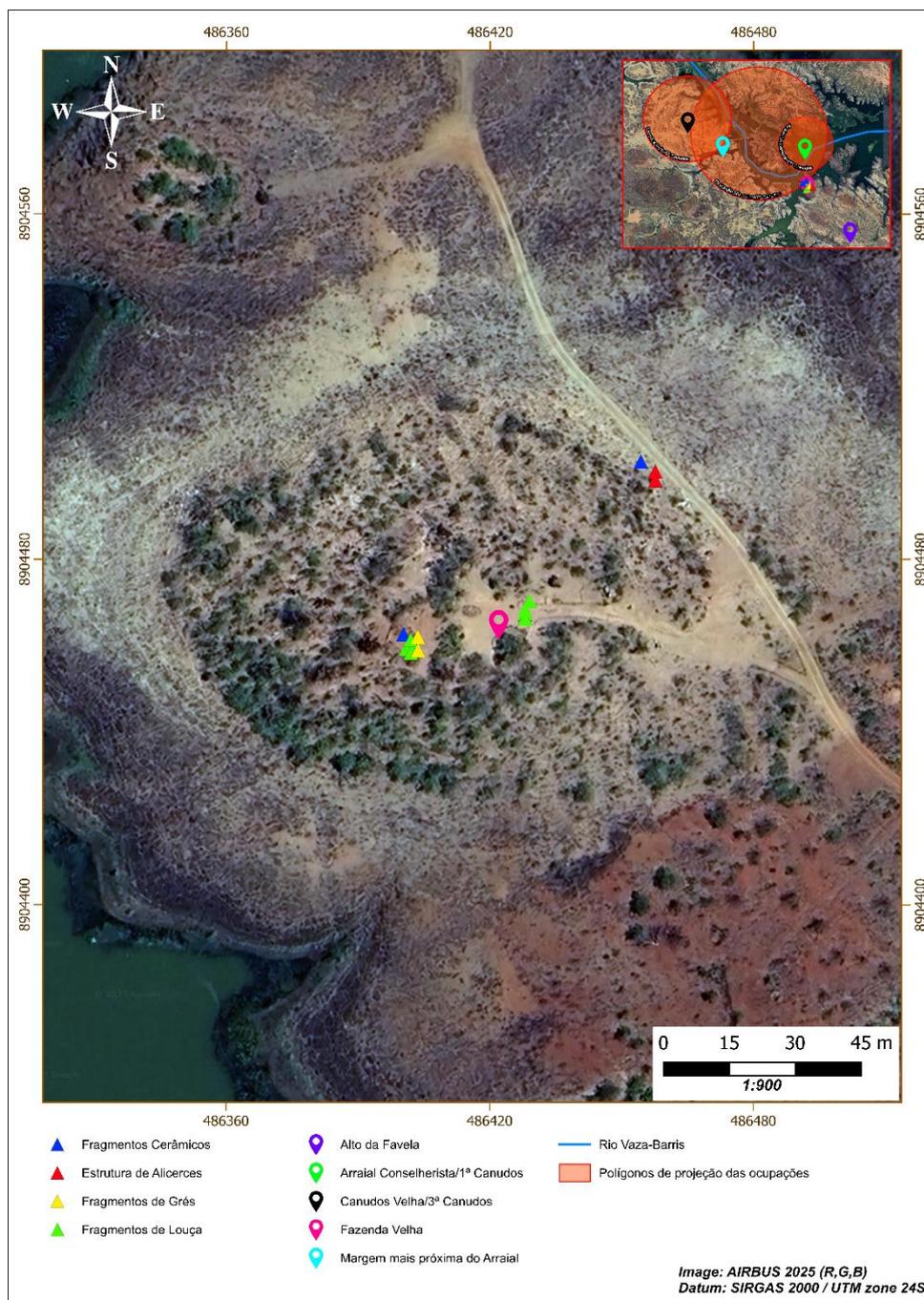


Figura 48 – Mapa com a disposição e localização de artefatos e alicerces encontrados na Fazenda Velha. Mapa de Felipe Sales, com base em dados do IBGE (2023) informações orais de Paulo Régis de Souza (2025) e resultados de campo.

Portanto, esses resultados permitiram uma compreensão mais assertiva e comparada dos artefatos em louça e cerâmicas analisados do acervo do PEC. Essa atividade de campo possibilitou, portanto, as análises das louças e cerâmicas que serão apresentadas nos próximos capítulos.

6.4 Resultados das análises das louças

As análises de 690 fragmentos de louças do Parque Estadual de Canudos (PEC) evidenciam a complexidade da cultura material dos sertanejos do século XIX. A pesquisa considerou atributos como tipo/esmalte, morfologia, forma, função, decoração, cores, marcas e cronologia, buscando compreender não só a tipologia dos artefatos, mas também seus significados sociais, econômicos e simbólicos.

No acervo analisado, há uma considerável presença de louças de faiança fina do tipo *pearlware* (39,28% do acervo), com esmalte branco e acabamento vidrado, que aponta para uma intensa circulação de louça industrializada de origem europeia, sobretudo inglesa, neste contexto sertanejo durante a primeira metade do século XIX (Tocchetto *et al.*, 2001). Este padrão se alinha ao identificado em sítios históricos urbanos como o Solar da Marquesa, o Beco do Pinto e a Casa n.º 1, em São Paulo (Carvalho, 2003), em áreas rurais como o sítio Quatro Amores, em Sergipe (Jucá, 2012) e em inúmeros outros. Como observa Symanski (2008), as louças são artefatos arqueológicos que refletem padrões de gosto e consumo típicos de setores médios e populares em processo de inserção seletiva na modernidade material oitocentista.

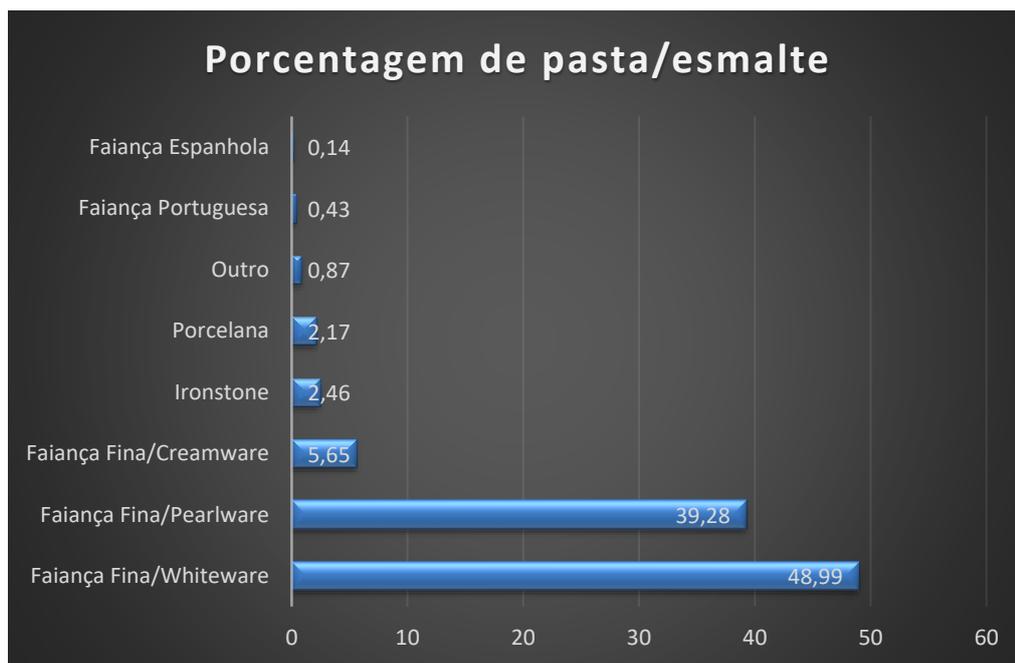


Figura 49: Gráfico de tipo de esmalte e pasta das louças do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025.

Além de louça tipo *pearlware*, foi registrada uma quantidade expressiva de louça tipo *whiteware* (48,99% do acervo), que pode ser de origem britânica, e geralmente é datada entre o final do século XIX e início do XX. Essa variedade, embora mais tardia, evidencia uma possível continuidade da circulação de louças industrializadas na região, mesmo após o episódio da Guerra de Canudos. Em menor número, mas ainda significativas pela antiguidade relativa, aparecem louças do tipo *creamware* (5,65% do acervo), predominantemente do final do século XVIII e início do XIX (Tocchetto *et al.*, 2001), reconhecíveis por seu esmalte levemente amarelado e brilho vítreo, sendo os fragmentos mais antigos do conjunto.

Esses fragmentos de faianças finas refletem a inserção de Canudos em diferentes circuitos comerciais, desde redes atlânticas e nacionais até redistribuição regional no sertão. O *whiteware*, predominante, aponta para uma fase de maior acesso a louças industrializadas no final do século XIX, enquanto o *creamware* e o *pearlware*, mais antigos, podem representar heranças domésticas, reuso prolongado ou remanescentes de ocupações anteriores (Tocchetto *et al.*, 2001; Abreu e Souza,

2010; Caldarelli, 2012). A presença desses tipos evidencia a sobreposição de temporalidades e a pluralidade de fontes de abastecimento atuando no cotidiano local.



Figura 50: Fragmento de faiança fina *Creamware* Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 51: Fragmento de faiança fina *Creamware*. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 52: Fragmento de louça tipo *Ironstone*. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 53: Fragmento de faiança fina *Pearlware*. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 54: Fragmento de faiança fina *Whiteware*. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

Figura 55: Fragmento de faiança fina *Whiteware*. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

Destacam-se também ocorrências pontuais de faianças portuguesas (0,43% do acervo) e espanhola (0,14% do acervo), com decoração manual sob o vidrado, frequentemente em tons azuis e dourado. Como referência nesta análise, utilizou-se Gomes (2006) e Bandeira (2013), que apresentam a tipologia de faianças portuguesas com vidrado estanífero decorado manualmente, e Etchevarne (2006), que caracteriza os artefatos e discute a circulação e a reutilização de fragmentos de faiança portuguesa, inglesa e espanhola em Salvador (contextos residenciais do século XIX). Ambas as obras subsidiam a identificação técnica e estilística dos fragmentos encontrados.

Estes fragmentos identificados no acervo de Canudos podem estar associados a remanescentes de circulação colonial, a redes comerciais atlânticas (também locais) tardias ou à preservação de conjuntos domésticos de herança familiar. De todo modo, a presença desses tipos, embora minoritária, contribui para a pluralidade do conjunto e indica a sobreposição de diferentes circuitos de troca (europeus, atlânticos e nacionais) atuando simultaneamente no sertão baiano. A variedade de tipologias e técnicas encontradas no acervo analisado aponta um contexto doméstico plural, com múltiplas temporalidades sobrepostas.



Figura 56: Fragmento de faiança portuguesa. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 57: Fragmento de faiança portuguesa. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

Louças do tipo *ironstone* (2,46% do acervo) e porcelana (2,17%) foram identificadas em diversas formas funcionais, como pratos, xícaras, bules, candelabros e garrafas, com predomínio de usos voltados a serviços de mesa, consumo individualizado e decoração. No contexto local, esses recipientes, especialmente bules, podem ter sido utilizados não apenas para infusões como o chá, mas também — e possivelmente de forma predominante — para o café ou outros líquidos, prática amplamente difundida no interior brasileiro e distinta dos hábitos europeus oitocentistas. Ambas as categorias são tipicamente associadas a contextos mais recentes, com datas médias concentradas entre o final do século XIX e o início do século XX (Caldarelli, 2012), indicando a inserção tardia desses materiais na cultura material local.

Embora em menor quantidade, sua presença qualitativa é significativa, pois aponta para mudanças sutis nas práticas domésticas, sobretudo nas formas de servir, apresentar e consumir alimentos. Fragmentos decorados com *transfer-print*, superfície moldada com relevo e padrões florais ou linhas curvas sugerem não apenas acesso a louças mais refinadas, mas também a incorporação de valores simbólicos associados à mesa posta, à distinção estética e à modernidade. Esses materiais evidenciam uma possível reconfiguração do gosto no interior nordestino, na medida em que indicam a adoção seletiva de estilos industrializados e mais formais de louça nos períodos mais avançados dos séculos XIX e início do XX. Isso não se refere apenas ao uso funcional, mas à transformação da própria função social da louça: de utensílio para o preparo ou consumo imediato para marcador de status, gosto e pertencimento a uma modernidade simbólica. Como discutido por Lima (1995), Symanski (2008) e Abreu e Souza (2010), a louça de mesa oitocentista torna-se uma linguagem material de distinção, mesmo quando acessada de forma restrita em regiões periféricas.



Figura 58: Fragmento de base de porcelana. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 59: Fragmento de porcelana. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 60: Fragmento de *Ironstone* acompanhada de brasão real, indicando produção por fábricas inglesas de Staffordshire (MACHADO, 2004). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 61: Fragmento de louça *Ironstone*. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

Entre as técnicas decorativas nos fragmentos do acervo, destaca-se o uso do *pintado à mão* (19,42%) e *transfer printing* (5,22% do acervo), amplamente disseminado na produção voltada ao mercado nacional do século XIX. A maioria dos artefatos é não decorada (53,19%), mas isso pode estar associado também à natureza da própria parte do fragmento da peça, que ao próprio objeto. O acervo analisado também apresentou outras técnicas como a *banhada* (4,2%), *pintada à mão* e *carimbada* (3,91%), *superfície modificada com relevo* (2,32%) e *carimbada* (1,88%).

A decoração manual (pintado à mão), presente em faianças finas, portuguesas e espanholas, indica a presença de exemplares de datação mais recuada no acervo (Fraga, 2017). A maior ocorrência de peças com essa técnica sugere que a aquisição e o uso de louças decoradas à mão se estenderam por um período prolongado neste contexto arqueológico, revelando circuitos de consumo mantidos ao longo do tempo, mesmo diante da introdução de estilos mais industrializados no decorrer do século XIX.

Mais do que indicadores cronológicos, as técnicas decorativas observadas nos fragmentos analisados revelam possíveis camadas de significado cultural e social. O predomínio da decoração manual, mesmo diante da introdução de estilos industrializados (*transfer printing*, superfície modificada e afins), sugere não apenas a circulação prolongada de louças mais antigas, mas também um possível gosto estético e simbólico a formas de ornamentação tradicionalmente valorizadas em ambientes domésticos sertanejos.

Já o esponjado (*spongeware*), comum em peças populares britânicas, aponta para alternativas decorativas mais acessíveis e econômicas. Seu processo de fabricação simples e a produção em larga escala tornaram essas louças especialmente voltadas para consumidores de menor poder aquisitivo, sendo descritas como “entre os mais baratos disponíveis” (Saint Mary’s University, 2025; Johnson, 2015). Com base em reflexões de Abreu e Sousa (2010), a ocorrência reduzida em Canudos deste tipo de louça, se comparada a outras técnicas como o *transfer printing* ou o pintado à mão, pode indicar uma escolha intencional (gosto) por estilos percebidos como mais refinados ou valorizados socialmente. Segundo Miller (1987), as peças em *transfer printing* eram significativamente mais valorizadas e tinham maior valor de aquisição até meados do século XIX, refletindo seu *status* elevado. Assim, esses estilos decorativos, ao comporem os serviços de mesa, cumpriam uma função simbólica mais evidente na demarcação de gosto e distinção. Essa escolha reforça a noção de que o consumo de louça em Canudos também operava como linguagem material de posicionamento social.

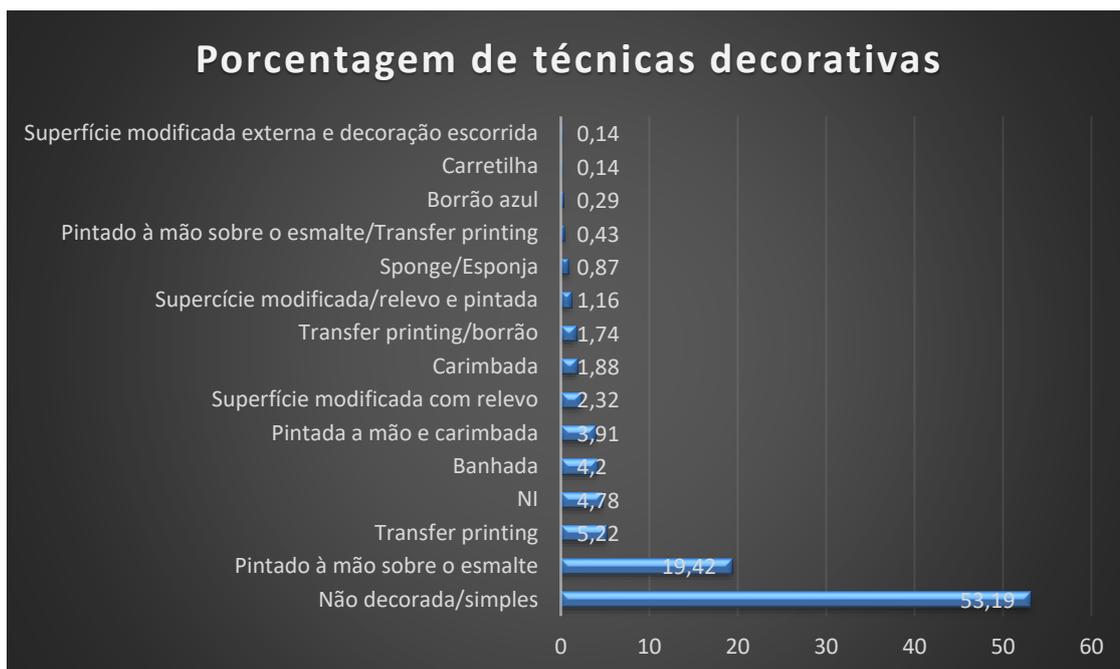


Figura 62: Gráfico de tipo de técnicas decorativas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025.



Figura 63: Fragmento de faiança fina com decoração pintada à mão sobre esmalte/Transfer Printing (estilo Peasant). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 64: Fragmento faiança fina com decoração Sponge/Esponja. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

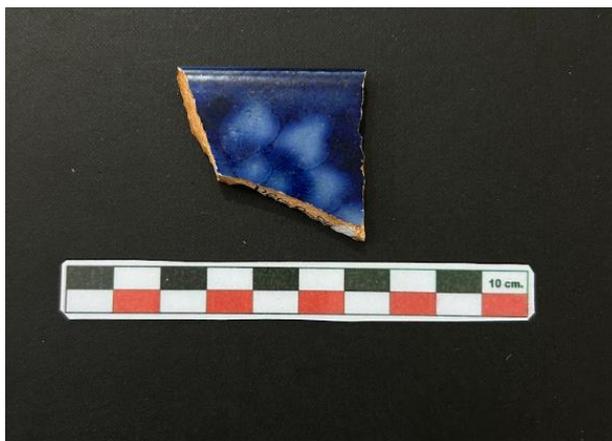


Figura 65: Fragmento de faiança fina com decoração Transfer Printing/Borrão. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 66: Fragmento de faiança fina com decoração Superfície modificada/relevo e pintada (padrão *Shell edge*). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 67: Fragmento de faiança fina carimbada. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 68: Fragmento de faiança fina com decoração Superfície modificada com relevo (padrão Trigal). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 69: Fragmento de faiança fina com decoração Banhada. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 70: Fragmento de faiança fina com decoração Transfer Printing. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

Neste acervo, a baixa frequência de fragmentos decorados com a técnica de esponjado, contrastando com a ampla presença de fragmentos pintados à mão, o que pode ser interpretado não apenas como reflexo de modas estilísticas em circulação, mas como indicativo de preferências locais e estratégias sociais específicas. Como aponta Symanski (2008) e Oliveira (2019), as escolhas de consumo e uso da cultura material são seletivas e estão imersas em lógicas de distinção e expressão de identidade. Esses objetos não operam unicamente por seu valor de uso, mas também como mediadores simbólicos e fiduciários nas relações sociais.

No contexto do sertão nordestino, essas escolhas ganham camadas adicionais de significado. Silva, Souza e Batista (2021) destacam que as populações sertanejas, muitas vezes marginalizadas pelos discursos históricos tradicionais, desenvolveram práticas culturais singulares, baseadas em economias de baixa capitalização e autonomia local. Nesse cenário, o consumo não se pautava exclusivamente por acesso a bens de luxo importados, mas por práticas de apropriação e ressignificação do que estava disponível. Observação semelhante a esta foi feita por Oliveira (2019) no sertão do Piauí. Assim, a preferência por louças pintadas à mão pode indicar não apenas uma adesão estética, mas também vínculos afetivos e simbólicos estabelecidos com determinados tipos de objetos e suas funções no cotidiano doméstico.

Em relação aos motivos decorativos, os mais comuns foram apenas *faixa* (6,38%), *florais* (5,36%), *floral e faixa* (4,93%) e *shell Edged/sem relevo* (4,35%). Foram também identificados motivos *borrado* (3,33%), *faixas e frisos* (3,19%), *shell Edged/com relevo* (2,75%), dentre outros. A maior parte dos fragmentos não apresentaram decoração (57,26%). Motivos arabescos, figurativos e zoomorfos não foram observados na amostra analisada.

Esses padrões decorativos, como discutido por Carvalho (2003), remetem a uma estética de distinção acessível, particularmente em contextos urbanos paulistas do século XIX. Em seu estudo, o autor observa que mesmo louças de menor custo, como as de faiança com ausência de decoração ou com padrões simples e repetitivos

(como *shell edge*, florais e linhas), participavam ativamente da construção de status social. Esses objetos, ao serem utilizados em contextos de sociabilidade ou em espaços visíveis da casa, simbolizavam a adesão a um ideal de respeitabilidade e distinção possível, mesmo fora das elites. No caso de Canudos, esse padrão pode indicar uma apropriação simbólica desses bens. A escolha por peças reconhecíveis socialmente indica seletividade simbólica pela modernidade material, em que tais louças poderiam operar como expressões de respeito, organização e distinção social. Num contexto de escassez no sertão, esses objetos poderiam ser um sinal de pertencimento a circuitos de consumo conectados à metrópole “moderna” para aquele contexto sertanejo, sendo elas um marcador de pertencimento e distinção social num Brasil oitocentista desigual.

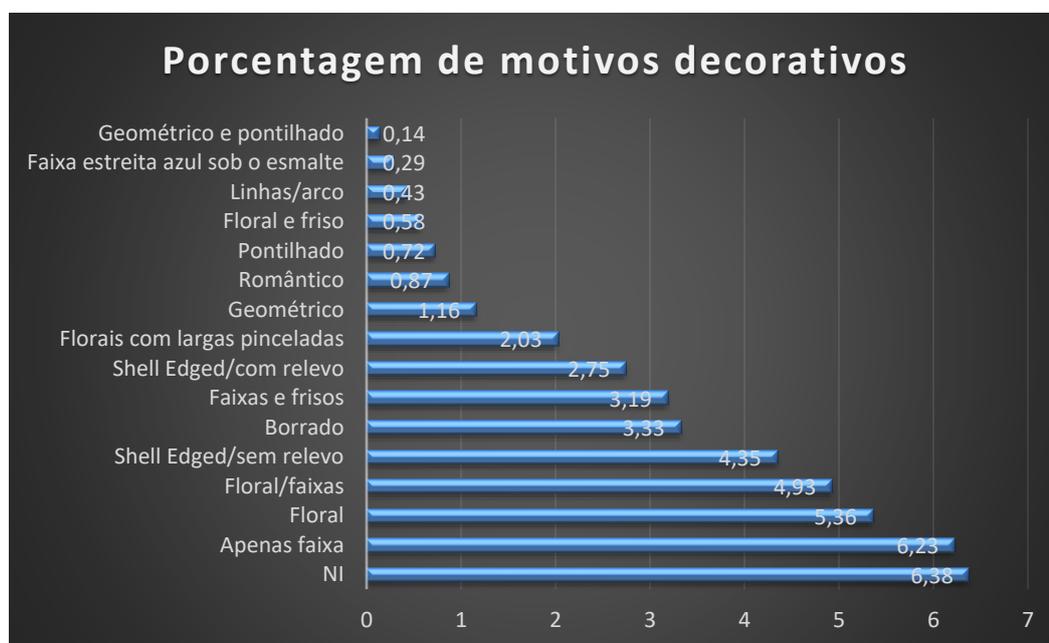


Figura 71: Gráfico de tipo de motivos decorativos do acervo do PEC. O gráfico em tela exclui os fragmentos definidos como “não se aplica”, uma vez que eram brancos/sem decoração (57,26% do acervo).

Fonte: Felipe Sales, 2025.

Essas variações decorativas dialogam com o que Medeiros (2025) denominou de “emulação agenciada”, ou seja, a apropriação ativa de padrões culturais externos por parte dos grupos locais, que ressignificam tais elementos de acordo com seus próprios referenciais simbólicos. A autora utiliza Ian Hodder (2000), Symanski (2002),

Bourdieu (2007) e Muniz e Gomes (2017) para argumentar que a emulação enquanto prática cultural não se reduz a cópias passivas, mas representa uma forma de reelaboração simbólica em contextos periféricos. Essa abordagem conceitual se apoia nas ideias que discutem a agência como expressão de ação individual e resistência cultural, distinguindo-se de uma visão passiva da imitação.

No caso de Canudos, soma-se à equação interpretativa um fator crucial: a disponibilidade. A escolha e circulação das louças neste contexto arqueológico podem não ter obedecido apenas a critérios estéticos ou normativos impostos por modelos culturais externos, mas também às possibilidades materiais e logísticas do sertão baiano oitocentista. Assim, a análise revela que motivos como o romântico e o geométrico aparecem predominantemente aplicados por técnica impressa (*transfer-print*), enquanto variações de *shell edge* — com ou sem relevo — correspondem à técnica moldada e pintada. Já os padrões florais e florais com largas pinceladas são majoritariamente pintados à mão (*hand-painted*), e as linhas/arcos ou faixas correspondem a pinturas lineares simples, possivelmente executadas de forma rápida em produção seriada. Essa combinação indica não apenas a diversidade de repertórios visuais, mas também a incorporação seletiva de técnicas decorativas mais ou menos elaboradas, mediadas pelo custo, pela disponibilidade no mercado e pelo significado social atribuído a cada tipo de acabamento.

Desse modo, a presença simultânea de técnicas industriais padronizadas (como o *transfer-print*) e de acabamentos manuais mais simples sugere estratégias de adaptação cultural e afirmação de valores sociais, nas quais o consumo e uso da louça operavam como práticas de distinção cultural no cotidiano doméstico sertanejo.

A classificação morfológica revelou predominância de bojos (46,52%) e bordas (28,99%), seguidos por bases (17,10%) e alças (0,87%), além de fragmentos não identificados (6,23%) e peça inteira (0,29%). Tais elementos foram fundamentais para a identificação das possíveis formas das peças. Como destaca Carvalho (2003), fragmentos de bojo, borda e base concentram atributos diagnósticos essenciais — como curvatura, espessura, acabamento e aplicação decorativa — que permitem

inferir, com razoável precisão, a função original das peças e seu modo de uso. Além disso, conforme Tocchetto (2003), esses elementos podem expressar práticas de mesa compartilhadas ou individuais, bem como rotinas de descarte que obedecem a lógicas específicas de dano, quebra ou reutilização.



Figura 72: Fragmento de bojo em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 73: Fragmento de borda em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 74: Fragmento de base em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 75: Fragmento de asa em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 76: Fragmento asa em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 77: Tigela em faiança fina. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

Em termos de forma, destacam-se pratos (15,65%), xícaras (9,13%) e pires (8,12%), tradicionalmente associados ao consumo de alimentos e bebidas quentes, como o café — amplamente difundido no interior nordestino — e, eventualmente, outras infusões. No entanto, no contexto local, esses itens não necessariamente se restringiam à função utilitária de consumo. É possível que, além de seu uso efetivo em momentos específicos do dia — vinculados à sociabilidade, à recepção de visitas ou ao tempo livre —, também desempenhassem papel decorativo ou simbólico, compondo o cenário da mesa posta como expressão de status, gosto e distinção social.

Essas formas indicam, portanto, não apenas um repertório funcional diversificado, mas também mudanças no modo de organizar a alimentação e a apresentação dos utensílios, com a incorporação de refeições intermediárias, individualização de peças e especialização de objetos à mesa. Esse cenário reflete o processo de emulação (Medeiros, 2025) de práticas sociais ligadas ao universo burguês oitocentista, com a adoção seletiva e reinterpretada de traços culturais europeus no sertão, como o uso de utensílios mais requintados tanto nas refeições cotidianas quanto na exibição simbólica desses bens no espaço doméstico.

Estudos urbanos como os de Carvalho (2003) em São Paulo, Faccio et al. (2013) nos sítios de Itatiba, Tocchetto et al. (2001) e Lima (1990) demonstram que o uso de louças específicas, como para o serviço de bebidas quentes, estava vinculado a transformações nos modos de sociabilidade e à adoção de novas normas de conduta no ambiente doméstico brasileiro. Tocchetto, por exemplo, analisa como a presença de xícaras e pires se relacionava à organização funcional e estética dos espaços da casa oitocentista, refletindo uma racionalização das práticas à mesa. Já Lima (1990) argumenta que esses utensílios participavam da construção de um modelo de domesticidade burguesa, no qual as refeições intermediárias, os momentos de consumo refinado e a exibição de peças de prestígio marcavam a diferenciação social. Ao observar a presença desses mesmos tipos no acervo cerâmico de Canudos, é possível sugerir um repertório doméstico que, mesmo em um contexto sertanejo marcado por menor poder aquisitivo e resistência, incorporou de forma seletiva práticas e objetos associados a um ideal de modernidade, combinando funções práticas, decorativas e simbólicas.

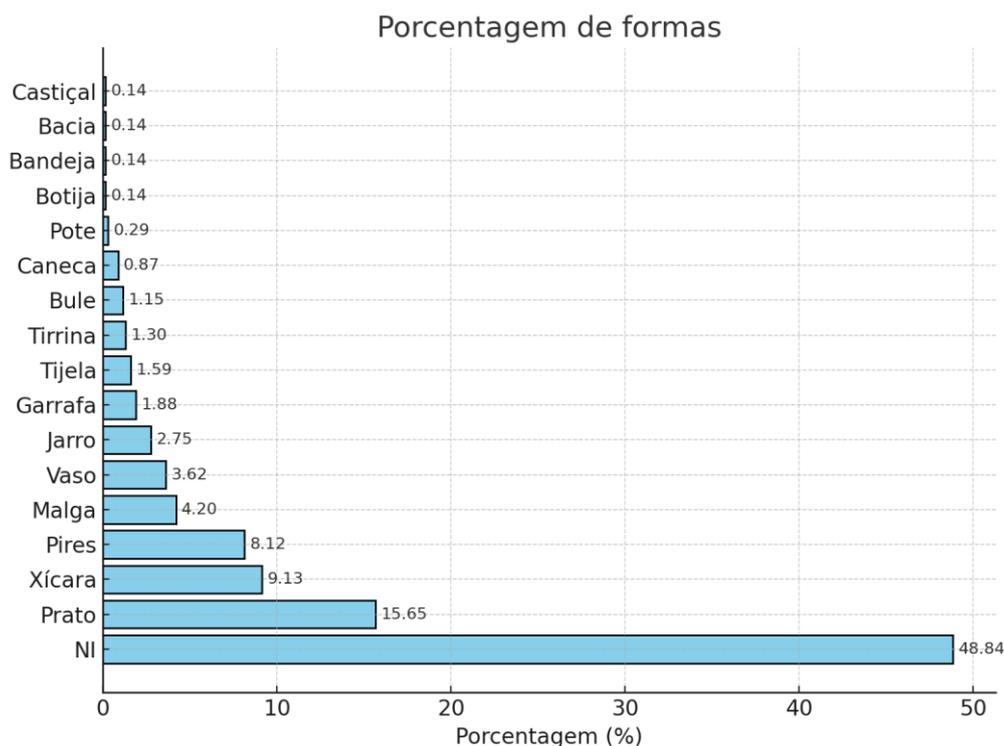


Figura 78: Gráfico de formas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025.

A análise funcional das louças revela que, embora uma parcela significativa do acervo não tenha possibilitado identificação precisa de função (51,88%), os fragmentos atribuídos às práticas de consumo (23,77%) e de servir (18,12%) permitem inferências sobre hábitos alimentares e comportamentos de sociabilidade locais (Symanski, 2008). No caso de Canudos, a presença de pratos fundos, tigelas e xícaras — utensílios associados ao consumo de alimentos líquidos e bebidas quentes, como o café, amplamente difundido no interior nordestino — aponta para momentos formais de refeição compartilhada, sugerindo práticas alimentares organizadas à mesa, e não exclusivamente informais ou improvisadas, como seria esperado em um cenário do sertão baiano oitocentista. Essa característica, embora comum em sítios históricos urbanos do mesmo período, adquire um sentido particular neste contexto cultural, não apenas pelo uso prático dos objetos, mas pelo modo como se inserem em um cotidiano no qual a mesa e o ato de servir as refeições representam respeito, conviv



Figura 79: Fragmento de faiança fina utilizada para consumo. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 80: Fragmento de faiança fina utilizada para consumo. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

A presença de itens voltados ao serviço, como travessas, jarros e bules, mesmo em menor quantidade no acervo, reforça esse cenário de partilha e convívio, especialmente em contextos sertanejos como Canudos, onde a inserção dessas práticas alimentares está articulada às redes comerciais e culturais modernas dos séculos XIX e XX (Nissinen, 2023; Abreu e Souza, 2010). Nesse contexto, observa-

se não apenas a adoção de novos objetos (como louças industrializadas associadas à vida burguesa europeia), mas também mudanças na própria sociabilidade local: refeições mais organizadas, uso coletivo de utensílios específicos e valorização do ato de servir enquanto prática social. Essas evidências mostram que as louças não serviam apenas para o uso prático, mas também ajudavam a organizar a forma como as pessoas se sentavam à mesa e conviviam socialmente no dia a dia. Sendo assim, elas refletem como se dava a sociabilidade local, marcada por práticas coletivas de convívio à mesa, mesmo em um contexto sertanejo com limitações materiais, mas aberto à incorporação de objetos e hábitos externos.

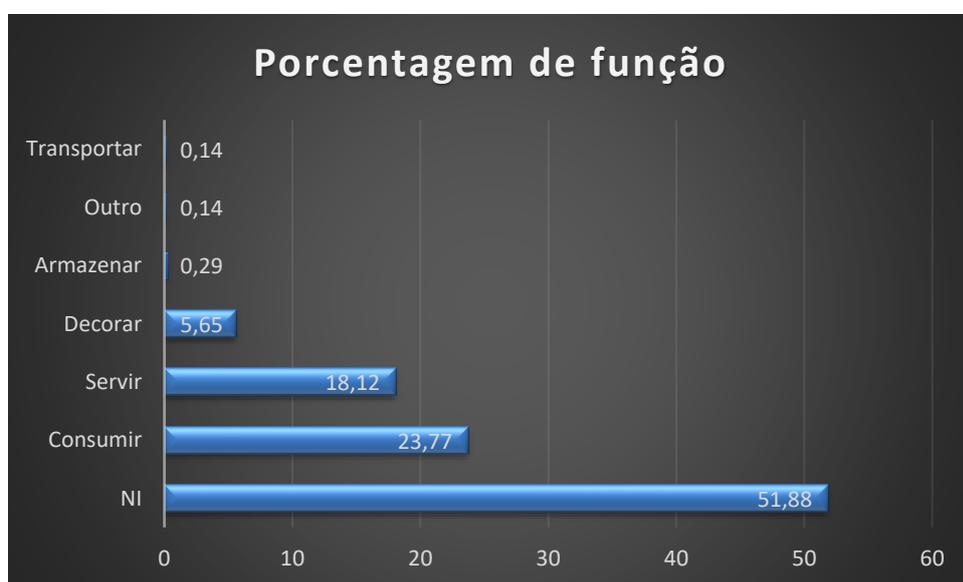


Figura 81: Gráfico de função dos artefatos do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025.

A presença de objetos voltados tanto ao consumo (como tigelas e pratos) quanto ao servir (como travessas, bules e jarros), ainda que comum em diversos sítios arqueológicos históricos brasileiros, revela que no caso rural de Canudos há um alinhamento com padrões materiais observados em contextos urbanos e domésticos do século XIX. Embora tais funções não representem uma diversidade incomum, sua ocorrência em um contexto sertanejo marcado historicamente por leituras estigmatizadas de precariedade material, indica que ali também se reproduziam

formas de organização e de vida doméstica articuladas a circuitos de consumo mais amplos.

Essa realidade já foi observada por Jucá (2012) em contexto doméstico no interior de Sergipe, por Sales (2011) no sudeste do Piauí e por Medeiros (2025) no sertão Potiguar, trazendo à luz informações que apontam para a complexidade dos contextos domésticos rurais do nordeste brasileiro oitocentista. Esse tema é amplamente discutido do ponto de vista teórico e prático por Lima (1990), Tocchetto *et al.* (2001) e Symanski (2008) no Brasil e vem cada vez sendo mais ilustrado por pesquisas arqueológicas históricas. Em Canudos, portanto, a materialidade das louças reforça a ideia de que os sertanejos estavam inseridos em lógicas culturais e econômicas modernas (desafiando visões cristalizadas de isolamento e pobreza absoluta).

Dois fragmentos singulares, circulares e planos, foram identificados no acervo analisado, ambos resultantes da reciclagem de louça. Um deles, fabricado a partir de um fragmento de faiança fina com decoração borrão azul, apresenta características formais compatíveis com peças de jogos de tabuleiro. Estudos de Symanski (2008) em contextos de senzalas no Rio Grande do Sul apontam que fragmentos de louça reaproveitados em formato circular eram comuns, não apenas para jogos como dama ou xadrez, mas também em práticas lúdicas de origem africana, possivelmente incluindo o gamão, cujas regras e tabuleiros foram reinterpretados localmente. Segundo o autor, tais artefatos aparecem associados sobretudo a grupos subalternizados — como indígenas, pessoas escravizadas, ex-escravizadas e até presidiários —, refletindo uma lógica de reciclagem e reaproveitamento material fortemente marcada por contextos de restrição econômica e marginalização social.

De forma complementar, Abreu e Souza (2010), em sua pesquisa de doutorado, discute como a reutilização criativa de fragmentos cerâmicos em peças lúdicas expressa tanto a economia de recursos quanto formas de sociabilidade e resistência cultural. Nesse sentido, a presença desse tipo de objeto em Canudos não deve ser interpretada apenas como evidência de prática recreativa, mas como parte

de um repertório cultural mais amplo, no qual lazer, criatividade material e ressignificação de objetos industrializados dialogam com as condições de vida e com a agência social desses grupos no sertão baiano oitocentista.



Figura 82: Fragmento circular em faiança fina com decoração borrão azul. Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

A ausência de marcas visíveis na maioria dos fragmentos, aliada ao estado fragmentário (a maioria inferior a 3 cm), dificultou a identificação dos fabricantes. Mas ao menos 10 fragmentos apresentam marca de fabricante, sendo eles de a Villeroy & Boch, sediada em Mettlach, Alemanha, fábrica J. & G. Meakin, localizada em Hanley, Staffordshire, Inglaterra, fábrica Louça Século, localizada no Rio de Janeiro, Brasil, louças "Ironstone China" acompanhada de brasão real, o que indicam louças produzidas por fábricas inglesas de Staffordshire, louça "São Paulo" e brasão pertence à Fábrica Santa Catarina (F.S.C.), localizada na cidade de São Paulo, Brasil, e de louça fragmento apresenta marca em azul com inscrição parcialmente legível incluindo "BAHIA", indicando produção cerâmica regional.



Figura 77 Figura 83: Boch, sediada em Mettlach, Alemanha (Godden, 1997). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 84: Fragmento de louça fabricado na J. & G. Meakin, localizada em Hanley, Staffordshire, Inglaterra (Nissinen, 2023). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 85: Fragmento de louça fabricado na fábrica Louça Século, localizada no Rio de Janeiro, Brasil (Queiroz, 2006). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 86: Fragmento de louça Ironstone China, provavelmente fabricada em Staffordshire, Inglaterra, por indústrias como W.H. Grindley (Lima, 2000). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 87: Fragmento de louça "Ironstone China" acompanhada de brasão real, o que indicam louças



Figura 88: Fragmento de louça "Ironstone China" acompanhada de brasão real, o que indicam louças

produzidas por fábricas inglesas de Staffordshire (Machado, 2004). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

produzidas por fábricas inglesas de Staffordshire (Machado, 2004). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 89: Fragmento de louça "SÃO PAULO" e brasão pertence à Fábrica Santa Catarina (F.S.C.), localizada na cidade de São Paulo, Brasil. (Abreu e Souza, 2010). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 90: Fragmento de louça apresenta marca em azul com inscrição parcialmente legível incluindo "BAHIA", indicando produção cerâmica regional (Abreu e Souza, 2010). Foto: Ana Clara/Felipe Sales, 2025.

As 690 louças analisadas do acervo do Parque Estadual de Canudos (PEC) revelam a inserção do sertão baiano oitocentista em redes comerciais amplas e complexas, de alcance nacional e internacional. As marcas de fabricação identificadas — como Villeroy & Boch (Alemanha), J. & G. Meakin (Inglaterra), Fábrica Santa Catharina (São Paulo), Louça Século (Rio de Janeiro), além de brasões reais do tipo *Ironstone China* — evidenciam o trânsito de bens industrializados até mesmo em regiões interioranas. Destaca-se, ainda, a presença de fragmentos com a inscrição "BAHIA", indicativos de produção cerâmica regional e estadual, cuja fabricação é atribuída ao segundo quartel do século XX (c. 1925–1950), período em que essa louça era comum e amplamente distribuída no mercado interno. Embora cronologicamente posterior ao conflito de Canudos, sua ocorrência no acervo arqueológico reflete processos de reocupação e reutilização da área, bem como a continuidade e transformação das práticas de consumo no sertão baiano ao longo do tempo.

Assim como observado nos sítios Itatiba I e II por Faccio et al. (2013), os materiais de Canudos articulam práticas locais como o reaproveitamento de fragmentos, o uso de um conjunto diversificado de peças de louça em refeições

organizadas à mesa e a incorporação simbólica de objetos estrangeiros e nacionais ao cotidiano sertanejo, mantendo vínculos com fluxos econômicos globais (Symanski, 2002; Silva; Souza; Batista, 2022; Sales, 2011).

Esse conjunto material variado demonstra que, mesmo em contextos rurais e historicamente marginalizados, havia agência, com consumo e uso sofisticados e alinhados à modernidade. A circulação de louças finas importadas, a diversidade formal e funcional e a presença de técnicas associadas ao universo urbano não indicam apenas um acesso passivo a bens industrializados, como se fosse um mero ato de compra, mas sim um uso ativo, criativo e simbólico desses objetos no cotidiano doméstico (Symanski, 2008; Medeiros, 2025). No caso de Canudos, nota-se uma agência cultural que se expressa na forma como os sertanejos incorporaram esses artefatos ao seu modo de vida: adquirindo-os sob seus gostos e limitações, utilizando-os ao seu modo e gostos, reaproveitando fragmentos para novas funções, reinterpretando significados e adaptando às dinâmicas locais. Essa realidade contrasta diretamente com uma imagem estigmatizada do sertanejo como sujeito alheio à modernidade, revelando, ao contrário, uma inserção seletiva e significativa em circuitos culturais mais amplos.

Essas características reforçam a percepção do que Medeiros (2025) define como *emulação agenciada*, onde os sertanejos de Canudos apropriaram, adaptaram e ressignificaram elementos e objetos característicos da modernidade do século XIX (como as louças) com base em repertórios próprios. Em Canudos, isso se traduz na aquisição estratégica de objetos, no uso conforme as possibilidades materiais locais, no símbolo de *status* destes objetos, com a incorporação de traços do universo burguês urbano à cultura material sertaneja do século XIX. Essa lógica também é observada em estudos como os de Sales (2011), Carvalho (2003), Jucá (2012) e Faccio *et al.* (2013), que evidenciam como contextos periféricos não apenas absorvem, mas reconfiguram os sentidos da modernidade em suas próprias práticas culturais.

Essa dinâmica reforça o que Abreu e Souza (2010) argumenta ao demonstrar que a circulação de louças no Brasil republicano não apenas reflete padrões de gosto, mas também revela a atuação das redes industriais na configuração dos mercados internos e na diversificação de objetos portadores de valores modernos. Em Canudos, a presença de louças com marcas europeias e nacionais, associadas a técnicas decorativas com vários padrões, evidencia como esses fluxos industriais chegaram ao sertão e foram incorporados ao cotidiano local, revelando a inserção da comunidade em circuitos comerciais mais amplos do que tradicionalmente se supõe.

Para Machado (2004), o consumo de artefatos em louça deve ser compreendido como uma forma de distinção simbólica e como expressão de adesão (com características seletivas) a projetos de modernidade pelas comunidades estudadas. Essa leitura se ancora em Canudos na escolha e no uso de determinados tipos de louça (como xícaras, pires, pratos decorados e peças de servir) em contextos de sociabilidade doméstica, o que indica não apenas funcionalidade, mas também desejo de alinhamento a certas noções de gosto, ordem e respeito à mesa, mesmo em um ambiente periférico.

Zarankin e Senatore (2002) destacam que objetos cotidianos, como as louças, não são elementos neutros, mas agentes históricos que, sobretudo em contextos periféricos, carregam significados identitários e operam como mediadores de negociações simbólicas entre tradição e modernidade. No acervo de Canudos, essa perspectiva se revela na presença de louças finas importadas e de padrão industrial, que, para além de sua função utilitária, atuam como marcadores culturais de pertencimento e distinção simbólica. Em um contexto sertanejo historicamente associado à precariedade, tais artefatos indicam a inserção seletiva desses grupos em circuitos culturais mais amplos, funcionando como símbolos de *status* e referências visuais de uma modernidade apropriada à sua maneira. Assim, a agência cultural dos sertanejos se expressa não apenas no uso, mas na escolha e valorização desses objetos, que materializam uma adesão diferenciada a estilos, formas e práticas do universo burguês urbano, reconfigurados no interior da experiência sertaneja oitocentista.

Dessa forma, a análise do acervo de louças do Parque Estadual de Canudos reafirma o papel ativo dos sertanejos na apropriação de bens globais, ressignificando-os segundo lógicas culturais próprias, pautadas por economia de recursos, gosto visual, valorização da ordem à mesa mesmo afastado dos grandes centros econômicos e estratégias de distinção simbólica. Essa ressignificação se manifesta tanto na incorporação de louças industrializadas a práticas domésticas locais (como o uso de xícaras e pratos em refeições organizadas) quanto na atribuição de novos usos e sentidos a determinados objetos, como a adaptação de fragmentos para práticas lúdicas ou decorativas. O acervo analisado revela padrões materiais que se repetem em contextos urbanos do século XIX, como a presença de peças decoradas com *transfer printing*, *shell edge*, motivos florais e faianças inglesas, mas que, no caso de Canudos, ganham singularidade ao aparecerem em um contexto rural historicamente associado à escassez e à resistência. A particularidade, portanto, está na coexistência entre a precariedade material e a adesão seletiva a signos da modernidade, que operam como símbolos de *status*, pertencimento e distinção social.

A compreensão dessas dinâmicas sociais e culturais reveladas pelas louças encontra, na cronologia, um eixo interpretativo complementar. Após a identificação dessas características simbólicas, estéticas e econômicas associados à modernidade material oitocentista, torna-se fundamental estabelecer uma base temporal mais precisa o possível para esses artefatos, associando-os a um ou mais grupos culturais de sertanejos que ocuparam a região de Canudos. Nesse sentido, a aplicação da fórmula de datação média de Stanley South oferece subsídios para correlacionar os resultados qualitativos das análises com quadros cronológicos consolidados, permitindo uma leitura integrada entre tempo, forma e função dos materiais. A seguir, são apresentados os resultados da aplicação dessa ferramenta de análise cronológica, que contribui diretamente para o refinamento das interpretações contextuais da cultura material sertaneja em Canudos.

6.5 Cronologia relativas das louças e resultados da aplicação da fórmula de South

A aplicação da fórmula de datação média de louças proposta por Stanley South (1978) constitui uma importante ferramenta metodológica para a interpretação cronológica de sítios históricos. A aplicação dessa fórmula neste trabalho exigiu a definição prévia dos tipos de louça, com base na combinação de atributos como tipo de esmalte/pasta, técnica e motivo decorativo, seguidos da atribuição de datas médias estimadas de produção para cada tipo, conforme dados tipológicos e bibliografia especializada (Tochetto *et al.* 2001; South, 2007; Caldarelli, 2012).

Em termos práticos, para cada tipo de louça identificado atribui-se uma data média de manufatura (calculada pela média entre o ano inicial e final de produção conhecidos) e registra-se sua frequência no conjunto (quantos fragmentos daquele tipo foram encontrados). A fórmula de South então calcula uma média ponderada dessas datas médias, dando maior peso aos tipos mais frequentes. O resultado é uma datação média geral (*Mean Ceramic Date*, MCD) para o conjunto em estudo.

Para o acervo de louças de Canudos, optou-se por individualizar cada fragmento na planilha com sua respectiva data média atribuída (a partir da data inicial e final de produção), em vez de agrupar por grandes categorias. Como cada fragmento possui frequência unitária, todos têm peso igual no cálculo ($f_i = 1$) e a aplicação da fórmula de South equivale, na prática, a calcular a média aritmética simples das datas médias de manufatura de todos os fragmentos. Por exemplo, um fragmento de faiança fina do tipo *Pearlware* com decoração *transfer-printing* floral pode ter produção estimada de 1834 a 1887, resultando numa data média de 1860,5. Um fragmento de faiança fina do tipo *Whiteware* com decoração pintada à mão (motivo apenas faixas) pode ter produção estimada de 1820 a 1860, resultando numa data média de 1840. As datas médias de todos os fragmentos analisados podem ser verificadas no **Anexo I** desta dissertação.

É fundamental compreender que o resultado da fórmula (uma data Y) não indica um ano exato de ocupação ou descarte dos artefatos, sobretudo em um acervo

complexo como o de Canudos, no entanto, esse tema que será discutido mais à fundo à frente no trabalho. A data média trata-se apenas de um indicador temporal médio do conjunto de artefatos. Ou seja, trata-se de uma proposta inicial para refletir sobre o contexto cronológico da coleção. Ajuda, portanto, a inferir em que período, aproximadamente, aquele grupo de louças esteve em uso. No caso do acervo de Canudos, a data média é de fundamental importância porque permitirá associar os conjuntos de louças a possíveis contextos culturais de sertanejos que ocuparam a região em determinados períodos históricos.

Em contextos ideais, a fórmula de South é aplicada a conjuntos bem estratificados, de modo que a data média reflita a época central de formação de cada camada ou deposição. No acervo em questão, porém, os fragmentos foram coletados em escavações sem estratigrafia definida, podendo estar misturados materiais de diferentes fases históricas. Sendo assim, aplicar a fórmula indiscriminadamente a todo o conjunto ou em categorias amplas revelou-se problemática, pois valores médios globais mascaravam variações internas importantes na cronologia do acervo.

Por exemplo, ao calcular a datação média de todo o acervo Canudos sem qualquer segmentação, obteve-se um valor único em torno de 1843 (para o acervo completo), que combina fragmentos muito antigos com outros bem mais recentes, perdendo resolução temporal. Mesmo médias calculadas por grandes grupos de pasta (faiança fina, porcelana, etc.) mostraram-se pouco significativas, pois cada grupo abrange longos intervalos de produção sobrepostos (por exemplo, *Pearlware* e *Whiteware* são parcialmente coincidentes para alguns motivos e técnicas de decorativas).

Diante disso, buscou-se uma metodologia de segmentação apropriada para o acervo de louças do PEC, visando encontrar agrupamentos cronológicos que pudessem representar fases distintas de ocupação ou uso. Sem a referência estratigráfica, a alternativa foi extrair pistas cronológicas do próprio conjunto de datas médias dos artefatos. Assim, inicialmente uniu-se a frequência de fragmentos em

função de suas datas médias de manufatura, para visualizar possíveis aglomerados temporais. Com isso, foram obtidos os resultados abaixo:

Tabela 2: Resultados de análise a partir da Fórmula de South: data média de cada fragmento agrupado por frequência. Fonte: Felipe Sales, 2025.

| Data média | Frequência de artefatos na data |
|------------|---------------------------------|
| 1785 | 1 |
| 1787 | 39 |
| 1805 | 3 |
| 1809,5 | 86 |
| 1815 | 52 |
| 1824 | 6 |
| 1827 | 1 |
| 1840 | 40 |
| 1842 | 2 |
| 1845 | 62 |
| 1846 | 11 |
| 1847,5 | 10 |
| 1849,5 | 2 |
| 1860,5 | 3 |
| 1870 | 3 |
| 1872 | 15 |
| 1872,5 | 17 |
| 1877 | 1 |
| 1880 | 272 |
| 1890 | 19 |
| 1892,5 | 14 |
| 1895 | 15 |
| 1895,5 | 2 |
| 1910 | 8 |

Observa-se, portanto, que a distribuição das datas médias dos fragmentos era multimodal, ou seja, apresentou três conjuntos de picos definidos, separados por intervalos com frequência baixa ou inexistente. Propomos, portanto, que cada pico corresponde a um agrupamento cronológico de artefatos, indicando a possibilidade de segmentação do acervo em três fases distintas ao longo do tempo: Fase 1, Fase 2 e Fase 3. Conforme a premissa de Deetz (1977 *apud* Tocchetto *et al.*, 2001), a data

mais antiga registrada entre os artefatos (1785) pode ser considerada o marco inicial da formação do contexto arqueológico, enquanto a mais recente (1910) indicaria o término do uso ou descarte daquele contexto, mas neste acervo foram notadas variações internas que podem ser segmentadas para interpretação histórica e cultural. Esses três conjuntos de picos multimodais podem visualizados no gráfico abaixo:

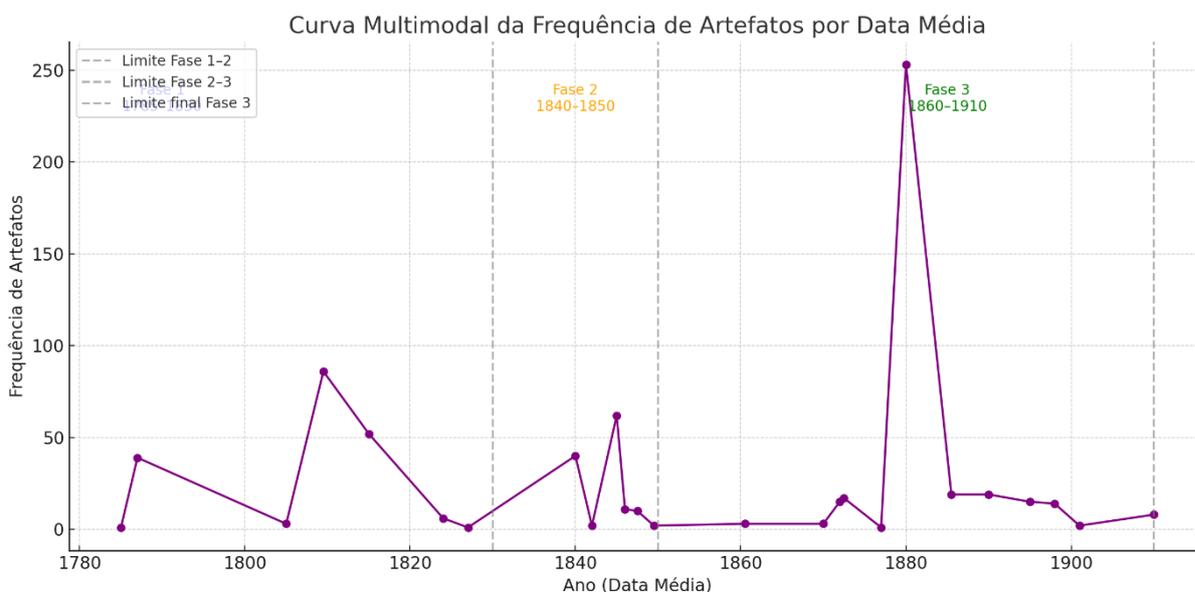


Figura 85: Gráfico com datas médias para o acervo de Canudos com base na fórmula de South: data média de cada fragmento agrupado por frequência. Fonte: Felipe Sales, 2025.

A fórmula de South foi então aplicada separadamente para cada um desses possíveis subconjuntos, de modo a calcular a datação média representativa de cada fase. Em outras palavras, somaram-se as datas médias individuais de cada fragmento da fase (ou de cada tipo, caso houvesse agrupamento) multiplicadas por suas frequências, dividindo-se pelo total de fragmentos do subconjunto. Com base nessa distribuição (Figura abaixo), concluiu-se pertinente segmentar o conjunto de louças de Canudos em possíveis três fases cronológicas principais, separadas por intervalos de hiato (ausência ou baixa frequência de materiais), conforme a seguir:

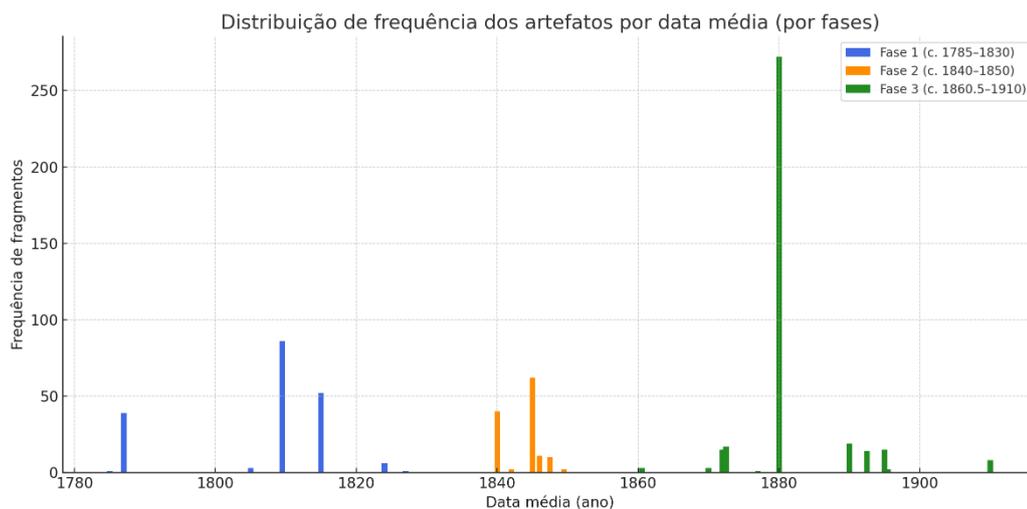


Figura 85: Gráfico com datas médias para o acervo de Canudos com base na fórmula de South: data média de cada fragmento agrupado por frequência e dividido pelas 03 fases propostas. Fonte: Felipe Sales, 2025.

A Tabela a seguir resume em datas as três fases cronológicas identificadas e propostas, com o intervalo temporal que cada uma abrange, sua datação média calculada (MCD) e o número de fragmentos em cada fase:

Tabela 3: Resumo das fases cronológicas propostas a partir da distribuição das datas médias das louças de Canudos (fórmula de South). Fonte: Felipe Sales, 2025.

| | Intervalo cronológico | MCD (ano) | Nº de fragmentos |
|----------------------------------|-----------------------|-----------|------------------|
| Fase 1 – Ocupação inicial | 1785 – 1830 | 1806,7 | 188 |
| Fase 2 – Médio século XIX | 1840 – 1850 | 1843,7 | 127 |
| Fase 3 – Ocupação tardia | 1860,5 – 1910 | 1881,4 | 369 |

A partir deste método obteve-se a o resultado da Fase 1 (1785–1830), cujo MCD foi de 1806,7 e número total de fragmentos 188. Esse resultado reflete uma dispersão considerável das datas em torno da média, sugerindo uma ocupação cronologicamente mais heterogênea ou prolongada. Já a Fase 2 (1840–1850), com MCD de 1843,7 e 127 fragmentos, evidenciando um agrupamento cronológico bem mais concentrado. A Fase 3 (1860,5–1910), por sua vez, apresentou MCD de 1881,4, com 369 fragmentos, indicando um período de ocupação intenso, porém ainda relativamente coeso no tempo. Nesta proposta, cada fase corresponde, portanto, a

um agrupamento cronológico de fragmentos de louça. A Fase 1 (1785–1830) reúne os materiais mais antigos do conjunto; a Fase 2 abrange um horizonte curto em meados do século XIX; e a Fase 3 compreende os materiais da segunda metade do século XIX, estendendo-se até o início do XX.

Embora a maior parte dos fragmentos analisados possa estar associada à ocupação da sede da Fazenda Velha, é importante reconhecer que o conjunto aqui estudado pode incluir materiais oriundos de diferentes unidades habitacionais existentes na região, vinculadas a propriedades rurais contemporâneas e ao mesmo universo sociocultural dos grandes fazendeiros locais. A proximidade geográfica entre essas unidades, somada à ausência de estratigrafia controlada e à dispersão dos vestígios, torna plausível que parte das louças tenha sido descartada por moradores de outras casas ou fazendas vizinhas — algumas pertencentes ou administradas por parentes e descendentes do Barão de Jeremoabo —, compondo um cenário arqueológico marcado por múltiplas origens, mas convergente em termos de práticas materiais, redes de abastecimento e padrões de consumo. Essa possibilidade reforça a necessidade de interpretar as fases cronológicas identificadas não como exclusivas de um único ponto de ocupação, mas como expressão de um contexto regional integrado, no qual diferentes núcleos domésticos partilhavam repertórios de objetos e hábitos socioculturais semelhantes.

A seguir, descrevemos em detalhe as características de cada fase, bem como suas interpretações contextuais:

- **Fase 1 (1785–1830):** Caracteriza-se por uma frequência inicial muito baixa (apenas 1 fragmento com data média de 1785), seguida de um aumento significativo no final do século XVIII e início do XIX. Observa-se um pico principal de ocorrência por volta do começo do século XIX, em torno de 1809 (MCD \approx 1809,5), quando há a maior concentração de artefatos (86 fragmentos com data média de 1809,5) indicando possivelmente um período de uso mais intenso nessa época. Após o início do século XIX, percebe-se um declínio nas frequências durante as décadas de 1820–1830 (valores mínimos entre 1824 e

1827). Essa fase reúne os fragmentos mais antigos do acervo, incluindo faianças coloniais portuguesas e espanholas (com datações médias em torno de 1785 para alguns exemplares) e louças inglesas do final do século XVIII (p.ex. fragmentos de *Creamware* e dos primeiros *Pearlware*). Esses materiais sugerem um contexto de ocupação inicial em Canudos, possivelmente associado a núcleos domésticos e fazendas isoladas em finais do período colonial.

- **Fase 2 (1840–1850):** Corresponde a um possível episódio breve em meados do século XIX em Canudos, evidenciado por um pico acentuado de frequência centrado nos anos 1840–1845. Os fragmentos desta fase apresentam datas médias muito próximas entre si, indicando um período cronológico bem delimitado e homogêneo. O auge da concentração ocorre por volta de 1845, onde se registra a maior frequência (62 fragmentos datados em média nesse ano), seguido de um declínio rápido logo depois (freq. mínima em 1850). Essa fase sugere um evento específico na primeira metade do século XIX, possivelmente associado a alguma intensificação na aquisição de louças finas oitocentistas no sertão. De fato, nota-se grande incidência, nesse grupo, de fragmentos de faiança fina do tipo *Pearlware* com decoração *transfer-print* (estampada), típicos de meados do século XIX, o que aponta para a continuidade e diversificação das práticas de consumo rural naquela época.
- **Fase 3 (1860,5–1910):** Engloba uma possível ocupação tardia em Canudos, datada da segunda metade do século XIX e início do XX, marcada por um salto expressivo na quantidade de artefatos. Após um intervalo de baixa atividade nas décadas de 1850–1860 (hiato entre as fases 2 e 3), observa-se um grande pico por volta de 1880, que é o mais proeminente de todo o conjunto – com 272 fragmentos datados em média desse ano. Este pico indica uma presença considerável de materiais no final do século XIX, coerente com a presença, na fase 3, de tipos cerâmicos industrializados como louça de *Ironstone* ou porcelana (com MCD \approx 1895) e porcelanas (MCD \approx 1910) característicos desse período. Mesmo após o auge em 1880, há evidências de material até o final do século XIX e início do XX (frequência ainda moderada entre aprox. 1890 e

1910), indicando continuidade de uso ou ocupação até o término do contexto histórico em questão. A média cronológica combinada do grupo reflete uma concentração temporal relativamente alta em torno dos anos 1880, com dispersão moderada dos dados.

Para melhor visualizar as diferenças de amplitude temporal entre as fases definidas, apresentamos as curvas de densidade das distribuições de datas de cada fase proposta. A figura a seguir ilustra, de forma aproximada, a dispersão relativa das datas de manufatura em cada subconjunto e seus picos (datas médias por fase):

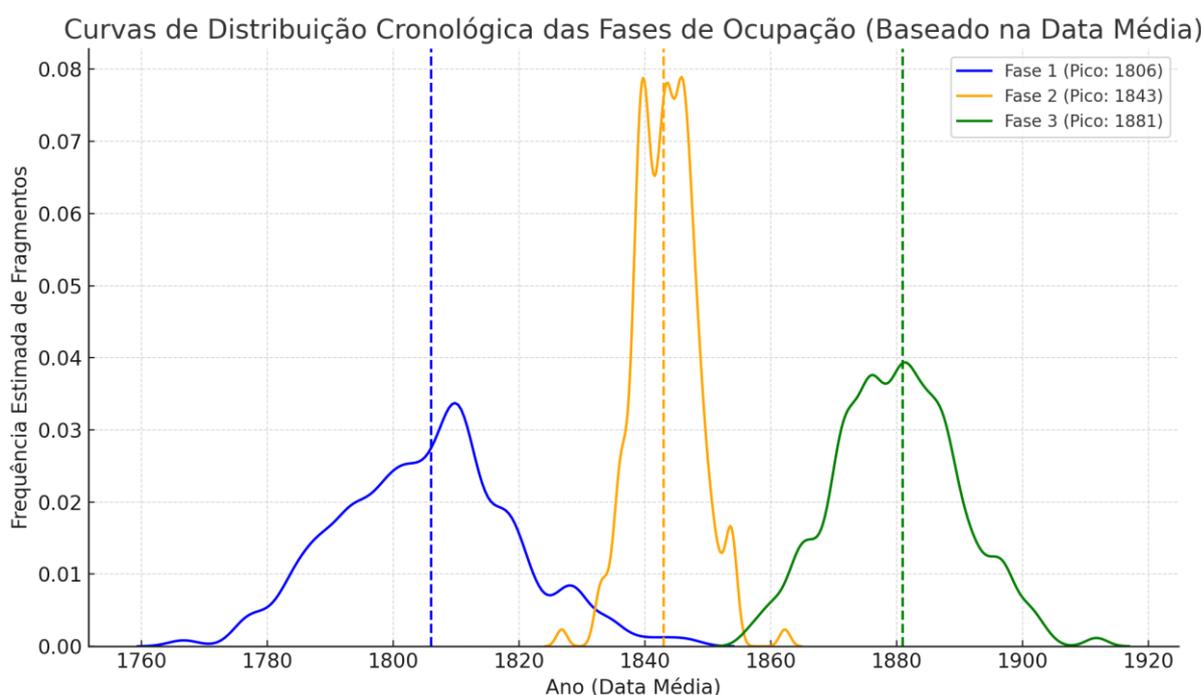


Figura 85: Médias de ocupação cronológica em Canudos construída com base na fórmula de South das possíveis fases de ocupação, sendo o pico a média data média de cada fase. Fonte: Felipe Sales, 2025

Nota-se que a Fase 1 apresenta a curva mais larga, refletindo uma possível longa duração de uso e maior variabilidade interna; já a Fase 2 exibe uma curva muito estreita, sugerindo um período mais curto e concentrado; enquanto a Fase 3 mostra uma largura intermediária, compatível com uma ocupação relativamente intensificada nos anos 1880, mas com certa dispersão temporal maior do que a Fase 2. A partir da

segmentação do acervo cerâmico em três possíveis fases cronológicas, torna-se viável correlacionar cada recorte temporal a contextos históricos distintos da ocupação da região de Canudos. As Fases 1 e 2, ainda que separadas por um hiato na década de 1830, parecem compor um quadro coerente com um período anterior ao movimento conselheirista (ou seja, ocupações que teriam ocorrido entre o final do século XVIII e meados do século XIX, aproximadamente entre 1785 e 1850).

Esses agrupamentos podem refletir momentos distintos de uso e descarte anteriores à Guerra de Canudos (1896–1897), abrangendo desde vestígios coloniais tardios até ocupações da primeira metade do século XIX. É possível que estejam vinculados a antigos núcleos domésticos rurais e fazendas de gado dispersas, características da dinâmica de povoamento do sertão baiano. Por sua vez, a Fase 3 parece associar-se ao período conselheirista e pós-conselheirista, possivelmente correspondendo ao auge e desfecho do Arraial de Canudos no final do século XIX e início do século XX. A Fase 1, com MCD $\approx 1806,7$ e maior dispersão cronológica, abrange os fragmentos mais antigos do conjunto, como faianças coloniais portuguesas e espanholas do final do século XVIII e exemplares iniciais de *Creamware* e *Pearlware*. Esses materiais podem indicar a presença de fazendas ou povoados isolados desde o período colonial, onde predominavam práticas ligadas à pecuária extensiva e à economia de subsistência — formas de vida típicas do sertão nordestino entre os séculos XVIII e XIX. A frequência de louças europeias, sobretudo inglesas, como o *Pearlware*, também aponta para a inserção do sertão em redes comerciais atlânticas, mesmo que de maneira periférica e tardia (Araújo e Carvalho, 1993; Symanski, 2008; Silva, Souza e Batista, 2020).

A Fase 2, com MCD $\approx 1843,7$ e menor dispersão, parece configurar um horizonte cronológico mais pontual, talvez relacionado a algum episódio específico de uso ou descarte em meados do século XIX. A concentração de fragmentos de faiança fina, especialmente o *Pearlware* decorado com estampilha, pode sugerir um breve momento de maior acesso a louças importadas, refletindo, talvez, flutuações nos circuitos comerciais regionais ou alterações pontuais nas dinâmicas locais de consumo.

Já a Fase 3, com MCD \approx 1881,4 e dispersão moderada, tende a se alinhar cronologicamente ao período conselheirista (1893–1897), seus desdobramentos imediatos ou aos acampamentos militares posteriores. Essa fase é marcada por uma maior quantidade de louças industrializadas do final do século XIX, como *Whiteware*, *Ironstone* e porcelanas, muitas delas com decoração *transfer print* ou inteiramente lisas. Essa concentração de materiais mais recentes pode ser interpretada como reflexo da intensificação dos fluxos comerciais e do abastecimento no sertão durante a formação do Arraial, bem como dos impactos materiais da guerra. A presença dessas louças, produzidas em larga escala e com custos reduzidos, pode indicar uma etapa de modernização do consumo material, ainda que mediada por contextos periféricos. Como observa Symanski (2008), tais transformações culturais se relacionam à incorporação de redes comerciais amplas (regionais, nacionais e internacionais) e à reconfiguração dos modos de habitar e consumir no sertão durante o final do século XIX e início do XX.

Em síntese, a análise estatística e visual da distribuição das datas médias permite propor a existência de três fases cronológicas distintas no conjunto cerâmico de Canudos: (1) uma fase inicial, de longa duração e menor intensidade; (2) uma fase intermediária, mais concentrada e curta; e (3) uma fase tardia, marcada por uma deposição mais intensa e cronologicamente focada. Ainda que essas fases sejam interpretações inferidas a partir da média de datas de produção, e não de deposições controladas, elas sugerem dois grandes momentos históricos: um primeiro momento pré-conselheirista (fases 1 e 2), entre o final do século XVIII e meados do XIX; e um segundo momento conselheirista e pós-conselheirista (fase 3), no final do XIX e início do XX.

Ao considerar a cronologia proposta e o contexto histórico da região, é possível perceber uma clara contemporaneidade entre parte significativa do conjunto — especialmente a Fase 3 — e o período conselheirista. É plausível supor que, nos primeiros anos de presença dos seguidores de Antônio Conselheiro na área, tenha havido uma convivência ou diálogo indireto com os proprietários de fazendas locais, de cujas residências possivelmente provém parte das louças aqui analisadas. Tal

convivência, no entanto, tende a ter se alterado ao longo do tempo: enquanto nos primeiros momentos pode ter havido trocas e interações ocasionais, o avanço das tensões políticas e territoriais, seguido do contexto bélico, provavelmente levou à ruptura dessa coexistência, com cada grupo se mantendo em seus próprios espaços. Nesse sentido, a cronologia das louças reflete não apenas a sobreposição temporal dos dois universos socioculturais — fazendeiros e conselheiristas —, mas também as mudanças nas dinâmicas de contato impostas pelo cenário de conflito iminente.

É importante considerar que a fórmula de datação média proposta por Stanley South (1978) parte do pressuposto de que os artefatos foram descartados em um intervalo relativamente próximo ao de sua fabricação, o que pode ser aplicável em contextos urbanos e centrais do comércio internacional, como os Estados Unidos da América, onde o método foi originalmente concebido. No entanto, pesquisas arqueológicas realizadas em diferentes regiões do Brasil têm demonstrado que, sobretudo em áreas rurais e periféricas, como o sertão nordestino, os objetos industrializados frequentemente circulavam com atraso em relação à sua data de produção, permaneciam em uso por longos períodos e eram descartados apenas décadas depois (Araújo; Carvalho, 1993; Symanski, 2008; Silva; Souza; Batista, 2020; Medeiros, 2025).

Diversos autores já discutem criticamente a sensibilidade e limitações da cronologia baseada em louças. Araújo e Carvalho (1993), ao estudar louça fina inglesa de uma residência paulistana oitocentista, apontaram problemas metodológicos e conceituais no tratamento desses materiais, incluindo questionamentos sobre o uso direto da fórmula de South. Eles destacam que a fórmula de datação média pode induzir a erros consideráveis na estimativa de datas de ocupação se for utilizada sem as devidas reservas e adaptações. Em Porto Alegre, Tocchetto e Medeiros (2009) observaram que um padrão decorativo introduzido na Inglaterra em 1851 (Padrão Trigal, *Ceres*) só aparece significativamente nas camadas finais de fim do séc. XIX e início. Quando voltamos o olhar para contextos periféricos e sertanejos, como Canudos, as limitações mencionadas tornam-se ainda visíveis. Nesses ambientes,

fatores econômicos e culturais influenciam profundamente os padrões de consumo e descarte de bens materiais, incluindo a cerâmica.

Em contextos como o de Canudos, no essas limitações tornam-se ainda mais evidentes. Como demonstrado por Symanski (2002) e por Medeiros (2025), comunidades subalternas e sertanejas muitas vezes acessavam bens de produção industrial com defasagem, por meio de circuitos comerciais secundários ou de reaproveitamento de objetos descartados nos centros urbanos. Medeiros, ao aplicar a fórmula de South no sítio Santa Clara 02 (RN), reforça que a média aritmética obtida expressa, na maioria das vezes, o período de fabricação dos objetos, e não necessariamente o seu uso efetivo, devendo, portanto, ser interpretada como indicador relativo.

Essa defasagem entre produção, uso e descarte está associada a práticas de retenção prolongada, reaproveitamento e circulação intergeracional dos objetos, especialmente em contextos marcados por acesso limitado a bens de consumo. Nesses casos, o uso das louças não obedecia aos ritmos lineares dos centros produtores, e os artefatos importados eram inseridos de forma gradual nos repertórios materiais locais, muitas vezes adquirindo novos significados. Symanski (2008), por exemplo, demonstra que certos itens cerâmicos permaneceram em circulação mesmo décadas após cessarem sua fabricação, evidenciando padrões de conservação doméstica e uso prolongado em contextos sertanejos. Já Silva, Souza e Batista (2020) destacam a autonomia relativa dessas comunidades diante do mercado externo, refletida na manutenção de práticas materiais específicas, com inserção seletiva de objetos industrializados conforme as possibilidades e interesses locais.

Diante desse cenário, os resultados obtidos em Canudos com a aplicação da fórmula de South devem ser interpretados com a devida cautela. As datas médias calculadas não representam datas absolutas de deposição ou ocupação, mas sim tendências cronológicas relativas que apontam para possíveis fases de uso, descarte e circulação de objetos. Por exemplo, embora fragmentos com data média em torno de 1806 estejam incluídos na chamada Fase 1 (1750–1830), é plausível que muitos

desses materiais tenham sido efetivamente utilizados e descartados ao longo da primeira metade do século XIX, e não imediatamente após sua fabricação. Da mesma forma, materiais datados com média em torno de 1881 — que compõem a Fase 3 — podem ter sido utilizados até o início do século XX, sobretudo quando se considera a reocupação pós-conflito e os efeitos materiais da Guerra de Canudos.

Essa perspectiva metodológica encontra respaldo em autores como Medeiros (2025), que recomenda a utilização da fórmula de South como ferramenta auxiliar, e não como base exclusiva para interpretações cronológicas, especialmente em contextos sertanejos fragmentados, com baixa rotatividade de bens e ausência de estratigrafia controlada.

Assim, propõe-se aqui uma leitura interpretativa que reconhece os limites da curadoria do acervo e a impossibilidade de estabelecer datas fixas de ocupação. O objetivo não é propor cronologias exatas, mas identificar tendências temporais e fases relativas, com base na análise conjunta das datas médias atribuídas individualmente aos fragmentos. Nesse sentido, os gráficos de distribuição e as curvas de densidade permitem visualizar três agrupamentos distintos de datas (Fase 1, Fase 2 e Fase 3) os quais, mesmo não correspondendo a camadas estratigráficas formais, revelam padrões de deposição compatíveis com fases históricas específicas de ocupação da área de Canudos.

Ao considerar a defasagem comum entre produção, uso e descarte em contextos periféricos, em especial os sertanejos, torna-se necessário refletir sobre os limites da própria cronologia sugerida pelas datas médias. Os valores obtidos indicam, sobretudo, o período estimado de fabricação dos artefatos, e não o momento exato de sua entrada no cotidiano local. Com base na literatura que aponta para o uso prolongado e a circulação tardia de louças industrializadas em regiões periféricas, é plausível sugerir que as fases cronológicas aqui definidas representem momentos de ocupação mais recentes do que os valores médios indicam.

Sendo assim, a Fase 1, com MCD \approx 1806,7, pode estar relacionada ao uso efetivo entre o final do primeiro quartel e o segundo quartel do século XIX (1825 –

1850) – associado às fazendas de gado da região de Canudos; a Fase 2, com MCD $\approx 1843,7$, situar-se no terceiro quartel do século XIX (1850-1975) – também associado às fazendas de gado da região de Canudos; e a Fase 3, com MCD $\approx 1881,4$, corresponder ao final do século XIX, estendendo-se até o início do século XX (1890-1940) - – associado ao contexto conselheirista ou pós-conselheirista. Essa reinterpretação ainda assim mantém uma associação predominante das louças do acervo a universo cronológico pré-conselheirista e possivelmente também pós-conselheiristas, bem como fortalece a noção de que os ritmos do sertão exigem cautela na leitura cronológica, e que as fases detectadas refletem tendências amplas de circulação e descarte, mais do que datas absolutas de ocupação.

Como discutido por Symanski (2008), Silva, Souza e Batista (2020) e Medeiros (2025), os sertanejos apropriavam-se desses objetos a partir de suas próprias lógicas sociais, técnicas e simbólicas, criando formas locais de uso, circulação e ressignificação da materialidade moderna. No caso de Canudos, essa apropriação deve ser entendida dentro de uma lógica de seletividade e continuidade cultural, na qual os objetos industrializados são reinterpretados e inseridos em um cotidiano sertanejo ainda fortemente ancorado na tradição. Nesse contexto, a fórmula de South revela-se útil não por fixar datas, mas por evidenciar dinâmicas de longa duração, pontos de inflexão e intensificação do consumo — todos eles elementos essenciais para compreender a tensão entre o moderno e o tradicional que perpassa os materiais arqueológicos analisados nesta dissertação.

Nesse sentido, para além da dimensão cronológica, é fundamental considerar outros conjuntos materiais presentes no acervo, como os fragmentos cerâmicos, que, apesar de mais difíceis de datar com precisão, revelam aspectos igualmente ricos sobre as práticas cotidianas, técnicas de produção e permanências culturais no sertão. A análise dessas cerâmicas permite ampliar a leitura sobre a materialidade sertaneja, incorporando camadas interpretativas relacionadas às tradições locais de manufatura e ao uso continuado de saberes e formas ancestrais, em diálogo ou em contraste com os padrões industriais importados. Portanto, a seguir, são apresentados os resultados da análise dos fragmentos cerâmicos, que, embora mais difíceis de

datar com precisão sem datação absoluta, revelam padrões técnicos, formas de uso e permanências culturais que complementam a leitura cronológica e simbólica da materialidade sertaneja em Canudos.

6.6 Resultados das análises das cerâmicas

Este item apresenta os resultados da análise dos fragmentos de cerâmica recuperados em Canudos, os quais são aqui atribuídos à comunidade conselheirista - uma hipótese que será desenvolvida e justificada com base nas análises apresentadas ao longo deste capítulo. Busca-se demonstrar de que maneira esses artefatos (produzidos de forma artesanal e usados no cotidiano) refletem os aspectos tradicionais da vida no arraial, em contraste com os artefatos de louça industrializados discutidos anteriormente. Serão abordadas as técnicas de manufatura identificadas (que indicam modos de fazer ancestrais), as formas dos recipientes (que revelam práticas domésticas típicas) e os tratamentos de superfície e evidências de uso (que podem apontar para funções e simbolismos do uso da cerâmica).

A análise dos fragmentos cerâmicos provenientes do Parque Estadual de Canudos seguiu a metodologia descrita no subcapítulo 5.3. A categorização foi orientada pelos critérios estabelecidos pelos autores de referência, possibilitando uma abordagem comparativa entre técnicas ancestrais (modelado e acordelado) e padrões históricos (torno) de produção cerâmica. Foram analisados 1.591 fragmentos cerâmicos.

A identificação da técnica de manufatura cerâmica revelou predominância da modelagem manual (96,04%). A modelagem simples representa a continuidade de práticas manuais tradicionais de confecção, enquanto outras categorias apareceram em menor número, como roletes (3,39%). Fragmentos com técnicas mistas, como “Roletes/modelagem”, foram raros (0,25%). Não foram identificadas cerâmicas produzidas com técnica de torno mecânico, que comumente está associada aos contextos históricos mais recentes no Brasil.

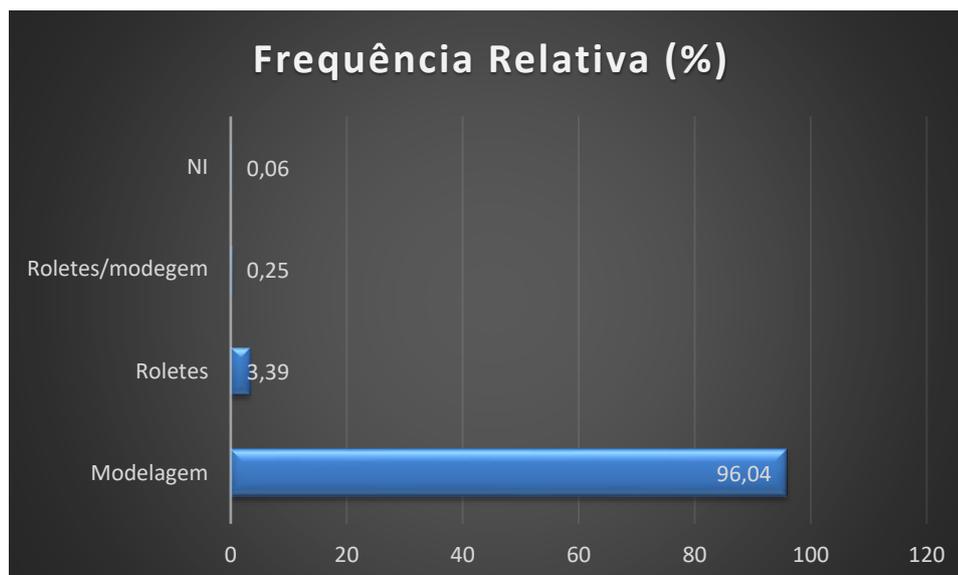


Figura 91: Gráfico de técnica de manufatura das cerâmicas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025.

Do ponto de vista arqueológico nos fragmentos, a modelagem pode ser identificada pelas quebras irregulares e uma pasta homogênea nos fragmentos cerâmicos, como ilustrado nas figuras abaixo. A maior frequência desta manufatura direciona para a hipótese de que os objetos cerâmicos recuperados no acervo arqueológico de Canudos foram produzidos (modelados) localmente, de forma artesanal, com base em saberes técnicos ancestrais transmitidos por gerações em ambientes domésticos (Cruz e Correia, 2007). A ausência de torno e a valorização da modelagem à mão livre se alinham a padrões técnicos verificados em diferentes contextos na Bahia (Etchevarne, 2012; Ribeiro *et al.*, 2023), em demais partes do Nordeste (Lessa, 2010; Araújo, 2018), em Minas Gerais (Rodrigues & Gardiman, 2016; Costa, 2023) e no Brasil Central (Asnis e Mano, 2020). Essas evidências contribuem para sustentar a hipótese de que os modos de fazer observados em Canudos dialogam com práticas ceramistas disseminadas por amplas regiões do interior nordestino e do Brasil Central, mantendo vínculos técnicos com tradições camponesas e indígenas.

Do ponto de vista histórico, este trabalho já demonstrou que os conselheiristas mantinham relações comerciais com centros urbanos, como Salvador, especialmente

por meio do comércio de couro e proteína animal. Além disso, havia intercâmbios regulares com comunidades do entorno do Arraial de Canudos, o que ampliava as possibilidades de circulação de bens e recursos financeiros para aquisições. Como destaca Sena (2013), a cerâmica produzida com o uso de torno mecânico era uma tecnologia já difundida em olarias do Nordeste no final do século XIX e costuma estar associada a formas de produção regional em escala ampliada, com características semi-industriais. Nessa mesma direção, Amaral (2012) observa que o uso dessa técnica está vinculado à adoção de procedimentos produtivos mais padronizados e sistematizados. Isso sugere que, do ponto de vista logístico e econômico, os conselheiristas tinham condições de acessar bens manufaturados de origem regional, inclusive aqueles resultantes de processos técnicos vinculados a lógicas produtivas mais organizadas e diversificadas, associadas à modernidade técnico-industrial, como a cerâmica de torno.

Entretanto, a total ausência de fragmentos cerâmicos confeccionados com torno mecânico no acervo de Canudos sugere algo mais significativo do que mera limitação de acesso. Essa ausência pode ser interpretada como uma escolha deliberada dos conselheiristas em manter práticas produtivas tradicionais e ancestrais. Ou seja, mesmo podendo adquirir artefatos regionalmente fabricados com métodos mais modernos, optou-se por continuar utilizando vasilhames modelados manualmente, alinhados a uma lógica de continuidade cultural, de resistência simbólica e de afirmação sertaneja.

Além da continuidade e resistência cultural, a preferência pela cerâmica modelada à mão pode também ser interpretada como uma estratégia de autonomia produtiva. Ao manterem o domínio técnico sobre a confecção de seus próprios recipientes, os conselheiristas preservavam não apenas um saber-fazer herdado de seus ancestrais, mas também a capacidade de suprir suas necessidades domésticas sem depender de mercados externos ou redes de produção controladas por agentes alheios à comunidade. Nesse sentido, a permanência da modelagem manual garantia independência material e flexibilidade para adaptar formas e funções às demandas locais, reforçando o controle comunitário sobre os meios de produção e o uso

cotidiano da cultura material. Assim, a cerâmica modelada operava simultaneamente como expressão de tradição, resistência simbólica e exercício prático de autonomia.

Em outras palavras, a cultura material cerâmica de Canudos atua como testemunho da permanência de práticas ancestrais, mesmo diante da crescente modernização do mundo exterior. Conforme Symanski (2002), a escolha de determinadas cerâmicas envolve autoexpressão e construção de identidades sociais. A opção por cerâmicas tradicionais (frente à possibilidade real de consumo de bens industrializados ou semi-industrializados) revela um posicionamento cultural que privilegiava a manutenção de modos de vida enraizados em tradições camponesas, em detrimento da adoção de produtos associados ao progresso técnico ou urbano. Trata-se, portanto, de uma possível evidência do projeto de autonomia simbólica e material dos conselheiristas frente à ordem dominante. Essa produção artesanal local se reflete também nas formas dos objetos confeccionados, intimamente ligadas às necessidades cotidianas dos sertanejos.



Figura 92: Fragmento de bojo, TSE escovado, técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025.



Figura 93: Fragmento de bojo, TSI alisado, técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025.

Os campos 'Forma' e 'Função' foram classificados integralmente como 'NI' (Não Identificado) na análise destes artefatos. Apesar do bom estado de preservação de parte dos fragmentos cerâmicos analisados, optou-se por não definir, de forma conclusiva, a 'Forma' e a 'Função' final desses artefatos. Essa decisão foi motivada, sobretudo, pela constatação de que muitos dos fragmentos apresentavam

características tipológicas muito semelhantes entre si, o que dificulta sua atribuição inequívoca a tipos formais distintos de objetos completos. Além disso, conforme Rice (1987), é importante considerar que um mesmo tipo de objeto pode ter servido a diferentes funções ao longo do tempo, especialmente em contextos de reutilização (prática comum no uso de objetos cerâmicos). Assim, atribuir uma única função ou forma a partir de fragmentos pode gerar interpretações imprecisas, sobretudo quando se trabalha com um universo material relativamente homogêneo em termos formais.

O tamanho pequeno dos fragmentos, aliado à ausência de padronização formal e à simplicidade das peças, dificultou sua categorização em tipos formais reconhecidos historicamente. No entanto, a hipótese de trabalho para este acervo cerâmico é que esses artefatos estariam relacionados a objetos utilitários do cotidiano doméstico (como os ilustrados nas figuras abaixo), interpretação sustentada por outros resultados (morfologia) e por analogias etnográficas que serão discutidas adiante.



Figura 94: Fragmento de bojo, TSE escovado técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.



Figura 95: Fragmento de borda, TSE alisado, técnica de manufatura modelada. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.

A análise morfológica dos fragmentos possibilitou inferências relevantes. Entre os elementos identificáveis, destacam-se os fragmentos de bojo (18,16%) e borda (6,22%), com ocorrências menores de pescoço, base, alça e perfil completo, conforme ilustrado nas figuras acima. Essas morfologias indicam que o acervo é composto, em

sua maioria, por pequenos recipientes de uso cotidiano, com formas abertas ou semifechadas, provavelmente utilizados para o preparo, armazenamento ou consumo de alimentos e líquidos, conforme padrões amplamente descritos por Cruz & Correia (2007) e Barreto (2023).

Embora a variabilidade identificada neste acervo seja limitada em comparação a outros contextos sertanejos nordestinos (Nascimento e Luna, 1197; Sena, 207, Sena, 2007, Costa, 2025; Evaristo, 2025), é possível interpretá-la como reflexo de cadeias operatórias específicas e práticas culturais localizadas. Conforme argumenta Evaristo (2025), a variabilidade formal em cerâmicas do sertão pode ser compreendida não apenas como produto técnico, mas também como expressão identitária e de resistência cultural. Assim, mesmo diante de um acervo com diversidade limitada, é relevante considerar que os poucos padrões observados ainda guardam potencial para refletir aspectos da cultura material sertaneja em Canudos.

Os fragmentos de bojo, base e borda analisados remetem provavelmente à presença de vasilhas, panelas e potes utilizados tanto para o armazenamento de água quanto para o preparo de alimentos. Essa evidência material pode ser diretamente associada ao cotidiano sertanejo, no qual a população dependia de recipientes cerâmicos para conservar a água potável oriunda do rio Vaza Barris, bem como de panelas simples para o cozimento dos alimentos. A predominância de partes de possíveis panelas e potes utilitários reforça a hipótese de que as práticas domésticas em Canudos estavam sustentadas no uso de utensílios tradicionais de cerâmica, compatíveis com um modo de vida tradicional típico do sertão. Esse dado evidencia que estes sertanejos mantinham uma organização social autossuficiente e baseada em valores tradicionais, em contraste com hábitos mais modernizados de outras localidades contemporâneas.



Figura 96: Fragmento com marcas de fuligem. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.



Figura 97: Fragmento com marcas de fuligem. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.

A presença de fuligem em diversos fragmentos de panelas reforça a imagem de um cotidiano de preparo de alimentos em fogões rústicos à lenha, sendo esta uma prática tradicional esperada numa comunidade sertaneja. Esse dado direciona para a hipótese de que Canudos mantinha um modo de vida doméstico baseado em práticas culinárias tradicionais, sustentadas por tecnologias acessíveis e transmitidas localmente, diferindo de centros urbanos onde, à época, equipamentos mais modernizados de cozinha começavam a surgir.

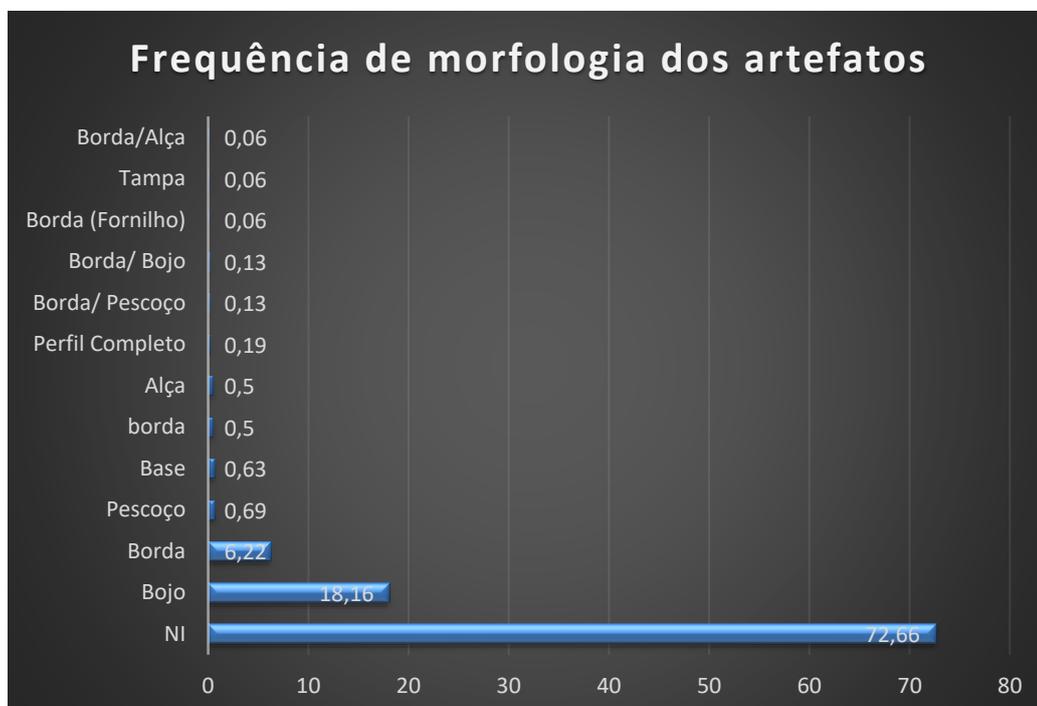


Figura 98: Gráfico de morfologia dos fragmentos cerâmicas do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025.

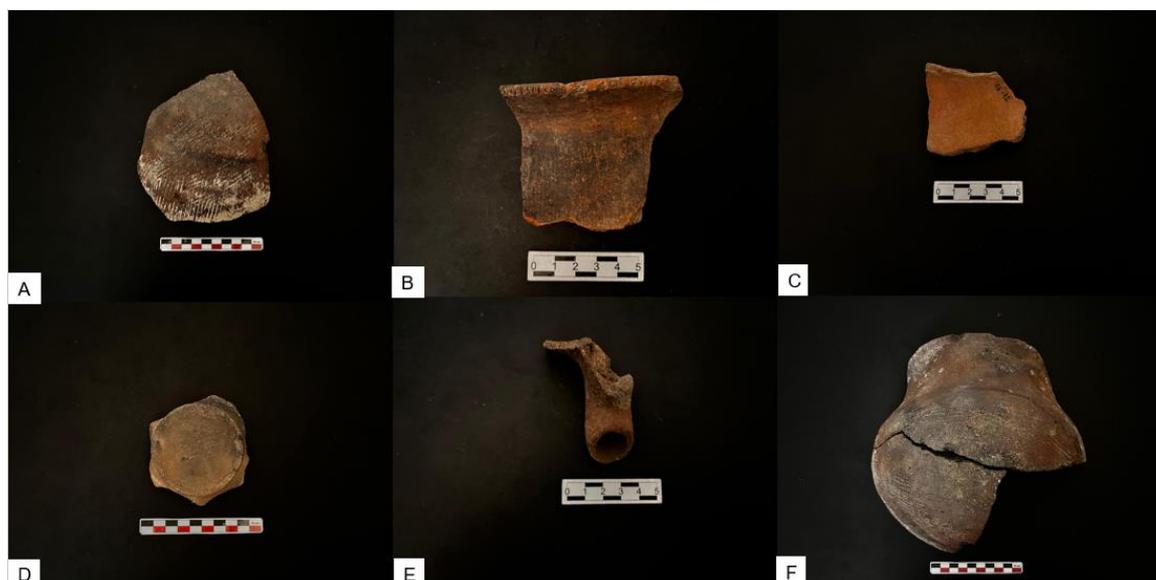


Figura 99: Conjunto de morfologias identificadas: A) Fragmento de bojo; B) Fragmento de borda; C) Fragmento de pescoço; D) base; E) alça; F) perfil completo. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.

2025.

No acervo também foi identificado um fragmento de uma borda de forninho de cachimbo de barro. O fragmento da peça, apesar de pequeno, apresenta morfologia compatível com os chamados cachimbos populares largamente utilizados entre os séculos XIX e XX por camadas populares urbanas e rurais. Este artefato é moldado, com decoração em relevo, técnica comum em produções ceramistas não industriais. Conforme descrito por Hissa (2022), tais cachimbos compõem um conjunto que remete a práticas culturais cotidianas, onde o cachimbo assume não apenas função de uso pessoal, mas também papel simbólico na constituição de identidades periféricas e populares. A autora retoma o conceito de “*cachimbo barroco*”, já consolidado na literatura arqueológica brasileira desde Brancante (1981), para designar exemplares ornamentados com padrões rítmicos e volumetria acentuada, produzidos artesanalmente fora do circuito industrial e associados a uma estética sensível das classes subalternas.

A presença de borda espessa e modulação plástica decorativa no exemplar de cachimbo de Canudos reforça sua filiação a esse universo de materialidades da

resistência, vinculadas ao cotidiano de sujeitos em contextos de exclusão, como os habitantes do Arraial conselheirista. A análise desse tipo de objeto dialoga também com abordagens que enxergam o cachimbo como marcador cultural e de gênero (Soares, 2010; Hissa, 2022), e se insere no conjunto de artefatos associados a práticas de sociabilidade e uso ritualístico ou cotidiano do fumo em comunidades sertanejas.

Este cachimbo e os resultados das demais cerâmicas do acervo de Canudos sugerem uma preferência por cerâmica local, possivelmente atuando como elemento de coesão entre os conselheiristas e reforçando valores como solidariedade comunitária, vida simples e apego à tradição. Conforme argumentam autores da arqueologia da resistência, como Funari (1999), González-Ruibal (2014) e Lino (2022), a persistência no uso de objetos tradicionais (como panelas de barro e cachimbos de barro) mesmo diante de alternativas industrializadas, pode ser entendida como uma forma de resistência simbólica e silenciosa à dominação cultural externa. Tais objetos não apenas atendem a funções práticas, mas também expressam identidades locais e modos de vida deliberadamente mantidos frente às pressões da modernidade.



Figura 100: Borda de forninho de cachimbo presente no acervo do PEC. Foto: Aná Clara/Felipe Sales, 2025.



Figura 101: Borda de forninho de cachimbo presente no acervo do PEC. Foto: Aná Clara/Felipe Sales, 2025.

Os resultados das análises dos artefatos cerâmicos quanto ao tipo de queima revelaram que 64,86% dos fragmentos não apresentavam indícios suficientes para

classificação (categoria “NI”). Entre os fragmentos cuja queima pôde ser identificada, 30,48% apresentaram queima do tipo redutora e 4,65% do tipo oxidante. A predominância da queima redutora, conforme ilustrado na figura abaixo, mesmo entre os fragmentos identificáveis, sugere o uso de fornos ou fogueiras com ventilação limitada e temperaturas variáveis (condições técnicas típicas da produção cerâmica artesanal e tradicional), conforme discutido por Rice (1987), especialmente em contextos domésticos e não industrializados.

Os resultados de queima dialogam os objetivos desta dissertação ao evidenciar a permanência de práticas técnicas tradicionais entre os conselheiristas. A predominância da queima redutora, típica de produções artesanais com fornos rústicos ou fogueiras, indica a manutenção de saberes locais frente à crescente industrialização do século XIX. Em contraste com as louças finas ou mesmo cerâmicas de torno, esses fragmentos cerâmicos revelam uma escolha técnica e cultural alinhada a modos de vida autossuficientes e coletivos. Assim, a cerâmica conselheirista materializa, por meio de suas técnicas de produção, uma forma de resistência à modernidade dominante e expressa uma identidade cultural distinta no sertão baiano.



Figura 102: Fragmento com queima redutora. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.

A análise dos tratamentos de superfície externa dos fragmentos cerâmicos revelou que 74,17% dos fragmentos não apresentavam técnica de decoração identificável (NI) ou ausente. Entre os fragmentos que puderam ser classificados, a técnica mais recorrente foi o alisado, presente em 13,32% do total, seguido pelo escovado, com 10,75%. Técnicas de decoração com menor frequência no acervo incluem: polido (1,01%), incisa (0,38%), brunidura (0,25%), brunidura combinada com polimento (0,06%) e pintura (0,06%), conforme ilustrado nas figuras abaixo.

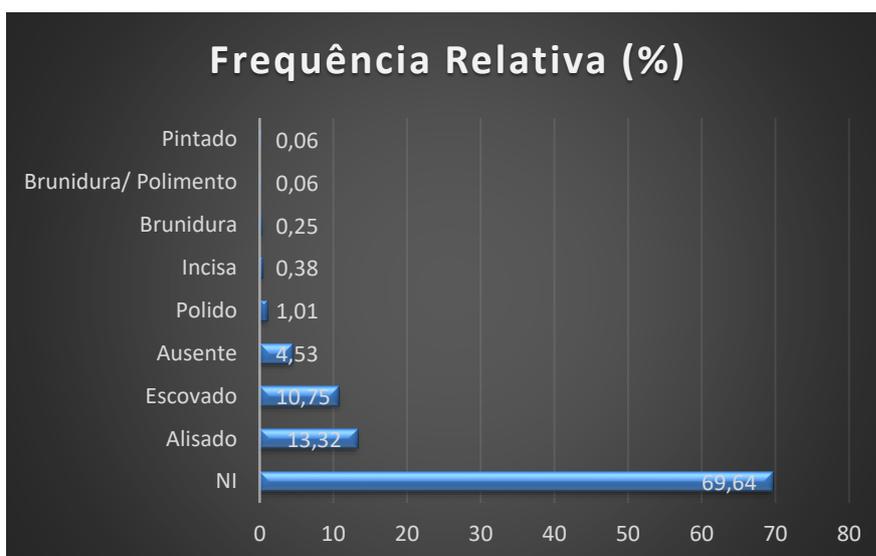


Figura 103: Gráfico técnica de decoração dos fragmentos cerâmicos do acervo do PEC. Fonte: Felipe Sales, 2025.



Figura 104: A) Fragmento de borda com TSE alisado; B) Fragmento de borda com TSE escovado; C) Fragmento de bojo com TSE inciso; D) Fragmento de borda com TSE brunido. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.

Esses resultados indicam um padrão decorativo simples e funcional, centrado em acabamentos práticos como alisamento e escovado, o que reforça a hipótese de que as peças eram utilitárias e produzidas para uso cotidiano. A ausência de elementos decorativos complexos ou simbólicos distingue esse conjunto das cerâmicas associadas às tradições indígenas arqueológicas, especialmente do período pré-colonial. Em contextos sertanejos, essa estética da simplicidade pode ser entendida não como ausência de técnica, mas como uma escolha cultural alinhada à lógica do fazer cotidiano e da praticidade. Tal como argumenta Evaristo (2025), a sobriedade decorativa e a padronização mínima em cerâmicas de barro sertanejas não invalidam seu valor interpretativo; ao contrário, revelam formas de continuidade cultural e resistência simbólica que transcendem o ornamento, articulando saberes técnicos a práticas identitárias locais.

Esses resultados também distinguem esse conjunto das cerâmicas associadas às tradições indígenas arqueológicas conhecidas e presentes na Bahia, especialmente do período pré-colonial, nas quais técnicas de produção como a acordelada (sobreposição de roletes) predominavam e a decoração tendia a ser mais elaborada. Nessas tradições, a cerâmica não se restringia ao uso doméstico, desempenhando também papéis rituais, simbólicos e identitários.

Neste estudo, os artefatos cerâmicos analisados têm sua associação de procedência direcionada ao 'Arraial conselheirista', conforme registrado na planilha de análise (100% do acervo). Contudo, na exposição do Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, localizado em Canudos-BA, esses fragmentos cerâmicos são associados a contextos pré-coloniais, conforme ilustrados nas figuras abaixo.



Figura 105: Cerâmicas expostas no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, em canudos/BA - UNEB. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 106: Cerâmicas expostas no Museu Arqueológico do Memorial Antônio Conselheiro, em canudos/BA - UNEB. Foto: Felipe Sales, 2025.

A proposta de contextualização cronológica apresentada neste trabalho para o acervo cerâmico, embora se afaste da interpretação atualmente divulgada pelo museu, fundamenta-se em na articulação um conjunto articulado de evidências levantadas ao longo deste trabalho: relatos orais locais, coerência formal e tecnológica entre os fragmentos analisados e sua nítida divergência em relação às cerâmicas pré-coloniais já documentadas na Bahia. Tais elementos sustentam a hipótese de que os artefatos provavelmente pertencem ao contexto conselheirista.

Neste sentido, os relatos orais de técnicos, auxiliares de campo e pesquisadores que participaram diretamente das atividades arqueológicas e curatoriais no Parque Estadual de Canudos apontam para o fato de que as cerâmicas foram coletadas na área do Arraial Conselheirista. O arqueólogo Paulo Zanetinni, que coordenou as atividades no local, indicou que parte expressiva do material cerâmico foi oriunda da área correspondente ao antigo Arraial. Essa informação é corroborada por Cleonice Verne, responsável atualmente pela reserva técnica onde está acondicionado o acervo arqueológico, e pelos auxiliares de campo, que relataram a procedência dos fragmentos como proveniente das camadas de ocupação conselheirista.

Do ponto de vista técnico, muitos desses fragmentos apresentam bom estado de conservação (peças grandes e preservadas), o que sugere um abandono repentino do local e pouca movimentação posterior, semelhante ao que ocorreu com o Arraial após a guerra, conforme ilustrado na figura abaixo. Contudo, para além das informações de procedência, a análise tecnológica realizada neste estudo revelou um padrão de homogeneidade entre os fragmentos, o que permitiu estabelecer uma coerência morfológica e tecnológica no conjunto, indicando tratar-se de um acervo único e coeso.



Figura 107: Fragmentos de perfis quase completos: A) Vasilha com TSE escovado entre o bojo e a base; B) vasilha com TSE escovado e alisado; C) Vasilha com TSE escovado e presença de fuligem; D) Vasilha com TSE escovado e alisado com presença de fuligem. Foto: Marlene Costa/Felipe Sales, 2025.

Esses fragmentos compartilham as mesmas técnicas de manufatura (modelagem manual em sua maioria, com alguns exemplos de combinação de modelagem e roletagem), padrões morfológicos (preponderância de bojos e bordas espessas) e acabamentos simples (alisado e escovado), reforçando a hipótese de que todos integram um mesmo contexto cultural e temporal, conforme ilustrado nas figuras abaixo. Essa uniformidade observada entre os artefatos sugere que não se trata de um conjunto heterogêneo formado por acervos distintos, mas de um único horizonte

cerâmico, compatível com o uso cotidiano e doméstico no interior do Arraial de Canudos, no período anterior à destruição do arraial, ao final do século XIX.



Figura 108: Conjunto de fragmentos de bojos com características semelhantes presentes no acervo. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025.



Figura 109: Conjunto de fragmentos de bordas com características semelhantes presentes no acervo. Foto: Marlene Costa/ Felipe Sales, 2025.

Há, inclusive, registros fotográficos históricos que mostram cerâmicas posicionadas junto a habitações e aos corpos dos conselheiristas logo após o fim da Guerra de Canudos, o que oferece um indício visual relevante para associar parte do acervo arqueológico analisado ao contexto do Arraial. Em ao menos duas dessas imagens, observam-se potes cerâmicos de pequeno e médio porte, depositados ao lado de moradias de taipa ou em meio aos escombros, apresentando formas e proporções muito semelhantes às daquelas dos fragmentos identificados no acervo do PEC. A semelhança técnica e morfológica entre os recipientes fotografados e os materiais recuperados (sobretudo quanto à espessura, acabamento e formas de bojo e borda) reforça a hipótese de que os artefatos analisados pertencem ao cotidiano da comunidade conselheirista. Embora nem todos os fragmentos tenham sido completamente reconstituídos em forma ou função, o conjunto revela uma uniformidade compatível com o uso doméstico. Assim, as imagens não apenas confirmam o uso da cerâmica em contextos cotidianos, como também fortalecem a atribuição contextual dos fragmentos ao Arraial de Canudos, sugerindo que se tratam, de fato, de materiais utilizados por seus habitantes no interior das casas e nas práticas ordinárias de sua vida comunitária.



Figura 110: Cerâmicas e corpos em casas de Canudos depois da tomada e incêndio do arraial pelo exército na 4ª expedição. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).



Figura 111: Recorte da fotografia histórica de Canudos que mostra cerâmicas utilitárias. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).



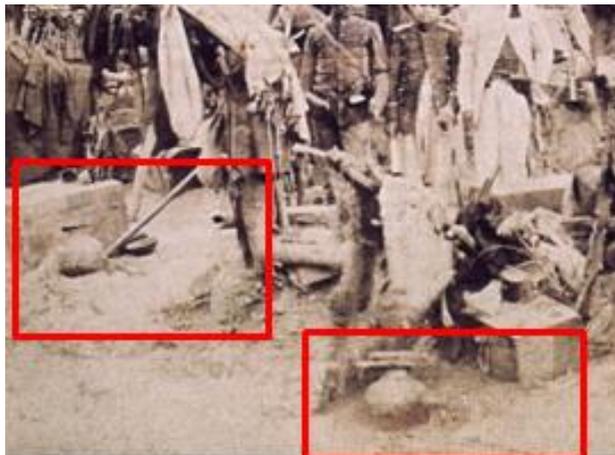
Figura 112: Artefato cerâmico preservado presente no acervo do PEC, que tem padrões técnicos semelhantes ao da foto do Arraial Conselheirista. Foto: Felipe Sales, 2025.



Figura 113: Objetos cerâmicos no Arraial conselheirista pós-conquista (40º Batalhão de Infantaria) pelas tropas republicadas – imagem histórica de Canudos de Flávio de Barro., 1897. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).



Figura 114: Objetos cerâmicos no Arraial conselheirista pós-conquista (7º Batalhão de Infantaria) pelas tropas republicadas – imagem histórica de Canudos de Flávio de Barro, 1897. Arquivo Histórico Museu da República (BRASILIANAFOTOGRAFICA, 2025).



Apesar de apresentarem traços técnicos ancestrais, como a modelagem à mão livre, a queima redutora e a ausência de simetria formal, os fragmentos cerâmicos analisados no acervo de Canudos indicam não pertencerem às tradições ceramistas pré-coloniais recorrentes na Bahia (Tradição Aratu ou Tradição Tupiguarani). A Tradição Aratu, descrita por Calderón e sistematizada por Fernandes (2017), caracterizada pela presença de urnas funerárias piriformes ou globulares, frequentemente de grande porte, decoradas com incisões, corrugações e pintura simples. Essas peças eram produzidas por meio da técnica acordelada, ou pela combinação entre as técnicas acordelada e modelada, conforme ilustrado na figura abaixo.



Figura 115: Urna globular – Tradição Aratu. Fonte: Luydy Fernandes, 2017.

No norte da Bahia destaca-se o estilo Curaçá, definido por Calderón com base em registros no município de Curaçá, região adjacente a Canudos (Simões, 1972). Esse estilo, reconhecido como uma variante regional da Tradição Aratu, é marcado por urnas de grande porte com corpos globulares, presença de alças verticais, incisão geométrica profunda e, em alguns casos, pintura monocromática interna. No entanto, nenhum dos fragmentos analisados neste estudo apresentou morfologia, decoração ou acabamento compatíveis com esse estilo. As divergências são visíveis tanto na espessura e forma dos fragmentos quanto na ausência de elementos estruturais característicos, como as alças ou a base côncava. Essa distinção técnica e estilística reforça a hipótese de que o conjunto cerâmico de Canudos não pertence ao repertório

ceramista pré-colonial, mas sim a uma tradição utilitária distinta, provavelmente vinculada ao contexto doméstico e histórico do Arraial conselheirista.

A Tradição Tupiguarani, por sua vez, é amplamente reconhecida por sua cerâmica com formas abertas e simétricas, predominantemente tigelas e cumbucas, produzidas com manufatura por roletes e decoradas com pintura sobre engobo (Brochado, 1984; Etchevarne, 2012). Os motivos decorativos são, em geral, geométricos e executados com grande regularidade, refletindo uma padronização estética típica das sociedades indígenas produtoras. Tais atributos, entretanto, estão ausentes no espólio cerâmico analisado em Canudos. Nenhum dos fragmentos apresentou evidências de pintura ou engobo; tampouco foram observadas formas tipicamente abertas ou regularidade nas bordas que pudesse indicar associação com essa tradição. Essa ausência de paralelos técnicos e formais reforça a distinção entre as cerâmicas pré-coloniais e os materiais investigados neste trabalho, cuja feição utilitária, produção modelada à mão e ausência de decoração remetem a uma outra lógica de produção, provavelmente ligada ao cotidiano sertanejo do século XIX.

Além disso, as cerâmicas analisadas diferem da produção histórica comum – cerâmica *neobrasileira* tipicamente associada ao uso do torno mecânico e à produção padronizada em contexto urbano-industrial (Brochado, 1974, 1984; e Chmyz, 1976). Ausências de esmalte, simetria e acabamento uniforme são indicativos de que a produção cerâmica do Arraial de Canudos se deu fora de um circuito manufatureiro regional, sendo possivelmente produzidas localmente por meio de técnicas ancestrais tradicionais herdadas de populações sertanejas, afrodescendentes e indígenas.

Como ressaltam Cruz e Correia (2007), esse modo de fazer cerâmico ancestral e tradicional é recorrente em comunidades camponesas do semiárido, onde os saberes técnicos são transmitidos de geração em geração, em contextos de autossuficiência e resistência cultural. A relação entre cerâmica e ancestralidade é amplamente abordada na literatura arqueológica (Rice, 1987; Chmyz, 1976), sendo reconhecida como um marcador importante da continuidade cultural, especialmente em contextos periféricos à lógica urbana e industrial. Em seu trabalho sobre a

cerâmica dos povos Kariri-Xokó e Pankararu como expressão de continuidade ancestral e resistência cultural, Amanda Barreto (2023) evidencia, por meio de formas e técnicas tradicionais, a persistência de saberes indígenas frente às transformações históricas e hegemônicas ao longo do tempo.

A cerâmica do acervo arqueológico do Arraial de Canudos embora possivelmente pertencente a um contexto histórico do século XIX, revela conexões com práticas técnico-culturais de longa duração. Embora os artefatos aqui analisados não sejam aqui associados à Tradição Aratu ou à Tradição Tupiguarani, é possível reconhecer que, do ponto de vista técnico, tecnológico e estrutural, essas peças guardam afinidades com modos de fazer ancestrais transmitidos por gerações. Não se trata de estabelecer pertencimento a tradições arqueológicas específicas ou continuidade técnica por tipologia formal, mas de reconhecer que certas escolhas produtivas refletem conexões de saberes e práticas enraizadas em experiências históricas territoriais.

Essa lógica também é observada por Amaral (2013) ao estudar o Agreste pernambucano, que para ela expressa continuidades culturais que resistem à padronização técnica e à industrialização. A cerâmica seria uma materialidade de resistência, assim como também observado em outras pesquisas arqueológicas no país (Sena, 2007; Mello, 2022), em que a técnica empregada é compreendida como parte de um sistema cultural que se opõe, ativa ou passivamente, às lógicas hegemônicas de produção e consumo.

Ampliando essa perspectiva de continuidade ancestral e de resistência através da cultura material, é possível observar que a cerâmica arqueológica conselheirista também compartilha características com cerâmicas documentadas em sítios arqueológicos de comunidades tradicionais Quilombolas. Em pesquisas conduzidas em Palmares, Ambrósio e Mandira, por exemplo, Lima (2012), Almeida (2012) e Allen (2000) destacam que as práticas de modelagem manual ou roletagem, com ausência de padronização formal e o predomínio de formas utilitárias funcionam como marcadores de autonomia cultural e modos de vida alternativos. Cruz e Correia (2007)

que esses “modos de fazer” cerâmicos são herdados de populações indígenas, afrodescendentes e sertanejas e permanecem vivos em comunidades que resistem às imposições do Estado e do mercado. Essa perspectiva se alinha a estudos como o de Symanski e Azevedo (2025), que discutem a crioulização de práticas cerâmicas em espaços de subalternidade, como senzalas e comunidades rurais.

Embora Canudos não seja reconhecida legalmente (nem esteja em processo de reconhecimento) como Quilombo e não seja tratada neste trabalho como tal, há uma hipótese de José Calasans que afirmava que “*Canudos foi o último quilombo*” (Meihy, 1993). Conforme este que é o principal estudioso do tema Canudos, a expressão “*gente do 13 de maio*”, usada na época para designar ex-escravizados, aparece em cartas oficiais, como a de José Américo Camello ao Barão de Jeremoabo (*apud* Meihy, 1993) em referência aos conselheiristas. Para ele, isso reforça a composição negra e popular tradicional do Arraial. Não obstante, neste trabalho essa comunidade conselheirista é interpretada como uma formação étnico-social resultante de um processo de etnogênese, no qual diferentes matrizes (indígenas, afrodescendentes, eurodescendentes e sertanejas) construíram um modo de vida autônomo e coletivo, semelhante ao que foi analisado por Funari e Carvalho (2005) e Freitas (2019) em outros contextos de comunidades tradicionais no Brasil.

A permanência desses modos de vida tradicionais encontra respaldo em evidências contemporâneas. Atualmente, Canudos e seus arredores abrigam diversas comunidades de Fundo e Fecho de Pasto (formações coletivas reconhecidas como povos tradicionais pelo Decreto nº 6.040/2007), que compartilham práticas de uso comum da terra, solidariedade e herança cultural comunitária. Segundo o MDS (2023), essas comunidades mantêm estruturas sociais baseadas em resistência camponesa e racionalidade coletiva. Entre elas, destaca-se a comunidade de Angico, cujos membros (como Pedro Oliveira dos Santos, dentre outros) são descendentes de conselheiristas e participaram ativamente das escavações arqueológicas do PEC. Tais vínculos intergeracionais representam não apenas a transmissão da memória, mas a vivência prática de um território em disputa simbólica e material.

Mencionada por Fernandes (2013), outro caso emblemático é a comunidade Baixa do Quelé, em Jeremoabo/BA, que se autodeclara Quilombola e teria sido formada por remanescentes do Arraial após o massacre de 1897. Essa comunidade reforça a ideia de dispersão da herança conselheirista por meio de estratégias de refúgio e recomposição territorial, uma prática comum nas formações pós-abolicionistas negras (Almeida, 2012).

Nesse contexto, torna-se fundamental considerar como essas trajetórias históricas e formas de organização comunitária também se expressam por meio da cultura material, especialmente na produção cerâmica conselheirista. Assim, essas experiências não podem ser negligenciadas na análise e interpretação da cerâmica de Canudos. A manutenção de técnicas como a modelagem manual, a queima redutora e a ausência de simetria formal apontam para padrões produtivos domésticos ancestrais, que podem ser vistas como estratégias culturais de afirmação identitária, conforme observam Mello (2022), Symanski (2019) e Rice (1987). A cerâmica conselheirista, nesse contexto, é expressão de uma racionalidade cultural sertaneja tradicional que, mesmo diante da intensificação da circulação de bens industriais no século XIX, opta pela preservação de sua ancestralidade. Como Carvalho *et al* (2024) reflete, a permanência das técnicas artesanais em comunidades quilombolas representa não apenas a continuidade de um saber-fazer tradicional, mas também uma forma de resistência cultural e reelaboração identitária frente às transformações sociais.

Por fim, o caso de Canudos evidencia que a cultura material é, antes de tudo, um campo de disputa de sentidos (gostos, vontades, aspirações e símbolos). Os dados cerâmicos analisados nesta dissertação revelam formas seculares de conviver e habitar o sertão, de se organizar socialmente e de construir pertencimentos — práticas que encontram paralelo nos processos históricos de formação de comunidades tradicionais (Freitas, 2019; Hartemann e Morais, 2018), não apenas Quilombolas. Dessa forma, ao avançar para a discussão contextual dos resultados, esta pesquisa se ancora nos aportes da Arqueologia Contextual e da Arqueologia do Conflito para compreender a cerâmica conselheirista não apenas como vestígio

técnico, mas como documento histórico de resistência cultural de uma comunidade sertaneja tradicional.

6.7 Discussão contextual dos resultados

A interpretação arqueológica dos contextos materiais de Canudos, especialmente dos artefatos em louça e cerâmica analisados do acervo do PEC nesta pesquisa, direcionam para uma reflexão ampliada sobre as características sociais, simbólicas e econômicas que esses objetos evocam para aquelas comunidades sertanejas. Os dados analisados nos capítulos anteriores, quando observados à luz do referencial da Arqueologia Contextual, dos debates sobre cultura material oitocentista e Arqueologia do Conflito na Arqueologia Histórica no Brasil, revelam uma dinâmica social sertaneja heterogênea e em tensão entre valores de modernidade e permanências tradicionais.

A análise contextual dos dados arqueológicos aponta que os sertanejos de Canudos formavam uma comunidade diversa do ponto de vista ancestral, resultante de processos históricos de mobilidade social e etnogênese. Como discutido no capítulo 2 (Contexto etnohistórico), essa população era composta por indígenas, descendentes de africanos escravizados e grupos luso-brasileiros, como vaqueiros e antigos moradores das fazendas vinculadas à Casa da Torre. Esses diferentes sujeitos sertanejos — incluindo os conselheiristas e os habitantes anteriores ligados à economia do gado — compartilhavam o território em meio a tensões e continuidades, compondo um sertão plural e em constante reconfiguração.

A diversidade cultural de Canudos se manifesta na materialidade arqueológica, especialmente nos fragmentos de cerâmica e louça que revelam tanto conexões com redes mercantis internacionais, quanto a permanência de saberes técnicos locais. Esses artefatos evidenciam uma lógica de consumo própria, marcada pela adaptação criativa a contextos sertanejos. Os dados analisados reforçam que a ocupação conselheirista integra uma trajetória identitária mais ampla no sertão, na qual a cultura material testemunha formas plurais de sociabilidade, resistência às exclusões estruturais e afirmação coletiva de dignidade. Como ressalta Oliveira (2017), os

processos sociais no sertão baiano envolvem "composições de mundos" — e Canudos, em sua expressão material, política e simbólica, é reflexo direto dessa complexidade.

No caso das louças, a diversidade tipológica – com predominância de faiança fina (*whiteware*, *pearlware* e *creamware*), louça portuguesa e porcelanas – aponta para um consumo que não se restringe ao funcional, mas carrega significados relacionados à distinção social, à construção de pertencimentos e à inserção simbólica em um mundo em transformação. Como argumenta Miller (1998), os objetos do cotidiano, especialmente aqueles utilizados nas refeições, servem como indicadores da forma como as práticas modernas são integradas nas vidas das pessoas.

Esses objetos não apenas revelam hábitos alimentares rebuscados no sertão baiano, mas também estão intrinsecamente ligados às hierarquias sociais e às aspirações de classe, mostrando como a materialidade do consumo molda e reflete as dinâmicas sociais. Tal leitura dialoga diretamente com as reflexões de Pierre Bourdieu (2007) e Medeiros (2025), que interpreta os objetos materiais como elementos estruturantes das práticas sociais. Segundo essas reflexões, o consumo não é meramente funcional ou técnico: ele está inserido em um sistema simbólico que comunica posições sociais. Neste caso, portanto, o uso de louças de faiança fina, mesmo em habitações do interior do sertão, pode ser compreendido como uma forma de distinção simbólica (Symanski, 2008), isto é, como uma tentativa de se apropriar de marcas culturais ligadas ao prestígio e à legitimidade social (Tocchetto; Medeiros, 2009), ainda que reinterpretadas em contextos de escassez. Trata-se de uma dinâmica onde os objetos são mobilizados para expressar gostos, valores e pertencas sociais (Soares, 2011).

Os sertanejos de Canudos, ao incorporarem seletivamente louças industriais importadas em seus cotidianos, não apenas reproduziam um modelo burguês de consumo, mas reconfiguravam esse modelo conforme suas condições sociais e culturais. O que Bourdieu chama de “gosto de necessidade” (Bourdieu, 2007, p. 226) — um gosto moldado por restrições materiais, mas ainda assim carregado de agência

e significado. Esse gosto é visível aqui nas práticas de apropriação e ressignificação das louças. A reutilização de fragmentos como peças de jogo, a conservação de certos estilos e a sobreposição com cerâmicas tradicionais apontam para a existência de um *habitus* específico: um conjunto de disposições incorporadas que orienta a forma como esses sujeitos se relacionam com a materialidade e com os códigos simbólicos da sociedade oitocentista.

Desta forma, a presença significativa de louças importadas no acervo do PEC demonstra que, mesmo em áreas interiorizadas e estigmatizadas como atrasadas pelo discurso oficial da Primeira República, existia uma inserção concreta em circuitos comerciais nacionais e internacionais. Isso corrobora a ideia de que a Fazenda Velha, anterior à chegada dos conselheiristas, integrava uma rede de consumo mercantil que chegava ao sertão baiano por meio de feiras, mascates e redes de redistribuição, conforme também percebido por Symanski (2008) no Ceará, Sales (2011) no Piauí, Jucá (2012) em Sergipe, Oliveira (2019) no Piauí, Silva; Souza; Batista (2021) no Rio Grande do Norte e Medeiros (2025) também no Rio Grande do Norte. Nestes trabalhos, o sertanejo não é um sujeito isolado ou arcaico, mas sim um agente de negociação cultural e econômica, apropriando-se seletivamente daquilo que a modernidade material oferecia.

É notório, ainda, que esse padrão de consumo revela estratégias culturais específicas. Não se tratava de um consumo burguês típico, mas de um uso socialmente situado da materialidade moderna, em que os artefatos, mesmo fora de seu contexto original de uso, ganham novos sentidos. A reutilização de fragmentos de louça como peças de jogo de dama, identificada no acervo do PEC, revela práticas criativas de ressignificação material que ultrapassam a lógica da função utilitária original. Tais usos apontam para formas de apropriação lúdica e simbólica que, em contextos culturais periféricos dos grandes centros econômicos, podem ser interpretadas como expressões de agência cultural. Como destaca Orser (2004), em situações de marginalização, a cultura material pode operar como uma ferramenta de resistência simbólica, reafirmando identidades e reinventando modos de estar no mundo a partir das bordas do sistema dominante.

Essa análise é reforçada pelos dados cronológicos obtidos com a aplicação da fórmula de Stanley South. As datas médias de produção dos principais grupos de louça apontam para 03 ocupações em Canudos (já considerando a circulação tardia de louças industrializadas em regiões periféricas):

- Fase 1, com MCD $\approx 1806,7$, pode estar relacionada ao uso efetivo entre o final do primeiro quartel e o segundo quartel do século XIX (1825 – 1850) – associado às fazendas de gado da região de Canudos;
- Fase 2, com MCD $\approx 1843,7$, situar-se no terceiro quartel do século XIX (1850-1975) – também associado às fazendas de gado da região de Canudos; e
- Fase 3, com MCD $\approx 1881,4$, corresponder ao final do século XIX, estendendo-se até o início do século XX (1890-1940) - – associado ao contexto conselheirista ou pós-conselheirista.

As três fases cronológicas obtidas pela fórmula de South revelam possíveis momentos distintos de ocupação em Canudos e sugerem a coexistência de práticas produtivas contrastantes. Apesar da presença de louças industrializadas (comuns no Brasil oitocentista), os fragmentos analisados apontam para a persistência de uma seletividade, indicando que as escolhas materiais refletiam gostos, limitações, aspirações e apropriações seletivas da modernidade.

Ao mesmo tempo, a análise das cerâmicas confirma a continuidade de práticas produtivas tradicionais no sertão. A modelagem manual, a queima em fornos abertos e as formas utilitárias pouco padronizadas contrastam com a estética industrial, revelando outra racionalidade técnica e simbólica. Presentes em abundância nos contextos do PEC, essas cerâmicas refletem escolhas culturais enraizadas. Fontes (2003) demonstra que tais práticas expressam conteúdos simbólicos e memoriais, enquanto Deetz (1996) destaca que a persistência de tradições materiais não representa atraso, mas a continuidade de saberes locais transmitidos entre gerações.



Figura 116 – Indígenas Kiriri e suas cerâmicas, do tronco Macro-Jê, durante tomada da fazenda Picos (Rocha Júnior, 1983).

Tal como discutido por Evaristo (2025), a análise da cerâmica em contextos sertanejos permite compreender aspectos mais profundos da identidade e das práticas de resistência frente a processos de mudança. Em seu estudo sobre o Seridó Potiguar, a autora interpreta a variabilidade formal dos fragmentos cerâmicos como reflexo direto das dinâmicas sociais locais, onde a técnica, o uso e os modos de produção artesanal expressam escolhas culturais conscientes e identitárias. Em Canudos, onde houve pouca variação técnica nos fragmentos do PEC, a presença de técnicas específicas de modelagem e tratamento superficial sugere não apenas continuidade cultural, mas também uma escolha deliberada, assim como uma adaptação às condições materiais e históricas impostas pelas tensões do sertão oitocentista. Assim, os objetos cerâmicos revelam-se como testemunhos materiais de um povo que ressignificou o cotidiano diante da escassez e da guerra.

A presença simultânea de louças industriais e cerâmicas tradicionais no mesmo acervo arqueológico do PEC revela uma possível coexistência e tensões de valores e práticas que se entrelaçavam no cotidiano em Canudos. Tal cenário permite

interpretar que, antes da chegada dos conselheiristas, Canudos estava integrado a circuitos comerciais que viabilizavam o acesso a bens industrializados, como as louças importadas associadas às antigas fazendas da região. Essa realidade material indica uma conexão com os fluxos da modernidade oitocentista. No entanto, a ocupação conselheirista rompe parcialmente com essa lógica: ao se estabelecer no território, o grupo liderado por Antônio Conselheiro adota práticas produtivas autossuficientes, baseadas na cerâmica modelada manualmente e em formas de vida tradicionais (Cunha, 1985; Mascarenhas, 1997; Adoue, 2011). Assim, observa-se uma inflexão simbólica na cultura material. É como se a “Canudos moderna” das fazendas cedesse lugar a uma “Canudos tradicional dos conselheiristas”, mais voltada à resistência cultural e à valorização de saberes camponeses. Trata-se, portanto, de um território em que se sobrepõem temporalidades e racionalidades distintas, evidenciando uma disputa silenciosa entre o progresso técnico e a permanência dos modos de vida do sertão.

Contudo, a tensão entre o moderno e o tradicional em Canudos não pode ser compreendida como uma oposição binária, mas sim como uma dinâmica difusa, marcada por zonas de interpenetração e negociações simbólicas, que foi construída ao longo do tempo e de forma silenciosa. Os objetos arqueológicos, nesse contexto, não apenas refletem essas tensões, mas também participam ativamente da construção social local, evidenciando os conflitos e adaptações que moldaram as dinâmicas culturais do sertão. A guerra, nesse cenário, emerge como expressão extrema e culminante dessas disputas, mas não como seu ponto de partida: trata-se também de um desdobramento de processos históricos anteriores e de escolhas materiais que já carregavam sentidos de resistência e diferenciação cultural.

É justamente nesse entrelaçamento entre cotidiano e violência que se insere o olhar da Arqueologia da Guerra. Como propõe González-Ruibal (2014), trata-se de refletir não apenas sobre os traços visíveis do conflito, mas também sobre suas camadas mais sutis e persistentes, inscritas na materialidade ordinária da vida doméstica. Para o autor, os objetos associados à guerra carregam não apenas memórias do evento violento, mas também testemunhos da desigualdade, da dor

social e do silenciamento histórico. A partir dessa leitura e por esta lente, as louças fragmentadas e as cerâmicas reconfiguradas encontradas em Canudos não são apenas evidências de práticas alimentares ou estéticas, mas documentos materiais de um conflito que atravessou o espaço doméstico, forjando estratégias de resistência e reconstrução identitária em meio à devastação. Assim, a guerra aparece não como um episódio isolado, mas como um processo que se infiltra nos usos, nos materiais e nas escolhas cotidianas dos grupos atingidos.

A Arqueologia Contextual, conforme Hodder (1986), orienta a leitura destes objetos a partir dos significados atribuídos pelos próprios sujeitos históricos. Assim, uma louça inglesa em uma casa de taipa não é apenas vestígio de uma fazenda, mas um símbolo de distinção e aspiração social. Do mesmo modo, um pote de cerâmica modelado manualmente carrega práticas de cuidado, fé e tradição. Ambos os objetos expressam sentidos distintos, revelando tensões e continuidades entre modernidade e vida sertaneja.

Por fim, é possível afirmar que o acervo arqueológico do PEC fala de um sertão profundamente humano, complexo e plural. Um sertão onde cabem tanto os ecos da modernidade quanto as raízes da tradição. Um sertão que, ao ser violentamente atacado pelo projeto centralizador e “civilizador” da República, nos legou vestígios que hoje permitem reconstruir não apenas sua dor, mas também sua dignidade, sua criatividade e sua resistência.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou compreender, por meio da Arqueologia Histórica e de uma abordagem contextual, de que maneira os sertanejos de Canudos experienciaram e expressaram tensões entre modernidade e tradição através da cultura material. Especificamente, procurou-se identificar a proveniência das louças e cerâmicas do acervo do Parque Estadual de Canudos (PEC) e, a partir desse repertório, investigar se havia vestígios materiais de dois universos socioculturais distintos: o dos antigos proprietários de fazendas de gado e o dos seguidores de Antônio Conselheiro. O trabalho também propôs-se a interpretar tais artefatos como expressão de disputas simbólicas, estratégias identitárias e formas de resistência. A partir das análises realizadas, constatou-se que esses objetivos foram alcançados em boa medida, embora continuem existindo incertezas que exigem cautela interpretativa.

A aplicação interpretativa da Arqueologia Contextual permitiu ir além da simples classificação tipológica ou cronológica dos objetos e considerar o contexto sociocultural no qual foram produzidos, adquiridos, usados e descartados. Tal abordagem mostrou-se essencial para discutir a proveniência das louças: combinando dados técnico-tipológicos (tipo de pasta, técnica, motivo decorativo) com referências bibliográficas e cronologias estimadas, foi possível sugerir que parte significativa do acervo corresponde a cerâmica fina inglesa (*creamware*, *pearlware*, *whiteware* e porcelana) importada entre fins do século XVIII e início do XX, enquanto outra parte provém de produções regionais e nacionais, incluindo fragmentos identificados com a inscrição “BAHIA” datáveis do segundo quartel do século XX. Embora a falta de estratigrafia e de registros precisos de coleta impeça afirmar com certeza a origem de cada fragmento, os resultados indicam que as louças analisadas estão vinculadas tanto à ocupação das fazendas de gado da região entre 1825–1850, quanto ao período conselheirista e pós-conselheirista (1890–1940). Essa identificação parcial de proveniência atendeu ao primeiro objetivo da pesquisa, ao mesmo tempo em que evidenciou seus limites: nem todas as peças podem ser atribuídas inequivocamente a um grupo ou fase específica, sendo necessário tratar as conclusões como hipóteses fundamentadas e não como verdades absolutas.

No que se refere à tensão entre modernidade e tradição, a análise integrada de louças e cerâmicas demonstrou uma convivência material de universos aparentemente antagônicos. Por um lado, a presença significativa de louças finas importadas — muitas delas decoradas com *transfer print*, *hand-painted* ou *shell edge* — sugere que uma fração da população local tinha acesso a redes comerciais que traziam ao sertão baiano objetos industrializados, alinhados ao repertório burguês oitocentista e associados à distinção e à modernidade. Por outro, a predominância de cerâmicas modeladas manualmente, de formas simples e utilitárias, com técnicas de queima redutora e mínima decoração, aponta para a valorização de saberes produtivos ancestrais e para a escolha deliberada de recipientes autossuficientes, de longa tradição camponesa e indígena. Esta dualidade material — louças finas versus cerâmicas comuns — exemplifica as tensões entre um ideal moderno/importado e uma prática tradicional/local, atendendo ao segundo objetivo da pesquisa. A partir desses artefatos, foi possível inferir que a “Canudos dos fazendeiros” buscava se aproximar de padrões de consumo urbanos, enquanto a “Canudos dos conselheiristas” reiterava práticas comunitárias e autônomas; contudo, esses mundos se cruzavam e dialogavam, sobretudo nos primeiros anos da instalação do arraial.

A Arqueologia Contextual mostrou-se fundamental para interpretar as louças e cerâmicas como suportes de disputas simbólicas, identidade e resistência. Em vez de assumir que os artefatos pertenciam inquestionavelmente aos conselheiristas, o estudo incorporou fontes documentais, relatos orais e contexto histórico para propor leituras plurais. Assim, as louças finas com brasões, decoradas com padrões românticos ou geométricos, foram compreendidas como marcadores de *status* e de adesão seletiva à modernidade pelos grandes proprietários e seus descendentes. Já as cerâmicas modeladas à mão foram interpretadas como expressões de autonomia produtiva, resistência cultural e continuidade de práticas ancestrais, reforçando o projeto identitário e comunitário dos conselheiristas. A sobrevivência de técnicas tradicionais não foi vista apenas como atraso ou resistência, mas também como estratégia de autonomia: manter a produção artesanal assegurava controle sobre os

meios de subsistência e reafirmava valores comunitários diante das pressões externas.

As dificuldades encontradas ao longo da pesquisa — especialmente a ausência de registros precisos sobre a origem dos artefatos e a mistura de materiais de diferentes fases — impõem limites às interpretações e são discutidas na conclusão. O cruzamento entre dados materiais, registros históricos e cronologia relativa permitiu propor três fases cronológicas principais (1825–1850, 1850–1875 e 1890–1940) para o conjunto de louças. Entretanto, como diversos autores demonstraram, em contextos rurais brasileiros existe um hiato entre produção, aquisição e descarte de bens industrializados. Desse modo, alguns objetos fabricados no início do século XIX podem ter sido usados e descartados durante o movimento conselheirista, e vice-versa. Esta defasagem obriga a considerar as fases cronológicas como tendências e não como datas de ocupação absolutas. Ainda assim, os resultados sugerem uma contemporaneidade parcial entre a Fase 3 (pico em torno de 1881) e o período conselheirista, com possível diálogo e troca de materiais entre fazendeiros e seguidores de Conselheiro nos primeiros anos do arraial. Durante o conflito armado, contudo, a convivência deu lugar à ruptura, e os circuitos materiais provavelmente se dissociaram, como apontado pela distribuição dos fragmentos mais recentes.

Por fim, esta dissertação reforça a importância de combinar análise material, revisão documental e sensibilidade etnográfica para compreender sociedades do passado. Mesmo com limitações inerentes à falta de controle arqueológico preciso, foi possível alcançar os objetivos propostos: (a) mapear, ainda que parcialmente, a proveniência das louças e cerâmicas do PEC; (b) evidenciar, por meio desses artefatos, a tensão entre modernidade e tradição e a coexistência de diferentes grupos sociais; e (c) demonstrar que a cultura material de Canudos manifesta disputas simbólicas, estratégias identitárias e formas de resistência. Reconhece-se, entretanto, que as interpretações baseiam-se em hipóteses que dependem de futuros estudos arqueológicos e documentais para serem confirmadas ou refinadas. Espera-se que pesquisas sistematizadas — com escavações estratificadas, análises laboratoriais e diálogo constante com as comunidades locais — possam ampliar a compreensão

sobre a complexa teia de relações que configurou o sertão baiano no século XIX e início do XX.

8 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU E SOUZA, Rafael. Louça branca para a Pauliceia: arqueologia histórica da fábrica de louças Santa Catharina/IRFM - São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913 - 1937). Dissertação de mestrado: **USP/Museu de Arqueologia e Etnologia**, 2010.

ABREU E SOUZA, Rafael. Não somos estrangeiras! Pelas louças brasileiras. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, p. 159-182, 2013.

ADOUE, Silvia Beatriz. O fulgor de Canudos. **Revista Espaço Acadêmico**, 2011.

AGOSTINI, Camilla; NAJJAR, Rosana. Pesquisa arqueológica na Casa da Hera–Vassouras/RJ. **Revista de Arqueologia**, v. 20, n. 1, p. 39-50, 2007.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza. A faiança portuguesa–demarcador cronológico na arqueologia brasileira. **Recife**, 2001.

ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu. A faiança portuguesa dos séculos XVI a XIX em Vila Flor, RN. **Recife: Dissertação de Mestrado-Universidade Federal de Pernambuco**, 1991.

ALLEN, Scott Joseph. Identidades em jogo: negros, índios e a arqueologia da Serra da Barriga. In: REIS, João J. & GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Negros e política no Brasil do século XIX**. Salvador: EDUFBA, 2000.

ALMEIDA, Fabio Guaraldo. Terra de Quilombo: Arqueologia da resistência e etnoarqueologia no território Mandira, Cananéia-SP. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – **MAE/USP**, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Paulo Roberto. A Brazilian Adam Smith: Cairu as the Founding Father of Political Economy in Brazil at the beginning of the 19th century. **MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics**, v. 6, n. 1, 2018.

AMARAL, Daniella Magri. Loiça de barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana. 2013. **Dissertação (Mestrado em Arqueologia)** – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-15012013-171253/publico/ME_DaniellaMAmaral_corrigena.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

AMARAL, Daniella Magri. Loiça de barro do Agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana. **Dissertação de Mestrado, Programa de PósGraduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2012.

ARAÚJO, Ana. As Loiceiras de Tacaratu - A arte milenar das mulheres do meu Sertão. **Recife**, 2018. 1a . Edição. ISBN: 978-85-5829-019-7. Gráfica FacForm.

ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello; CARVALHO, Marcos Rogério Ribeiro de. A louça inglesa do século XIX: considerações sobre a terminologia e metodologia utilizadas no sítio Florêncio de Abreu, São Paulo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 3, p. 81-95, 1993.

ARROCA FACCIO, N., & DI BACO, H. M. (2013). O GRÉS, A CERÂMICA VIDRADA E OS VIDROS DOS SÍTIOS HISTÓRICOS ITATIBA E ITATIBA II. **Revista Tópos**, 2(1), 20–41. Recuperado de <https://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/view/2204>

ARRUDA, João. **Canudos**: messianismo e conflito social. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. Arqueologia histórica de Canudos: estudos preliminares. **Salvador**: UNEB/CEEC, 1996.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; SOUZA, Amilton Justo de. A importância da cultura material e da Arqueologia na construção da História. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 14, n. 1, p. 62-76, jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas

/images/stories/pdfs_historia/vol14n1/art08_netto_e_souza.pdf>. Acesso em: 26/08/2024.

BAIARD e SANTOS. Vida Comunitária e Segurança alimentar na raiz da resistência da Vila de Belo Monte, em Canudos. **Revista História e Cultura**, v.12, 2023.

BAIARDI, Amílcar; COSTA, Edward Martins. Solução Produtiva para o Nordeste In: VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro; GASQUES, José Garcia. **Uma jornada pelos contrastes do Brasil: cem anos do Censo Agropecuário**, 2020.

BANDEIRA, Beatriz. A faiança portuguesa entre os séculos XVII e XIX. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 7, n. 2, p. 7–29, jul./dez. 2013. ISSN 1981-5875. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/1183>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. Os Kiriri de Mirandela: Um Grupo Indígena Integrado. **Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia**, 1972.

BARBOSA, Liliane de Deus. População indígena da Bahia em uma perspectiva histórico cartográfica. **XVIII Encontro nacional de Geógrafos**, 2016.

BARRETO, Amanda Silva. A materialidade cerâmica como evidência da história indígena no sertão: uma análise da coleção Carlos Estevão (FUNDAJ). 2023. 194 f. **Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe**, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Laranjeiras, 2023.

BARROS, José Geraldo Vinci. A República no Sertão: o Brasil Moderno versus Canudos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 maio 2000. Caderno “Mais!”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1305200002.htm>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BECK, Ulrich et al. **Sociedade de risco**: Rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora, v. 34, p. 49-53, 2010.

BERGO, André B. A República contra o Sertão: revisitando a guerra de Canudos. **São Paulo**: Editora Autêntica, 2024.

BINFORD, Lewis R. Archaeology as anthropology. **American antiquity**, v. 28, n. 2, p. 217-225, 1962.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Trad. Maria Lúcia Machado et al. **São Paulo**: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRANCANTE, Eldino da Fonseca. O Brasil e a cerâmica antiga, **1981**.

BRASILIANAFOTOGRAFICA. Fotografias de Canudos em 1897. **Fotos de Flávio de Barros do Acervo Museu da República**, 2025: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliانا/handle/20.500.12156.1/4860>.

BRITO, Luís Cláudio Corrêa. Memórias silenciadas de Canudos: resistência e reinterpretação do sertão baiano. Salvador: EDUFBA, 2023.

BROCHADO, José Eduardo de Oliveira. A Tradição Ceramista Neobrasileira: ensaio de definição. Porto Alegre: **Instituto de Antropologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 1974. (Publicação Avulsa, 5).

BROCHADO, José Eduardo de Oliveira. The Neobrazilian Tradition: cultural and demographic synthesis in the Brazilian Amazon. 1984. Tese (Doutorado em Antropologia) – **University of Illinois**, Urbana-Champaign.

BROCHADO, Jose Joaquim Justiniano Proenza. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America**. University of Illinois at Urbana-Champaign, 1984. Agropecuário. 1 ed. Brasília: IPEA / IBGE / MAPA, 2020, v.1, p. 135-148.

BROCHADO, José Proenza. Um modelo ecológico de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. **Simpósio de pré-história do Nordeste**, p. 85-87, 1991.

BROWN, Gregory G. The impact of American flour imports on Brazilian wheat production: 1808-1822. **the Americas**, v. 47, n. 3, p. 315-336, 1991.

CALADO, Rafael Salinas. Faiança portuguesa da Casa Museu Guerra Junqueiro, séculos XVII–XVIII. **Porto: Câmara Municipal**, 2003.

CALASANS, José. Canudos-origem e desenvolvimento de um arraial messiânico. **Revista USP**, n. 54, p. 72-81, 2002.

CALASANS, José. No tempo de Antônio Conselheiro. 2. ed. Salvador: UFBA, 1984. (1ª ed. 1959).

CALASANS, José. O mundo de Jeremoabo. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1960.

CALAZANS, José. A Guerra de Canudos: subsídios para a sua história. **Salvador: EDUFBA**, 1997.

CALDARELLI, Solange Bezerra. Arqueologia do vale do Paraíba Paulista. **São Paulo: Dersa Desenvolvimento Rodoviário**, 2003.

CALDARELLI, Solange Bezerra; CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Desafios da arqueologia preventiva: como gerir e socializar o imenso volume de materiais e documentos por ela produzidos?. **Revista de Arqueologia Pública**, v. 26, n. 2, p. 145-166, 2017.

CALMON, Pedro. História da Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

CARMAN, John. Archaeologies of Conflict. London: Bloomsbury, 2013.

CARVALHO, Fábio. Porcelana Brasil: guia de marcas. **All Print Editora**. São Paulo. 2008.

CARVALHO, Fernanda de Argolo et al. Produção artesanal em comunidades quilombolas no Brasil. **Revista Ouricuri, Juazeiro**, v. 14, n. 2, p. 3–17, jul./dez. 2024. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/ouricuri>. Acesso em: 18 jul. 2025.

CARVALHO, M.R.R. Pratos, xicaras e tigelas; um estudo de arqueologia historica em Sao Paulo, seculos XVIII e XIX: os sitios Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa N° 1. **Rev. Do Museu de Arqueologia e Etnologia, Sao Paulo**, 13: 75-99, 2003.

CASIMIRO, Tânia Manuel. Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII). 2010. **Tese de Doutorado. Universidade NOVA de Lisboa (Portugal)**.

CASTRO, Renato Moreira Varoni de. The civilizing process and the decline of the viola in Rio de Janeiro. **Revista Música Hodie**, v. 19, 2019.

CHMYZ, Igor. Metodologia para a análise de material cerâmico arqueológico. Curitiba: Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, 1976. (**Publicação do Centro de Pesquisa Antropológica, Série Arqueologia, n. 3**).

CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica Brasileira para a cerâmica. In: **Cadernos de Arqueologia**, Ano 1 n. 1, 1976.

CHRISTENSON, Andrew L. Testing the South mean ceramic dating formula using archaeological data from the American Southwest. **Historical Archaeology**, v. 28, n. 4, p. 32–50, 1994

CIARLEGLIO, Adam. Measures of variability and precision in statistics: appreciating, untangling and applying concepts, 2025. **Online:** <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7995880/#:~:text=variance%20is%20the%20sum%20of,d>

COMERLATO, Fabiana. Estudo metodológico em sítios de gravuras rupestres em lajedos, Bahia. **Salvador**: PPGCS/UFBA – CNPq, 2007 (monografia de pós-doutorado).

COPÉ, S.; ROSA, C. A. Arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. **Revista de Arqueologia**, v. 36, n. 2, p. 145-164. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Proposta de instrumento documental museológico complementar para as coleções arqueológicas do MAE/UFBA. **Revista Jovem Museologia**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 4–23, 2007.

COSTA, Carlos Alberto Santos; FERNANDES, Henry Luydy Abraham. "Joga fora no lixo"? Discussão sobre o descarte de vestígios destruídos no Brasil. **Revista de Arqueologia**, 2020.

COSTA, Diogo M. "Algumas abordagens teóricas na arqueologia histórica brasileira." **Ciência e Cultura**, vol. 65, no. 2, São Paulo, Apr./June 2013. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200012

COSTA, Juliana Ribeiro dos Santos. História, memória e ancestralidade: a cultura material cerâmica – Sítio Poço dos Bichos, Monte Rei, Minas Gerais. 2023. Dissertação (Mestrado em História) – **Universidade do Estado da Bahia**, Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras, Paulo Afonso, 2023.

COSTA, M. **Os Garcia d'Ávila na Bahia colonial**: poder, fortuna e família. Salvador: EDUFBA, 2000.

COSTA, Marlene dos Santos. Vivências Tupi na Chapada do Araripe: entre o ritualismo e o cotidiano. 2025. Tese de Doutorado em Arqueologia – **Universidade Federal de Sergipe**, Laranjeiras, SE, 2025.

CRUZ, Heloisa A. da; CORREIA, Reginaldo S. Cerâmica, tradição e resistência em comunidades camponesas do semiárido. In: Anais do XXVI **Simpósio Nacional de História**, ANPUH. São Paulo, 2007.

CRUZ, Heloisa A. de; CORREIA, Reginaldo S. Saberes e fazeres: tradição e inovação na produção cerâmica do semiárido nordestino. **Revista de Arqueologia**, v. 20, n. 2, p.

CRUZ, Marcela F.; CORREIA, Márcio P. Cerâmica do sertão: entre o uso e a tradição. **Revista Clio Arqueológica**, n. 22, p. 125-142, 2007.

CRUZ, Maria da Conceição; CORREIA, Virgílio Hipólito. Cerâmicas utilitárias. **Instituto dos Museus e da conservação**, 2007.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 13. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**: a campanha de Canudos. Ed. 23. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

DaMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. **Rio de Janeiro**: Zahar, 1980.

DANTAS, Álvaro C. P. Cícero Dantas: de barão a coronel. Trajetória política de um líder conservador na Bahia (1838-1903). Dissertação (Mestrado em História) – **Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2000.

DEETZ, James. In *Small Things Forgotten: An Archaeology of Early American Life*. **New York**: Anchor Books, 1996.

Dias Jr., O. **A cerâmica Neobrasileira**. Arquivo do IAB. Tesxtos Avulsos, 3- 13, 1988.

DINIZ, Francisco. A Casa da Torre e a formação do sertão baiano. **Recife**: EdUFPE, 2013.

Discurso do Deputado Antônio Bahia. Câmara dos Deputados da Bahia. **Anais...** Salvador: Typographia do Correio de Notícias, 1894.

DOMINGO, S. I., BURKE, H. e SMITH, C. **Manual de campo del arqueólogo**. 1. ed. Barcelona: Ariel, 2015.

DOS SANTOS, Elisabeth Cavalcante; HELAL, Diogo Henrique. O moderno e o tradicional no agreste de Pernambuco. **Ciência & Trópico**, v. 42, n. 1, 2018.

DREWETT, Peter. *Field Archaeology: an introduction*. **Londres**: UCL Press, 1999.

ETCHEVARNE, C. O sítio de tradição Aratu de Água Vermelha, Reserva Indígena Caramuru-Paraguaçu, e suas implicações arqueológicas e etno-políticas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 1, n. 1, p. 53–58, 2012.

ETCHEVARNE, Carlos. Aspectos da cerâmica colonial do século XVII em Salvador, Bahia. **Revista Clio Arqueológica**, Recife, n. 20, p. 59–82, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/clioarqueologica/article/view/246976>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ETCHEVARNE, Carlos. O sítio de tradição Aratu de Água Vermelha e suas implicações etnoarqueológicas. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 1, n. 1, p. 53-58, 2012.

EVARISTO, Vanessa Dantas. *A cerâmica de barro, a arqueologia e o sertanejo potiguar: o caso do sítio arqueológico Santa Clara 02, São Fernando, RN*. 2025. 214 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural) – **Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**, Cachoeira, 2025.

FACCIO, Patrícia Fernanda et al. A faiança e a porcelana dos sítios Itatiba e Itatiba II: aplicação da fórmula South. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 21, p. 101–115, 2013.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas*. 1972.

FERNANDES, Floriza Maria Sena. *Comunidade Quilombola de Casinhas em Jeremoabo – BA: seu tempo, sua memória, seu chão*. 2013. 135 f. Dissertação

(Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências
Professor Milton Santos, **Universidade Federal da Bahia**, Salvador, 2013.

FERNANDES, Henry Luydy Abraham. Pequenas variações dos sepultamentos da
tradição Aratu na Bahia. *Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas*, v. 17, n. 30, p.
151-172, 2017.

FONTES, Mauro Alexandre Farias. A cerâmica pré-histórica da área arqueológica do
Seridó/RN. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – **Universidade Federal de
Pernambuco**, Recife, 2003.

FRAGA, Rodrigo Garcia. A ocupação do século XX: um novo olhar sobre o Solar Lopo
Gonçalves. 2017. 254 f. Dissertação (Mestrado em História com ênfase em
Arqueologia) – **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2017.

FREITAS, Juliana de. Arqueologia engajada com comunidades quilombolas do Alto
Sertão da Bahia. In: **Dossiê SAB**, v. 37, n. 1, p. 99–114, 2019.

FUNARI, Pedro Paulo A. Arqueologia. **São Paulo**: Contexto, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo A. Brazilian archaeology: a reappraisal. In: POLITIS, G.;
ALBERTI, B. (ed.). **Archaeology in Latin America**. London: Routledge, 1999. p. 17-
37.

FUNARI, Pedro Paulo A. Contribuições da arqueologia para a interpretação do
Quilombo dos Palmares. *Fronteiras: Revista de História*, Campo Grande, MS, v. 3,
n. 6, p. 79-90, jul./dez. 1999.

FUNARI, Pedro Paulo A.; OLIVEIRA, Nanci Vieira de. A arqueologia do conflito no
Brasil. In: FUNARI, Pedro Paulo de Abreu; ZARANKIN, Andrés; REIS, José
Alberioni. *Arqueologia da repressão e da resistência: América Latina na era das
ditaduras*. **São Paulo**: Annablume/Fapesp, 2008. p. 141-149.

GARCÍA-DIEZ, Marcos; ZAPATA, Lydia. Métodos y Técnicas de análisis y estudio en
arqueología prehistórica. **Universidad del País Vaco**, 2013.

GODDEN, Geoffrey A. *Encyclopaedia of British Pottery and Porcelain Marks*. London: **Barrie & Jenkins**, 1991.

GOMES, João Pedro. Entre o trato e a bagagem: circulação de faiança entre Lisboa e Salvador da Bahia (séculos XVI e XVII). **Revista de Artes Decorativas**, n. 5, p. 179–195, 2020.

GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. *An archaeology of resistance: materiality and time in an African borderland*. Lanham: **Rowman & Littlefield**, 2014.

HARTEMANN, Mariana; MORAIS, Wilton Oran Lopes de. Arqueologia e comunidade: experiências de campo com quilombolas. **Dossiê SAB**, n. 3, p. 87–99, 2018.

HELAL, Diogo Henrique. Mérito, Reprodução Social e Estratificação Social: apontamentos e contribuições para os estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v.22, n.73, p.251-267, 2015.

HISSA, Sarah de Barros Viana. A estetização do cotidiano e o teatro onipresente: revisitando os cachimbos barrocos. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 16, n. 2, p. 55–66, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v16i2.37880>.

HISSA, Sarah de Barros Viana; LIMA, Tania Andrade. Cachimbos brancos da região do Valongo: o cachimbo cosmopolita no Rio de Janeiro oitocentista. **Revista de Arqueologia**, v. 32, n. 2, p. 61-85, 2019.

HODDER, Ian. Agency and individuals in long-term processes. In: **Agency in archaeology**. Routledge, 2000.

HODDER, Ian. *Reading the Past: Current Approaches to Interpretation in Archaeology*. Cambridge: **Cambridge University Press**, 1986.

HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de canudos** - uma revisão histórica. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

IGHB, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Disponível em: <https://www.ighb.org.br/>. Acessado em 26 de maio de 2024.

JOHNSON, Donald-Brian. Spongeware satisfies need for decorative and durable wares. **Antique Trader**, 9 jul. 2015. Disponível em: <https://www.antiquetrader.com/collectibles/spongeware-satisfies-need-for-decorative-and-durable-wares>. Acesso em: 16 jun. 2025.

JUCÁ, Arthur. Análise do material do Sítio Arqueológico Quatro Amores, Povoado Caroba, **Areia Branca-SE**. Anais do IX ENAP, 2012.

KRICHTAL, Alexey. Liverpool and the raw cotton trade: a study of the port and its merchant community, 1770-1815. **Tese de Doutorado**. Open Access Te Herenga Waka-Victoria University of Wellington, 2013

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre, Posenato Arte & Cultura, 1988.

LA SALVIA, Regina M.; BROCHADO, José A. Cerâmica: caracterização e análise. In: FUNARI, P. P. A. (org.). **Arqueologia de sítios históricos no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1988.

LESSA, R. Os grupos ceramistas da Serra da Barriga: caracterização da tecnologia cerâmica no contexto da Tradição Aratu. **Revista Clio Arqueológica**, Recife, v. 25, n. 2, p. 113–136, 2010.

LESSA, Simone Narciso. Identidade Sertaneja e Meio Ambiente no Início do Século XXI. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, 2011.

LIMA, Tânia Andrade de. **A aplicação da fórmula South a sítios históricos do século XIX**. 1. ed. Local: Editora, 1989.

LIMA, Tania Andrade. Arqueologia Histórica no Brasil: balanço bibliográfico (1960-1991). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 225–262, 1993.

LIMA, Tânia Andrade. O papel da arqueologia histórica no mundo globalizado. In: SENATORE, M. X. e ZARANKIN, A. **Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul**: cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires: Ediciones Del Trident (Colección Científica), 2002. p. 117-127.

LIMA, Tania Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. **Anais do Museu Paulista**: história e cultura material, v. 3, p. 129-191, 1995.

LINO, J. T. Escavando em campo minado: as paisagens arqueológicas de conflitos bélicos. **Revista de Arqueologia**, v. 35, n. 3, p. 119-136, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.24885/sab.v35i3.997>. Acesso em: 07 abr. 2025.

LINO, J. T.; SYMONDS, J. Arqueologia da Guerra do Contestado (1912–1916): conflito, cultura material e memória. **Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 15, n. 1, p. 6-23, 2021. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v15i1.15894>.

LINO, Jaisson Teixeira. Conflitos e resistência: arqueologia do conflito e cultura material no Brasil. **São Paulo**: Ed. UNIFESP, 2022.

LINO, Jaisson; SYMONDS, James. “Conflict Landscapes and Indigenous Resistance: Archaeology and the Contestado War (1912–1916) in Brazil.” *Journal of Conflict Archaeology*, v. 7, n. 1, p. 1–23, 2021.

LÚCIDE, Dayse; KALIL, Tamar. **Oficina: Como realizar entrevista/história oral**. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – **UFVJM – PROEXC**, 2010.

MACEDO, Nertan. **Antônio Conselheiro**: A Morte e Vida do Beato de Canudos. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Entre guardas e casarões: um pouco da história do interior do RS – uma perspectiva arqueológica. Tese (Doutorado em Arqueologia) – **Museu de Arqueologia e Etnologia**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MACIEL, Regina Heloisa; LOPES, Taise Araújo; GONÇALVES, Rosemary Cavalcante. Ports modernization and its influence on trade unions. **Work**, v. 41, n. Supplement 1, p. 5775-5777, 2012.

MAIA, Cláudio Lopes (org.). **Canudos**: um povo entre a Utopia e Resistência. Goiânia: CEPEC, 1999.

MASCARENHAS, Durval. Canudos: a memória dos vencidos. **Salvador**: EDUFBA, 1997.

MEDEIROS, Maria Eduarda Soares Dias de. Vidas Partidas: Cultura Material e Conflito no Seridó Potiguar Oitocentista. Dissertação (**Mestrado em Arqueologia**) – UFRN, Natal, 2025.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. “Meu empenho foi ser o tradutor do universo sertanejo”: entrevista com José Calasans. **Luso-Brazilian Review**, Madison, v. 30, n. 2, p. 23–33, 1993. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3513951>.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MENEZES, Henrique. Canudos: ecos da exclusão social no sertão nordestino. **Salvador**: EDUFBA, 2009.

MILLER, Daniel (ed.) **Material Cultures: Why Some Things Matter**. London: UCL Press, 1998.

MILLER, Daniel. **Material Culture and Mass Consumption**. Oxford: Blackwell, 1987.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

MILLER, George L. A revised set of CC index values for classification and economic scaling of English ceramics from 1787 to 1880. **Historical Archaeology**, v. 33, n. 1, p. 1–25, 1999. Disponível em: https://sha.org/assets/documents/Miller_CC_Values.pdf. Acesso em: 18 jun. 2025.

MILLER, George L. Valores indexados revisados para louças CC, visando classificação e seriação econômica de cerâmicas inglesas de 1787 a 1880. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 3, n. 1, p. 102-140, 2009.

MONTEIRO, John Manuel. Tupis, Tapuias e Historiadores: **Estudos de História Indígena e do Indigenismo**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOTTA, Celso. Modernidade e sertão: reflexões sobre Canudos e a formação do Brasil. **Rio de Janeiro**: EdUERJ, 2011.

MUNIZ, Tiago Silva Alves; GOMES, Denise Maria Cavalcante. Identidades materializadas na Amazônia Colonial: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX do sítio Aldeia, Santarém, PA. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 11, n. 2, p. 52-76, 2017.

NAJJAR, R. Catequese em Pedra e Cal: Estudo Arqueológico de Uma Igreja Jesuítica (Nossa Senhora da Assunção - Anchieta/ES). **Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo**, 2001.

NASCIMENTO, A.; LUNA, S. Procedimentos para a Análise da Cerâmica Arqueológica. **Clio Arqueológica**, n. 10, 1: 7-19. 1994

NASCIMENTO, Ana; LUNA, Suely. A cerâmica arqueológica dos sítios dunares no Rio Grande do Norte – Brasil. **Clio Arqueológica**, Recife, n. 25, p. 17–34, 1997.

NASCIMENTO, Delson; LUNA, Suely. Arqueologia histórica: teoria, método e prática. Recife: **UFPE**, 1994.

NISSINEN, Daniela Mei Lipp. Reconstituo fragmentos materiais e socioculturais: o pedaço de louça de faiança fina do Museu Joaquim José Felizardo. **Revista História da Arte e Arqueologia**, v. 31, n. 2, p. 87–104, 2023.

NÓBREGA, José Dionísio. Euclides da Cunha e o sertão de Canudos: ensaio sobre o povoamento da região. Salvador: **Edufba**, 2010.

NOGUEIRA, Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos**: A obra manuscrita de Antônio Conselheiro. São Paulo: CEN, 1974.

NOGUEIRA, Ataliba. Antônio Conselheiro: a trajetória do beato de Canudos. **São Paulo**: Paz e Terra, 1978.

NOVAIS FILHO, J. A. De “Inteligente, Mas Sem Cultura” a “Indivíduo Perigoso”: Antônio Conselheiro na Imprensa Soteropolitana (1876-1893). **Revista Binacional Brasil-Argentina**: Diálogo Entre As Ciências, 2020, 1(2), 55-70.

NUNES, Gustavo Assumpção. Antônio Conselheiro e a imprensa carioca: uma análise das representações do fundador de Canudos nos Jornais Gazeta de Notícias o Apóstolo (1890-1899). **Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro**, 2023.

OLIVEIRA, Ana Joaquina da Cruz. O “dicumê” está pronto! A influência das práticas alimentares da nova cozinha no cotidiano dos habitantes da Fazenda Prazeres-Bertolândia, Piauí. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 13, n. 1, p. 115-135, 2019.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Povos indígenas no Brasil: identidade, territorialidade e política. In: ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. (Orgs.). **Territorialidades e conflitos**. Manaus: PPGSCA/Ufam; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 2017. p. 21–48.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos índios misturados? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana, Rio de Janeiro**, v. 4, n. 1, p. 47-77, 1998. BIBANPOCS

ORSER JR., Charles E. Historical Archaeology. 2. ed. Upper **Saddle River: Pearson**, 2004.

PAULA, Eurípedes Simões. Canudos-Origem e Desenvolvimento de um Arraial Messiânico. **Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**, Bahia, 2. p. 461-477. 1974.

PEIXOTO, Luciana da Silva. A louça e os modos de vida urbanos na Pelotas oitocentista. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – **Universidade Federal de Pelotas**, Pelotas, 2009. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6168>. Acesso em: 13 jun. 2025.

PEREIRA, José Hermes Martins. Louça paulista: as primeiras fábricas de faiança e porcelana de São Paulo. **EDUSP**, 2008.

PEREIRA, T. (2021). Tariffs and the textile trade between Brazil and Britain (1808-1860). **Estudos Econômicos** (São Paulo), 51(2), 311-342. <https://doi.org/10.1590/0101-41615124tzip>

PILEGGI, Aristides. **Cerâmica no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Martins, 1958.

PRAÇA, Sérgio; FREITAS, Andréa; HOEPERS, Bruno. Political appointments and coalition management in Brazil, 2007-2010. **Journal of Politics in Latin America**, v. 3, n. 2, p. 141-172, 2011.

QUEIROZ, Claudia Moreira. Chácara Xavier – um estudo de caso em Arqueologia Histórica. 2006. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – **Museu de Arqueologia e Etnologia**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

QUEIROZ, M. A. L. Os sertões e o mito de Canudos. **Rio de Janeiro: Francisco Alves**, 1977.

RAY, Anthony. La loza sevillana del siglo XVIII: piezas inéditas en los museos de Londres. **Laboratorio de Arte**, n. 11, p. 245–256, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12795/LA.1998.i11.12>. Acesso em: 18 jun. 2025.

REIS, J. J. **Canudos**: o arraial que não morreu. Companhia das Letras, São Paulo, 2ª Edição, 2013.

RENFREW, Colin; BAHN, Paul G. **Archaeology**: Theories, Methods, and Practice. Londres: Thames & Hudson, 2016.

RENFREW, Colin; Zubrow W. B. Ezra. **The Ancient Mind**. New York: Cambridge University Press, 1994 p. 191

RIBEIRO, A. **O povoamento do sertão baiano**. Salvador: EDUFBA, 1993.

RIBEIRO, M. C. et al. O uso do grafite enquanto escolha técnica em cerâmicas da Tradição Aratu no Sul da Bahia. **Revista de Arqueologia**, v. 36, n. 1, p. 145–169, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v36i1.1005>.

RICE, Prudence M. Pottery analysis: a sourcebook. **Chicago: University of Chicago Press**, 1987.

RICE, Prudence M. Pottery Analysis: A Sourcebook. Chicago: **University of Chicago Press**, 1987.

RICE, Prudence M. **Pottery analysis**: a sourcebook. University of Chicago press, 2015.

RIDINGS, Eugene W. Foreign predominance among overseas traders in nineteenth-century Latin America. **Latin American Research Review**, v. 20, n. 2, p. 3-27, 1985.

ROCHA JÚNIOR, Omar da.. O movimento Kiriri. Cadernos do Ceas, Salvador : Ceas, n.97, p.29-39, 1983.

ROCHA, Letícia de Sá. A tradição na produção de louças de mesa na região de Campo Largo, a Capital da Louça, no Paraná: investigação histórica das décadas de

1920 a 1960. **Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo**, 368 p, São Paulo, 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: **Edições Loyola**, 2000.

RODRIGUES, Igor Morais Mariano; GARDIMAN, Gilberto Guitte. Fora das grandes aldeias: o sítio Vereda III e suas informações complementares sobre sistemas de ocupação de grupos portadores de cerâmica associada à tradição Aratu-Sapucaí. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 27, p. 103-110, 2016.

RODRIGUES, Lúcia Lima; CRAIG, Russell. The role of government accounting and taxation in the institutionalization of slavery in Brazil. **Critical Perspectives on Accounting**, v. 57, p. 21-38, 2018.

RUGENDAS, Johann Moritz. Índio brasileiro com arco e flecha. 1820. **Óleo sobre tela**.

SAINT MARY'S UNIVERSITY. Scottish Spongeware. Halifax, NS: Department of Anthropology, **Saint Mary's University**, 2025. Disponível em: <https://www.smu.ca/anthropology/anthropology-scottish-spongeware.html>. Acesso em: 16 jun. 2025.

SALERNO, M. A. et al..Arqueologia, capitalismo e crítica: ecos de Mark Leone na Arqueologia Histórica Latinoamericana. Vestígios - **Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica**, v. 15, n. 2, 175-194, 2021.

SALERNO, Márcia; ZARANKIN, María Ximena. O cotidiano no passado: arqueologia histórica e cultura material. In: BARRETO, Cristiana (org.). **Arqueologia Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Annablume, 2007.

SALES, A. V. Guerra de Canudos (Bahia, 1997): Quem foi Antônio Conselheiro (03/07/1830 a 09/07/1897). No livro: **Guerra de Canudos** (pp.39-73), Edição: 1, Capítulo: 3, Editora: Editora da Universidade Federal da Paraíba EdUFPB, 2023.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Canudos**: cartas para o Barão. EdUSP, 1999.

SANTOS, P. Contentores de bebidas alcoolicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista. 2005. **Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2005.

SCHÁVELZON, D. Catálogo de cerâmicas históricas de Buenos Aires (siglos XVI-XX) Con notas sobre la región del Río de la Plata. Buenos Aires: **Faar, Telefónica, Fadu, Cau**, 2001. CD-ROM.

SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. **Avá**, n. 17, p. 0-0, 2010.

SENA, Vivian Karla de. A produção cerâmica do sítio Macaguá I, no semiárido do Rio Grande do Norte: aspectos tecnológicos, culturais e relacionais. **Tese de Doutorado UFPE**, Recife, 2013.

SENA, Vivian Karla de. Caracterização do padrão de assentamento dos grupos ceramistas do semiárido pernambucano: um estudo de caso dos sítios arqueológicos de Araripina PE. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – **Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/686>. Acesso em: 19 jun. 2025.

SENA, Vivian Karla de. Caracterização do padrão de assentamento dos grupos ceramistas do semiárido pernambucano: um estudo de caso dos sítios arqueológicos de Araripina – PE. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – **Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, 2007.

SENA, Vivian Karla de. Reconsiderando a materialidade no sítio arqueológico Macaguá I. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) – **Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, 2013.

SHEPARD, Anna O. Ceramics for the Archaeologist. **Carnegie Institution of Washington**, 1956.

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da; SOUZA, Hozana Danize Lopes de; BASTISTA, Kayann Gomes. Arqueologia histórica e sertaneja no Seridó Potiguar – O

sítio Culumins, Caicó, Rio Grande do Norte, Brasil. **Clio Arqueológica**, Recife, v. 35, n. 3, p. 234- 285, 2020.

SILVA, Alíson Oliveira da; BEZERRA, Maria do Socorro Sales Felipe. A participação de ex-escravos na Guerra de Canudos: uma breve (re)análise da história. **Revista de História**, vol. 58, no. 1, 2013, pp. 1-16.

SILVA, Elis Pacifico. A construção de uma identidade nacional brasileira em visões estrangeiras (1808-1822). **Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo**, 2015.

SIMÕES, Mário F. Índice das fases arqueológicas brasileiras (1950–1971). Belém: **Museu Paraense Emílio Goeldi**, 1972. (Publicações Avulsas, n. 18).

SOARES, Eliane. História social dos fumos: o uso e a representação do tabaco nas Minas setecentistas. Dissertação (Mestrado em História) – **Universidade Federal de Minas Gerais**, 2010.

SOARES, Fernanda Codevilla. Vida material de Desterro no século XIX: as louças do Palácio do Governo de Santa Catarina, Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia) – **Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro**, Vila Real, 2011.

SOUTH, S. Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. **R.L.**, 1978.

SOUTH, Stanley. Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. In: **Historical Archaeology**. Routledge, 2019. p. 68-82.

SOUTH, Stanley. Reconhecimento de padrões na Arqueologia Histórica. **Vestígios: revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 1, n. 1, p. 133-153, 2007.

SOUZA, Hozana Danize Lopes de. Arqueologia histórica no sertão do Seridó: uma abordagem a partir do sítio arqueológico Oiticica 17. **Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco**, 2024.

SOUZA, Hozana Danize Lopes de. Sítio Culumins: um olhar sobre o sertão do Seridó, séculos XVIII e XIX. **Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2021.

SOUZA, Jessé. **A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

SOUZA, Márcia Bezerra de. Objetos fora do lugar? A presença de louça no contexto escravo em engenhos do Nordeste do Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia) – **MAE/USP**, 2013.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. Viagem pelo Brasil (1817–1820). São Paulo: **Companhia Editora Nacional**, 1938. 3 v.

SUASSUNA, Ariano. **Farsa da boa preguiça**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

SYMANSKI, L. C. P. Louças e auto-expressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: ZARANKIN, A.; SENATORE, M. X. (Orgs.). Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas. **Buenos Aires: Ediciones del Tridente**, 2002. p. 31–62.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. “Práticas econômicas e sociais no sertão cearense no século XIX: um olhar sobre a cultura material de grupos domésticos sertanejos”. **Revista de Arqueologia**, v. 21 (2), 2008.

SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. Arqueologia histórica no Brasil: uma revisão dos últimos vinte anos. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 9–32, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.24885/sab.v27i2.436>.

SYMANSKI, Luis; AZEVEDO, Paula de Aguiar Silva. Cerâmicas, consumo e crioulização na senzala da Fazenda do Colégio de Campos dos Goytacazes (RJ). **Revista de Arqueologia**, v. 38, n. 1, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/1384>. Acesso em: 20 jun. 2025.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Max Weber: o processo de racionalização e o desencantamento do trabalho nas organizações contemporâneas. **Revista de Administração Pública**, v.43, n.4, p.897-918, 2009.

TOCCHETTO, Fernanda Bordin et al. **A faiança fina em Porto Alegre**: vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

TOCCHETTO, Fernanda. Fica dentro ou joga fora?: Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista. **Revista de Arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 59–69, 2003.

TOCCHETTO, Fernanda; MEDEIROS, João Gabriel Toledo. A louça em lixeiras urbanas: reflexões sobre atributos, datações e consumo em Porto Alegre. **Revista de Arqueologia**, v. 22, n. 1, p. 125–134, 2009.

TRIGGER, B. G. **História do Pensamento Arqueológico**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Odysseus, 2011.

TRIGGER, B. G. **The future of archaeology**. London: Thames & Hudson, 2006.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Arqueologia e reconstituição monumental do Parque Estadual de Canudos. Salvador: **UNEB/Centro de Estudos Euclides da Cunha**, 2002.

VELDEN, Flávio. Índios e Sertanejos: os Kiriri e a construção da identidade no norte da Bahia. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – **Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2003.

VENTURA, R. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. **Revista de Antropologia**, 40(2), 165-189, 1997.

VIANNA, A. M. **Euclides da Cunha, Racismo e a Crítica ao Massacre de Canudos**, 2016. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2022/06/16/euclides-da-cunha-racismo-e-a-critica-ao-massacre-de-canudos/>

VIDALI, Eudes Mata; CARVALHO, André Luís Souza de. Historiografia e Educação: A História da Abolição e de Canudos nas Ferramentas Pedagógicas de História. **Revista de História**, vol. 58, no. 1, pp. 1-16, 2013.

VILLA, Marco Antonio. Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. **São Paulo**: Ática, 2000.

WANDERLEI, L. A. O Combate da Arquidiocese da Bahia contra Antônio Conselheiro e seus Adeptos – uma Exigência de Autoridade 1876-1897. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo Entre As Ciências**, 1(2), 71-85, 2020.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4ª ed.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

XAVIER, Maria Gilca Pinto. **O processo de produção do espaço urbano em economia retardatária**: a aglomeração produtiva de Santa Cruz do Capibaribe (1960-2000). 2006.

ZANETTINI, et al. **Caracterização e metodologia de análise das louças**. 1996.

ZANETTINI, M. C.; GONZALEZ, N. L. **Arqueologia na caatinga**: Desvendando os segredos do passado árido do Brasil. Folha de São Paulo, 2023.

ZANETTINI, P. E. **Arqueologia e Reconstituição Monumental do Parque Estadual de Canudos**. UNEB, CEEC, 2001.

ZANETTINI, P. E. **Arqueologia Histórica de Canudos**: estudos preliminares. Salvador, Universidade do Estado da Bahia/Centro de Estudos Euclides da Cunha, 1996.

ZANETTINI, P. E. **Fazenda Velha**. Pesquisas realizadas em 1997. Disponível em <http://legacy.icnetworks.org/extranet/arqueologia/pt/tempo/canudos/fazendavelha00.htm>.

ZANETTINI, P. E. Pequeno roteiro para classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia**, Curitiba, v. 5, p. 117-130, 1986. Disponível em: <https://journals.kvasirpublishing.com/arq/article/view/49/0>. Acesso em: 03 set. 2024.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos. **Arqueologia, Curitiba**, v.5, p. 117-130, 1986

ZAPATERO, Gonzalo Ruiz. Escribir como arqueología, arqueología como escritura. *Anales de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Murcia*, **Murcia**, n. 30, p. 11–28, 2014.

ZAPATERO, Gonzalo Ruiz. Escribir como arqueología. *Arqueología como escritura*. In: **Anales de prehistoria y arqueología**. 2014. p. 11-28.

ZAR, Jerrold H. *Biostatistical Analysis*. 5. ed. **Upper Saddle River**, NJ: Prentice Hall, 2010.

Zarankin, A. & Senatore, M. X. (orgs.). **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**. Cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires, Ediciones del Tridente, Colección Científica, 2002, 127 pp.

ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (orgs.). *Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul: cultura material, discursos e práticas*. **Buenos Aires**: Ediciones del Tridente, 2002.

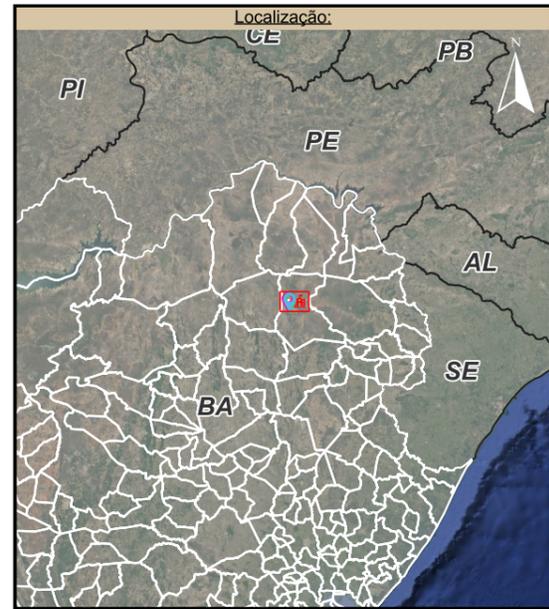
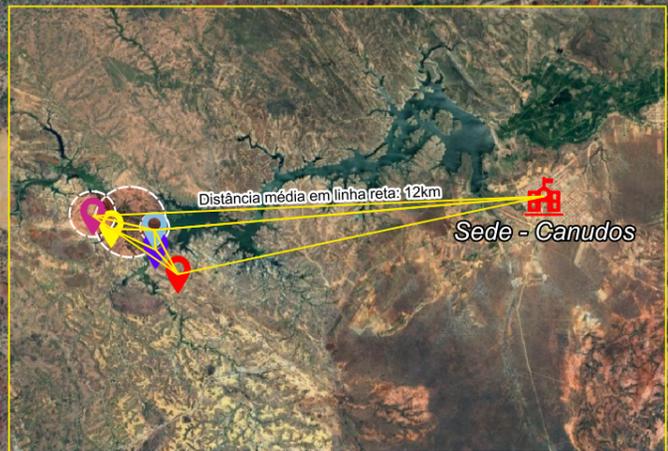
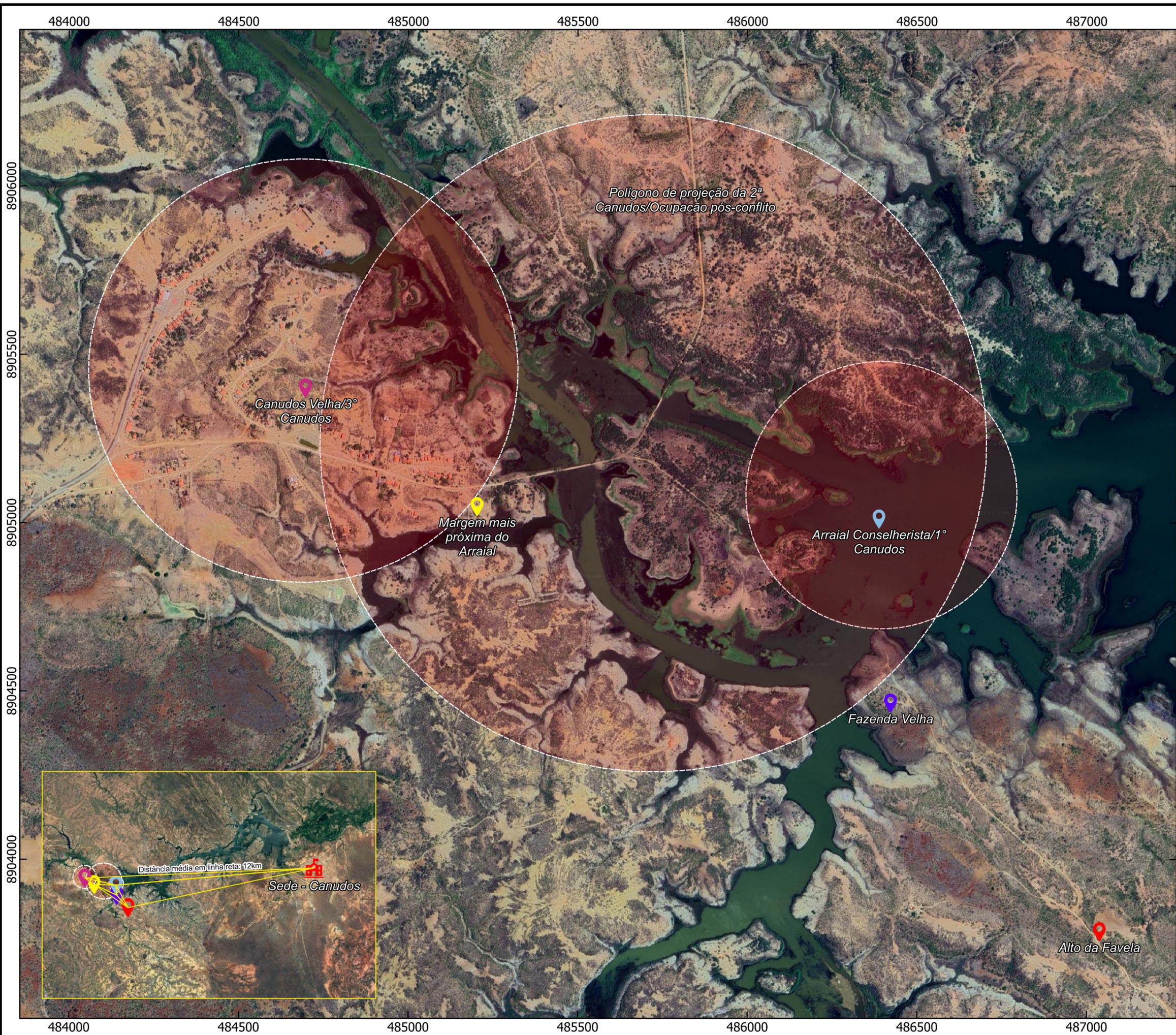
ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena. *Arqueología Histórica en América del Sur: un estado de la cuestión*. In: FUNARI, Pedro P. A.; ZARANKIN, A.;

SENATORE, M. X. (Orgs.). **Arqueologia da Sociedade Moderna na América Latina.**
Campinas: UNICAMP, 2002. p. 15-50.

ANEXOS

ANEXO I: MAPAS

ANEXO II: DADOS DA ANÁLISE DO MATERIAL ARQUEOLÓGICO



Título: Localizações históricas de Canudos - BA
Programa: Mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural
Data: Abril / 2025

Instituição:

PPGAP UFRB:

- Legenda:**
- Alto da Favela
 - Arraial Conselheirista/1º Canudos
 - Canudos Velha/3º Canudos
 - Fazenda Velha
 - Margem mais próxima do Arraial
 - Atual sede de Canudos - BA
 - Polígonos de projeção das ocupações
 - Limites Municipais
 - Limites Estaduais

Dados Técnicos:
 Sistema de referência de coordenadas (SRC): SIRGAS 2000 / UTM Zone 24S

1:9.500

A Malha Municipal retratada através da representação vetorial das linhas definidoras das divisas estaduais e limites municipais, foi obtida no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022).

Referências:
 Mapa de Felipe Sales, com informações de Paulo Régis dos Santos (2025), apresentado para Defesa de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural. Área de Concentração: Arqueologia. Linha de Pesquisa: Populações, Ambientes e Culturas. Orientadora: Profa. Dra. Sarah de Barros Viana Hissa.

39°8'W

39°8'W

39°7'W



9°53'S

9°53'S

9°54'S

9°54'S

9°55'S

9°55'S

9°55'S

9°55'S

39°8'W

39°8'W

39°7'W

Atual Sede de Canudos

Margem mais próxima do Arraial

Alto da Favela

Polígonos de projeção das ocupações

Arraial Conselheirista/1ª Canudos

Rio Vaza-Barris

Canudos Velha/3ª Canudos

Canudos

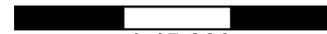
Fazenda Velha

Limite Municipal (IBGE, 2022).

Image: AIRBUS 2025 (R,G,B)

Datum: SIRGAS 2000

0 250 500 750 m

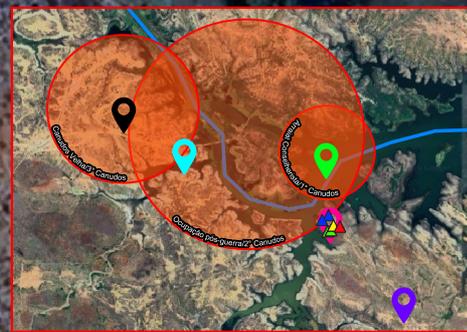


1:15.000

486360

486420

486480



8904560

8904560

8904480

8904480

8904400

8904400



486360

486420

486480

-  Fragmentos Cerâmicos
-  Estrutura de Alicerces
-  Fragmentos de Grés
-  Fragmentos de Louça

-  Alto da Favela
-  Arraial Conselherista/1ª Canudos
-  Canudos Velha/3ª Canudos
-  Fazenda Velha
-  Margem mais próxima do Arraial

-  Rio Vaza-Barris
-  Polígonos de projeção das ocupações

Image: AIRBUS 2025 (R,G,B)
 Datum: SIRGAS 2000 / UTM zone 24S

| | | | | | | | | | | | | | | | |
|------------------|------|------------------------|-------|----------|-----------|--------------------------------|-------------------------------|--------------|----------|------|------|---------|---------|--|--|
| Possivelmente FV | 2069 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Xicara | Servir | Transfer printing | Faixas e frisos | Marrom | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2070 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Xicara | Servir | Transfer printing | Faixas e frisos | Marrom | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2071 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | Transfer printing | Geométrico | Marrom | Asusente | 1820 | 1864 | 1842 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2072 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Xicara | Servir | Transfer printing | Geométrico e pontilhado | Marrom | Asusente | 1820 | 1864 | 1842 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2073 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1790 | 1840 | 1815 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2074 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1790 | 1840 | 1815 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2075 | F. Portuguesa | Base | Tirrina | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1780 | 1830 | 1805 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2076 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1790 | 1840 | 1815 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2077 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1790 | 1840 | 1815 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2078 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1790 | 1840 | 1815 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2079 | F. Portuguesa | Borda | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1780 | 1830 | 1805 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2080 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Malga | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2081 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | Malga | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1790 | 1840 | 1815 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2082 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão e carimbada | Faixas e frisos | NI | Asusente | 1945 | 1990 | 1970 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2083 | Falanga Fina/Creamware | Bojo | NI | NI | NI | NI | NI | Asusente | 1759 | 1815 | 1787 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2084 | Falanga Fina/Creamware | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | NI | Amarelo | Asusente | 1759 | 1815 | 1787 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2085 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2086 | F. Portuguesa | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Linha/arco | Azul | Asusente | 1780 | 1830 | 1805 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2087 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Xicara | Servir | Banhada | Faixas e frisos | Polícromico | Asusente | 1920 | 1900 | 1910 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2088 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Xicara | Servir | Banhada | Faixas e frisos | Preto | Asusente | 1920 | 1900 | 1910 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2089 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Faixa estreita azul sob o esm | Azul cobalto | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2090 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | Carretilha | Geométrico | Verde | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2091 | Falanga Espanhol | Bojo | NI | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Floral/faixas | Polícromico | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2092 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Sponge/Espoja | Floral | Verde | Asusente | 1840 | 1850 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2093 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | Carimbada | NI | Marrom | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2094 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Prato | Consumir | Transfer printing | Floral | Marrom | Asusente | 1828 | 1864 | 1846 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2095 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Transfer printing | NI | Verde | Asusente | 1784 | 1870 | 1827 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2096 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | Transfer printing | Romântico | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | | |
| Possivelmente FV | 2097 | Falanga Fina/Pearlare | Borda | NI | NI | Transfer printing | Geométrico | Azul | Asusente | 1764 | 1864 | 1824 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2098 | Falanga Fina/Whiteare | Base | NI | NI | Transfer printing | Romântico | Verde | Asusente | 1820 | 1920 | 1870 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2099 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | Sponge/Espoja | Floral | Vinho | Asusente | 1845 | 1935 | 1890 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2100 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2101 | Falanga Fina/Whiteare | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2102 | Falanga Fina/Whiteare | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2103 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Jarro | Decorar | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2104 | Falanga Fina/Whiteare | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2105 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Prato | Consumir | NI | NI | NA | Asusente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2106 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Jarro | Decorar | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2107 | Porcelana | Base | Castical | Decorar | NI | NI | NA | Presente | 1850 | 1951 | 1900,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2108 | Falanga Fina/Pearlare | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1779 | 1840 | 1809,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2109 | Ironstone | Base | Botija | Armazenar | NI | NI | NA | Presente | 1840 | 1951 | 1895,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2110 | Ironstone | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1840 | 1951 | 1895,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2111 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1840 | 1951 | 1895,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2112 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1840 | 1951 | 1895,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2113 | Ironstone | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1840 | 1951 | 1895,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2114 | Ironstone | Base | Jarro | Decorar | NI | NI | NA | Presente | 1840 | 1951 | 1895,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2115 | Falanga Fina/Whiteare | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2116 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Jarro | Decorar | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2117 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Pote | Servir | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2118 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Prato | Consumir | NI | NI | NA | Asusente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2119 | Falanga Fina/Whiteare | Base | NI | NI | NI | NI | NA | Presente | 1820 | 1940 | 1880 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2120 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Transfer printing | Romântico | Azul cobalto | Asusente | 1820 | 1870 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2121 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Banhada | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1845 | 1850 | 1847,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2122 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Carimbada | Floral | Azul cobalto | Asusente | 1845 | 1850 | 1847,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2123 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | NI | NI | NA | Asusente | 1779 | 1840 | 1809,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2124 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Carimbada | Pontilhado | Azul cobalto | Asusente | 1845 | 1850 | 1847,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2125 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | Tirrina | Armazenar | Carimbada | NI | Azul cobalto | Asusente | 1845 | 1850 | 1847,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2126 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Banhada | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1840 | 1850 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2127 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Polícromico | Asusente | 1779 | 1840 | 1809,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2128 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Transfer printing | Romântico | Verde | Asusente | 1820 | 1870 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2129 | Falanga Fina/Pearlare | Borda | Malga | Consumir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul | Asusente | 1850 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2130 | Falanga Fina/Pearlare | Borda | Pires | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1759 | 1815 | 1787 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2131 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1850 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2132 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1850 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2133 | Falanga Fina/Pearlare | Borda | Prato | Consumir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1850 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2134 | Falanga Fina/Pearlare | Borda | Pires | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Verde | Asusente | 1850 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2135 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Malga | Consumir | Banhada | Apenas faixa | Vinho | Asusente | 1850 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2136 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Tijela | Consumir | Printada à mão e carimbada | NI | Polícromico | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2137 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Prato | Consumir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Verde | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2138 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Xicara | Servir | Sponge/Espoja | Floral | Azul cobalto | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2139 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Xicara | Consumir | Carimbada | Floral | Verde | Asusente | 1945 | 1950 | 1947,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2140 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | NI | NI | NI | NI | NA | Asusente | 1779 | 1840 | 1809,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2141 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Xicara | Servir | Carimbada | Floral | Verde | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2142 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Bule | Servir | Transfer printing | Floral | Polícromico | Asusente | 1828 | 1864 | 1846 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2143 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Bule | Servir | Transfer printing | Floral | Polícromico | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2144 | Porcelana | Base | Xicara | Servir | Transfer printing | Floral | Polícromico | Asusente | 1850 | 1951 | 1900,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2145 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Bule | Servir | Transfer printing | Floral | Polícromico | Asusente | 1828 | 1864 | 1846 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2146 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | NI | NI | NA | Asusente | 1779 | 1840 | 1809,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2147 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | Jarro | Decorar | Printado à mão sobre o esmalte | Floral | Polícromico | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2148 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Carimbada | NI | Verde | Asusente | 1845 | 1940 | 1892,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2149 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | NI | Printada à mão e carimbada | Floral | Polícromico | Asusente | 1845 | 1900 | 1872,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2150 | Porcelana | Base | Chaleira | Servir | Transfer printing | Linha/arco | Ouro | Asusente | 1850 | 1951 | 1900,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2151 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Caneca | Consumir | Transfer printing | Floral | Verde | Asusente | 1828 | 1864 | 1846 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2152 | Falanga Fina/Whiteare | Base | Caneca | Consumir | Transfer printing | Floral | Polícromico | Asusente | 1828 | 1864 | 1846 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2153 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Caneca | Consumir | Transfer printing | Floral | Polícromico | Asusente | 1828 | 1864 | 1846 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2154 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Prato | Consumir | Transfer printing | Floral | Azul cobalto | Asusente | 1828 | 1864 | 1846 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2155 | Porcelana | Base | Bule | Servir | Transfer printing | Linha/arco | Ouro | Asusente | 1850 | 1951 | 1900,5 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2156 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Prato | Consumir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Vinho | Asusente | 1845 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2157 | Falanga Fina/Pearlare | Bojo | NI | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul | Asusente | 1850 | 1840 | 1845 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2158 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Prato | Consumir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Verde | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2159 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Pires | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2160 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Malga | Consumir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2161 | Falanga Fina/Whiteare | Bojo | Prato | Servir | Printado à mão sobre o esmalte | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1820 | 1860 | 1840 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2162 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Prato | Consumir | Banhada | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1920 | 1900 | 1910 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2163 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Prato | Consumir | Banhada | Apenas faixa | Azul cobalto | Asusente | 1920 | 1900 | 1910 | Não tem | | |
| Possivelmente FV | 2164 | Falanga Fina/Whiteare | Borda | Prato | Consumir | Banhada | Apenas faixa | Azul cobalto | | | | | | | |

Análise de Cerâmica - Felipe Sales, arqueólogo

| Origem | Código 02 | Tipo | Técnica de Produção | Morfologia do fragmento | Forma | Função | Queima | Técnica de decoração | Antiplástico | Tratamento de decoração/tratamento | Cor da peça | Marca de uso/modificações | Contexto relativo | Observações |
|-----------------------|-----------|----------|---------------------|-------------------------|-------|--------|----------|----------------------|--------------|------------------------------------|---------------|---------------------------|-------------------------|-------------|
| Possivelmente Arraial | 828 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 827 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Não | Policromática | Desgaste | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 824 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Oxidante | Escovado | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 825 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 826 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 821 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Redutora | NI | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 819 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Redutora | NI | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 823 | Cerâmica | Roletes | Bojo | NI | NI | Redutora | NI | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 810 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | Mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 815 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 814 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 822 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 817 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 795 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 820 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 801 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 813 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 818 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 811 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 791 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 816 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 798 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 808 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 793 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 797 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 803 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 807 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 799 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 804 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 806 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 805 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 809 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 812 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 794 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 802 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 796 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 792 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 800 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 783 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 789 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 788 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 790 | Cerâmica | Roletes | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 337 | Cerâmica | Modelagem | Bojo | NI | NI | Oxidante | NI | mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |
| Possivelmente Arraial | 338 | Cerâmica | Modelagem | Bojo | NI | NI | Oxidante | Ausente | mineral | Não | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico | |

| | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|------|----------|-----------|------------|----|----|----------|----------|---------|------------|---------------|-----------------|---|
| Possivelmente Arraial | 1882 | Cerâmica | modelagem | Base | NI | NI | Redutora | Alisado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico |
| Possivelmente Arraial | 1870 | Cerâmica | modelagem | NI | NI | NI | NI | NI | NI | NI | NI | Não tem | Possivelmente Histórico |
| Possivelmente Arraial | 1869 | Cerâmica | modelagem | Borda | NI | NI | Redutora | Alisado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico Aplique Entalhado |
| Possivelmente Arraial | 1867 | Cerâmica | modelagem | Borda | NI | NI | Redutora | Alisado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico Aplique Entalhado |
| Possivelmente Arraial | 1884 | Cerâmica | modelagem | Borda | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Fuligem | Possivelmente Histórico |
| Possivelmente Arraial | 1868 | Cerâmica | modelagem | Borda | NI | NI | Redutora | Alisado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico Aplique Entalhado |
| Possivelmente Arraial | 1883 | Cerâmica | modelagem | Borda/Alça | NI | NI | Redutora | Alisado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Fuligem | Possivelmente Histórico |
| Possivelmente Arraial | 1871 | Cerâmica | modelagem | Alça | NI | NI | Redutora | Alisado | Mineral | NI | Monocromática | Não tem | Possivelmente Histórico |
| Possivelmente Arraial | 1874 | Cerâmica | modelagem | Borda | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Reparo/restauro | Possivelmente Histórico |
| Possivelmente Arraial | 1872 | Cerâmica | modelagem | Borda | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Reparo/restauro | Possivelmente Histórico |
| Possivelmente Arraial | 1873 | Cerâmica | modelagem | Borda | NI | NI | Redutora | Escovado | Mineral | Alisamento | Monocromática | Reparo/restauro | Possivelmente Histórico |